

2. MOMENTO: PROYECTOS DE LICENCIAMIENTO

SECUENCIA
CRONOLÓGICA

EDIFÍCIO GARANTIA

LICENÇA N. 1746 DE 18 DE DEZEMBRO DE 1936

LICENÇA N. 797 DE 23 DE JUNHO DE 1937

REQUERENTE: COMPANHIA DE SEGUROS GARANTIA

TERMO DE RESPONSABILIDADE: JÚLIO JOSÉ DE BRITO

Para o Edifício Garantia **FIG. 33 a 58** foram feitos dois processos de licenciamento em anos consecutivos, um para a zona do gaveto e outro para a sua extensão na Rua de Sá da Bandeira **FIG. 300 A 311**.

Na planta do 4º andar do primeiro licenciamento **FIG. 305** detectam-se alguns pontos que diferem do observado durante a visita ao apartamento com acesso pela Rua de Fernandes Tomás **COMPARAR COM A FIGURA 46**, tal como a viragem no cunhal, onde surge um pequeno espaço triangular, mas que pudemos verificar não ter sido a solução adoptada em obra. Outra notória diferença está no desenho da recepção dos espaços da habitação, cuja resolução tanto estranhámos durante a sua visita **FIG. 47 E 48**: no projecto, percebe-se que o uso das geometrias trianguladas nos patamares sucedia, não apenas para proporcionar o acesso ao compartimento orientado para a rua no alinhamento das escadas, mas também de forma a conseguir criar um hall de generosas dimensões; embora se entenda que, pelas consequências que a solução tinha no compartimento que lhe é adjacente, implicando uma antecâmara de entrada, esta tenha sido abandonada, a alteração em obra tornou ainda mais insólita esta situação. No 5º piso **FIG. 306**, a entrada faz-se directamente no corredor e o acesso ao compartimento do lado da rua, alinhado pelas escadas, é feita pelo compartimento adjacente, simplificando a solução com geometrias ortogonais.

Num edifício destinado essencialmente a habitação, temos escritórios com entradas e escadas comuns apenas no 1º piso **FIG. 304 e 308**, confirmando-se, no 2º licenciamento, destinar-se a habitação o apartamento onde, actualmente, funciona o escritório de advocacia **COMPARAR FIGURAS 55 E 309**.

No 1º licenciamento **FIG. 303 A 306**, somos surpreendidos pela adopção de um saguão nos andares encostados à empena da Rua de Fernandes Tomás; um corredor em “L”, que poderia resultar desconfortável com aquela estrangulada viragem, é solucionado com a claridade do saguão no seu enfiamento desde a entrada. Nestes, como noutros dos apartamentos visitados, o saguão, para além das áreas de circulação, serve também as casas de banho e, enquanto os quartos dos apartamentos visitados deste edifício usufruíam sempre de uma excelente exposição solar, neste já temos quartos orientados a norte.

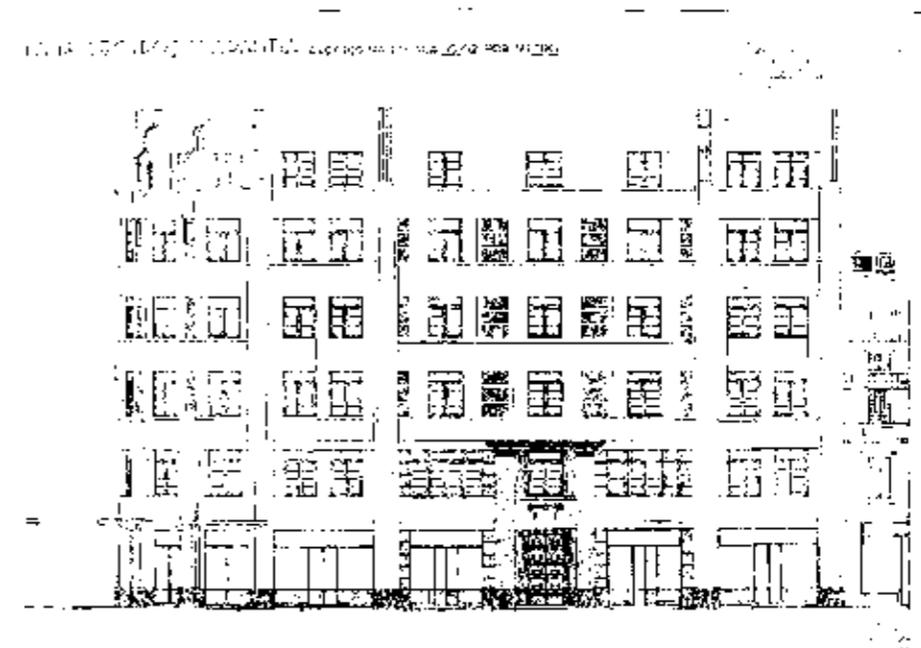
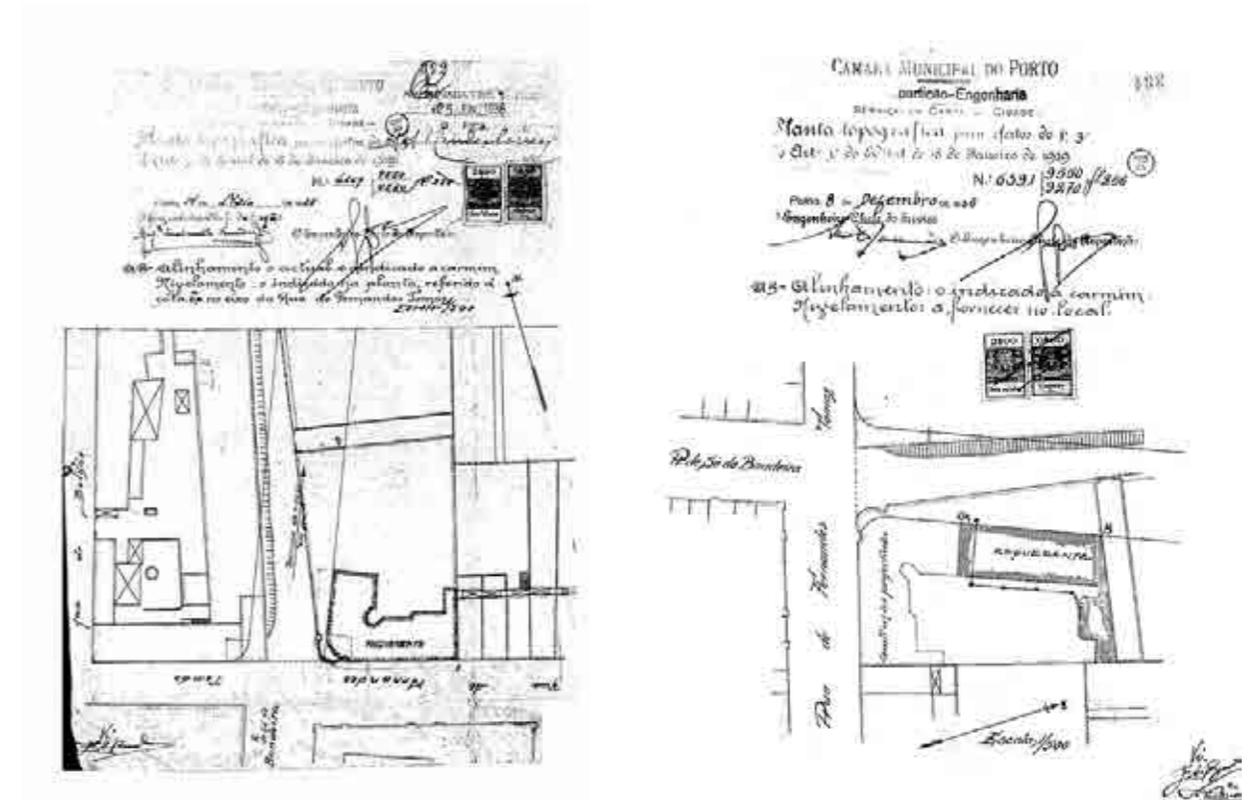


FIG. 300 Planta de implantação
Lic. nº 1746 de 1936
FIG. 301 Planta de implantação
Lic. nº 797 de 1937
FIG. 302 Alçado Lic. nº 1746 de 1936

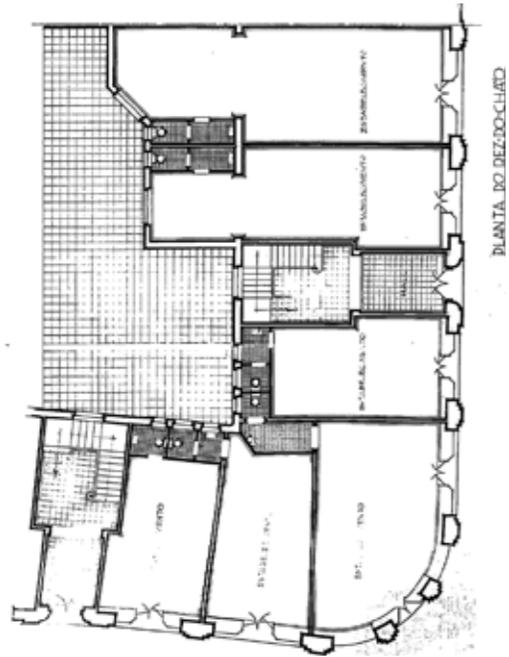


FIG. 303 Rés-do-chão

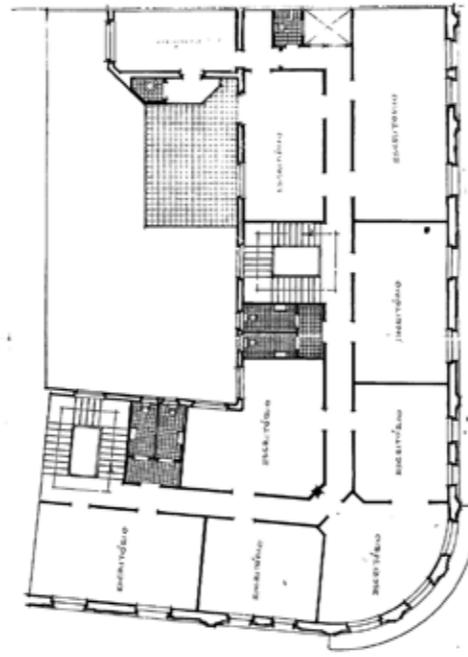


FIG. 304 Primeiro andar

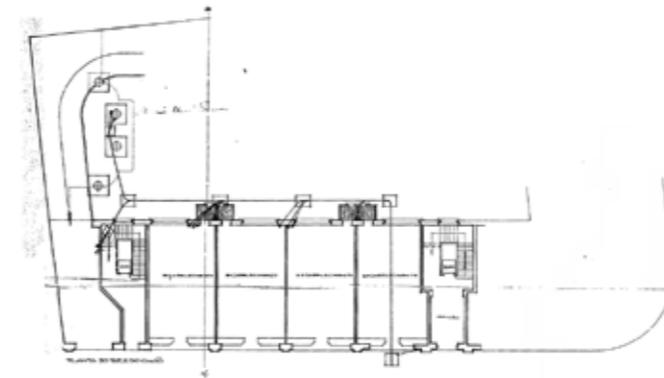


FIG. 307 Rés-do-chão

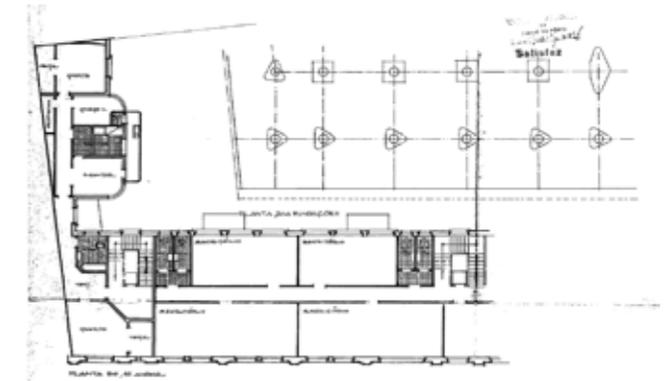


FIG. 308 Primeiro andar

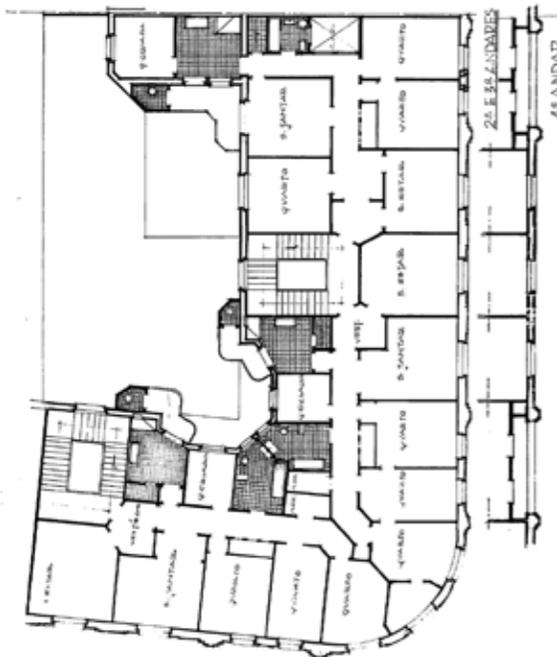


FIG. 305 Segundo, terceiro e quarto andares



FIG. 306 Quinto andar

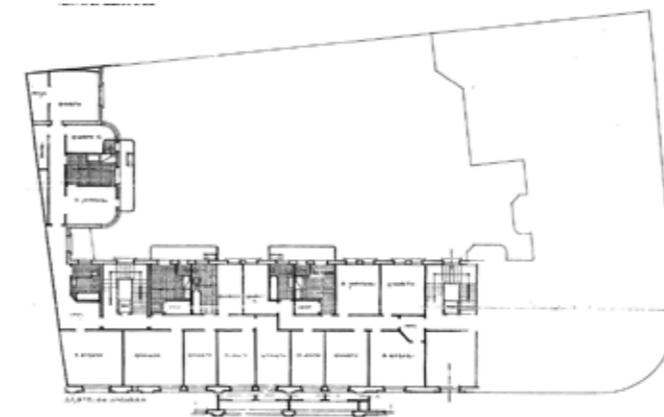


FIG. 309 Segundo, terceiro e quarto andares

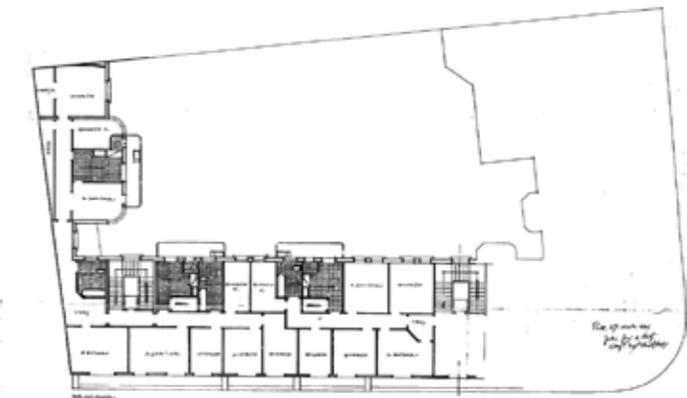


FIG. 310 Quinto andar

No corpo central de reduzida profundidade, no nível dos escritórios **FIG. 304 e 308**, um corredor longitudinal distribui para várias salas com casas de banho partilhadas. Em cada patamar superior **FIG. 305 e 309** temos acesso a duas habitações, onde um corredor sobreposto ao dos escritórios distribui para todos os compartimentos, exceptuando, como vimos, ao compartimento alinhado pelo patamar das escadas, com acesso directo a partir de um vestíbulo de entrada que privatiza o resto da habitação. Existe apenas uma pequena gradação no dimensionamento dos espaços correspondente a presumíveis funções que possam adquirir, deduzidas também pela sua localização desde a entrada, do público para o privado, mas não se distinguindo espacialmente os quartos das salas, quer na forma como se acede, quer a nível da proporção ou da fenestração; apenas estão verdadeiramente condicionados no seu uso os espaços com infra-estruturas, já que, nos restantes, não temos sequer móveis embutidos ou outros elementos que condicionem a sua função, flexibilizando a sua apropriação.

Na estrutura portante do edifício, embora se tenha mantido como uma estrutura mista de paredes exteriores portantes e alvenaria de perpianho com pilares e vigas de betão armado, detectam-se algumas incongruências no projecto e diferenças em relação ao observado durante as nossas visitas: nos cortes **FIG. 311**, podemos ver, numa cave destinada a estacionamento que ocupa todo o talhão, uma estrutura de betão com um pórtico no eixo longitudinal do edifício, embora apenas neste nível, a partir do qual se visualiza um pilar na planta do piso de escritórios **FIG. 304**, sem que o mesmo pilar se identifique no piso térreo **FIG. 303**; nos restantes pisos **FIG. 305 e 309**, a planta aparenta estar livre de qualquer elemento portante no seu interior, no entanto, no apartamento sob o terraço do piso recuado, existia parcialmente embebido numa parede do corredor aquilo que aparentava ser um pilar **FIG. 46** e o desenho aparente das vigas no tecto **FIG. 51** faz-nos deduzir outros pontos de apoio. Uma outra alteração ao projecto foi a substituição da cobertura em terraço **FIG. 311** prevista sobre o estacionamento (ainda que não se identifique por onde esta seria acessível) por uma cobertura leve de duas águas.

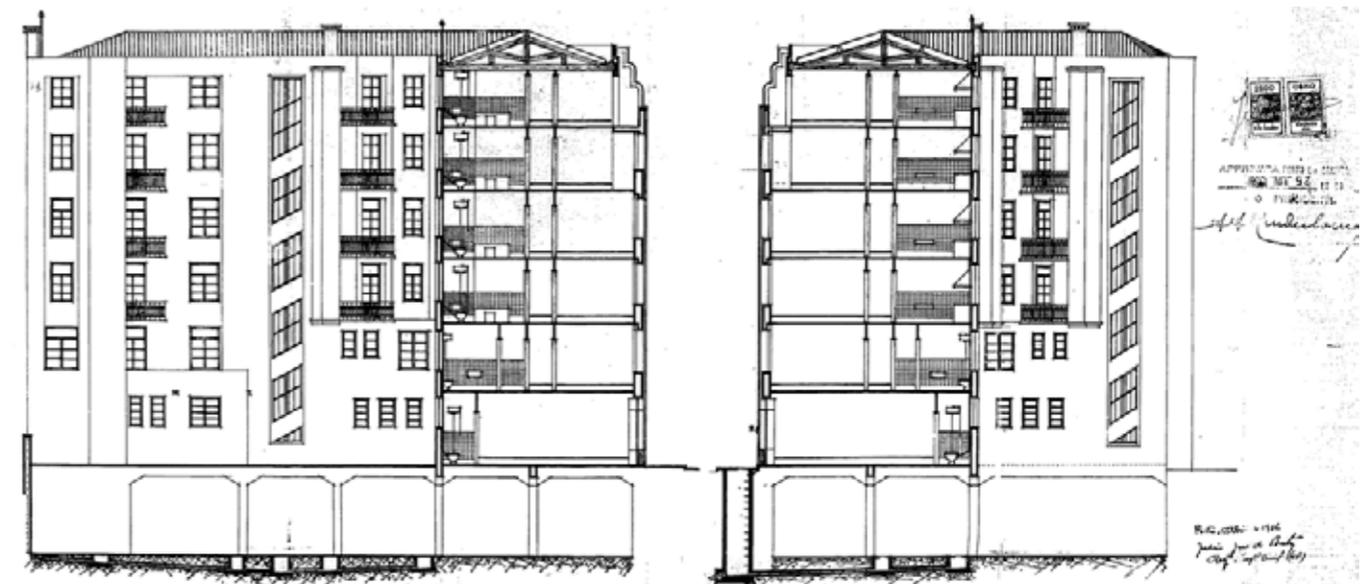


FIG. 311 Cortes Lic. nº 1746 de 1936

EDIFÍCIO GEMINADO DO INSTITUTO DE INGLÊS

LICENÇA N. 260 DE 16 DE MARÇO DE 1938
 REQUERENTE: EMILIA FERREIRA CAVADINHA PENÊDA
 TERMO DE RESPONSABILIDADE: JOSÉ FERREIRA PENÊDA

O desenho do alçado do Edifício do Instituto de Inglês FIG. 71 A 84 em projecto FIG. 313 distingue-se, em muitos aspectos, daquele que foi construído, resolvendo todos os desequilíbrios detectados FIG. 71: frisos e baixos-relevos na ombreira das janelas introduzem uma horizontalidade totalmente contrária à actual verticalidade; o destaque na silhueta dos corpos laterais, previsto no projecto, era essencial para o rematar superiormente de forma conveniente; na verdade, quando vista a planta FIG. 316, distinguimos uma quebra no alçado que neste não aparece representada e que denuncia hesitações que poderão ter estado na origem do sucedido.

A justificação para a duplicação das entradas e circulações, fazendo, do que poderia ser um prédio único, dois prédios geminados, mesmo quando fazem parte do mesmo processo de licenciamento, fomos encontrá-la num extracto da memória descritiva do processo de licenciamento: “o projecto a que esta memória se refere é de duas casas de rendimento a construir para a Ex.ª Sr.ª D.ª Emilia Ferreira Cavadinha Penêda, e Sr. Joaquim Ferreira dos Santos, nos seus terrenos da rua de Sá da Bandeira, desta cidade do Porto”¹.

Confirmando-se uma estrutura mista, da construção diz: “As paredes em elevação são feitas em perpianho e as restantes em tijolo. (...) Todos os pavimentos são feitos em betão armado”². Podemos ver que nas plantas FIG. 315 e 316 já estava previsto assumir o pilar de betão armado semi-embebido na parede FIG. 83, embora pareça haver em mente outro desenho para os tectos FIG. 82 onde, em projecto, se indicam enormes sancas e só nos pisos inferiores se representam projecções de vigas.

A organização dos seus pisos difere em alguns aspectos do projectado COMPARAR FIGURAS 75 E 316 sendo, a mais consequente de todas as diferenças, a configuração do hall de entrada; a distribuição dependia de uma sucessão de vestíbulos e previa a subdivisão do hall para criar uma ligação da cozinha à sala de jantar localizada, em projecto, num dos compartimentos orientados para a rua e pela qual se acedia ao compartimento que lhe é contíguo; as áreas de circulação eram seccionadas por várias passagens com porta de que se prescindiu na obra construída, reduzindo à gradação prevista do público para o privado mas ganhando em flexibilidade, sobretudo no espaço de recepção. Na planta FIG. 316 temos a representação de uma possível disposição do mobiliário de maior porte e podemos ver que nas áreas sociais está apenas considerada a sala de jantar, não se contemplando qualquer sala de estar; no entanto, esta representação não é de alguma forma condicionadora de futuras apropriações do espaço, percebendo-se ser meramente indicativa.

O projecto prevê o usufruto do logradouro pelo espaço comercial, acessível através do seu armazém FIG. 314, o que reflecte já uma atitude displicente para com este espaço o qual, naturalmente, acabou por ser coberto para ampliação das áreas de armazém.

1 Citação de PENÊDA, José Ferreira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 260 de 16 de Março de 1938).
 2 idem

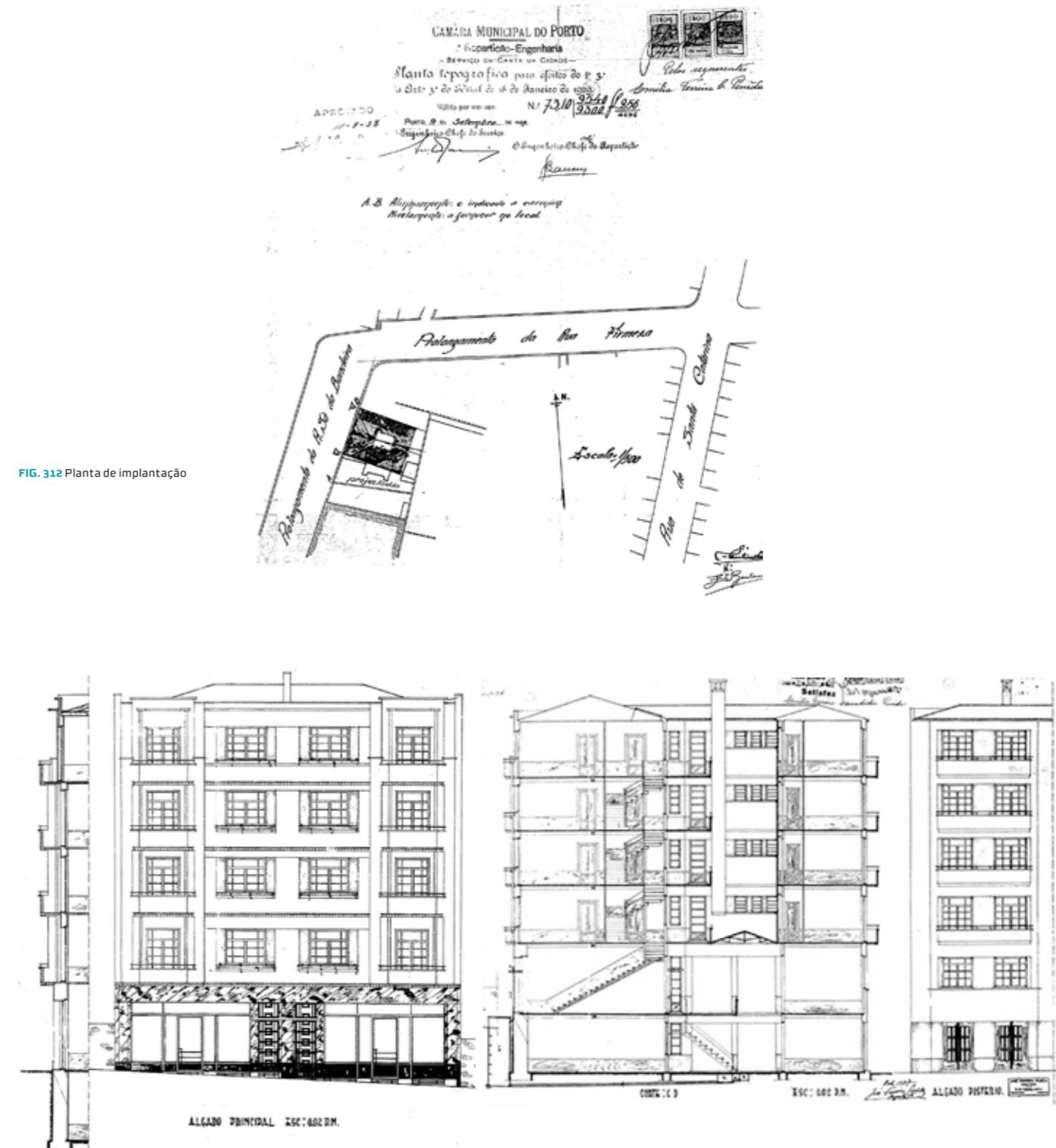


FIG. 312 Planta de implantação

FIG. 313 Corte de fachada e alçado principal

FIG. 314 Corte e alçado posterior

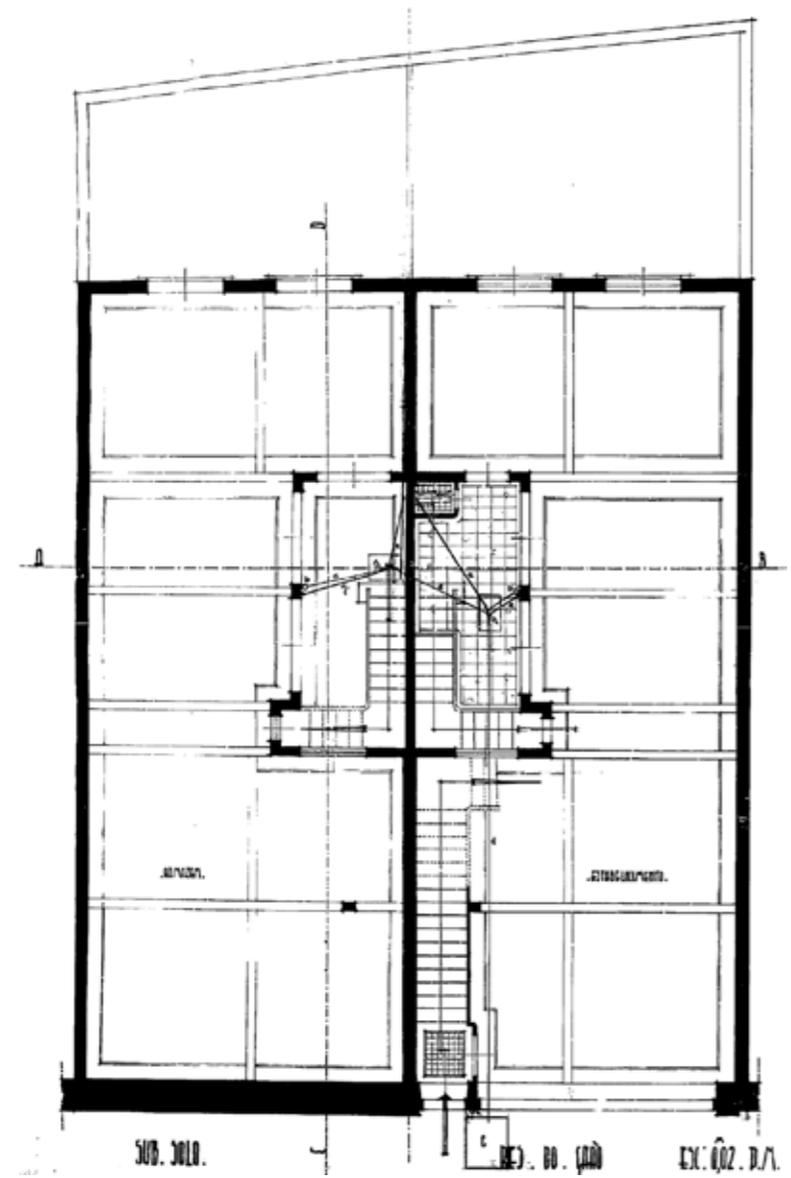


FIG. 315 Planta de sub-solo e rés-do-chão

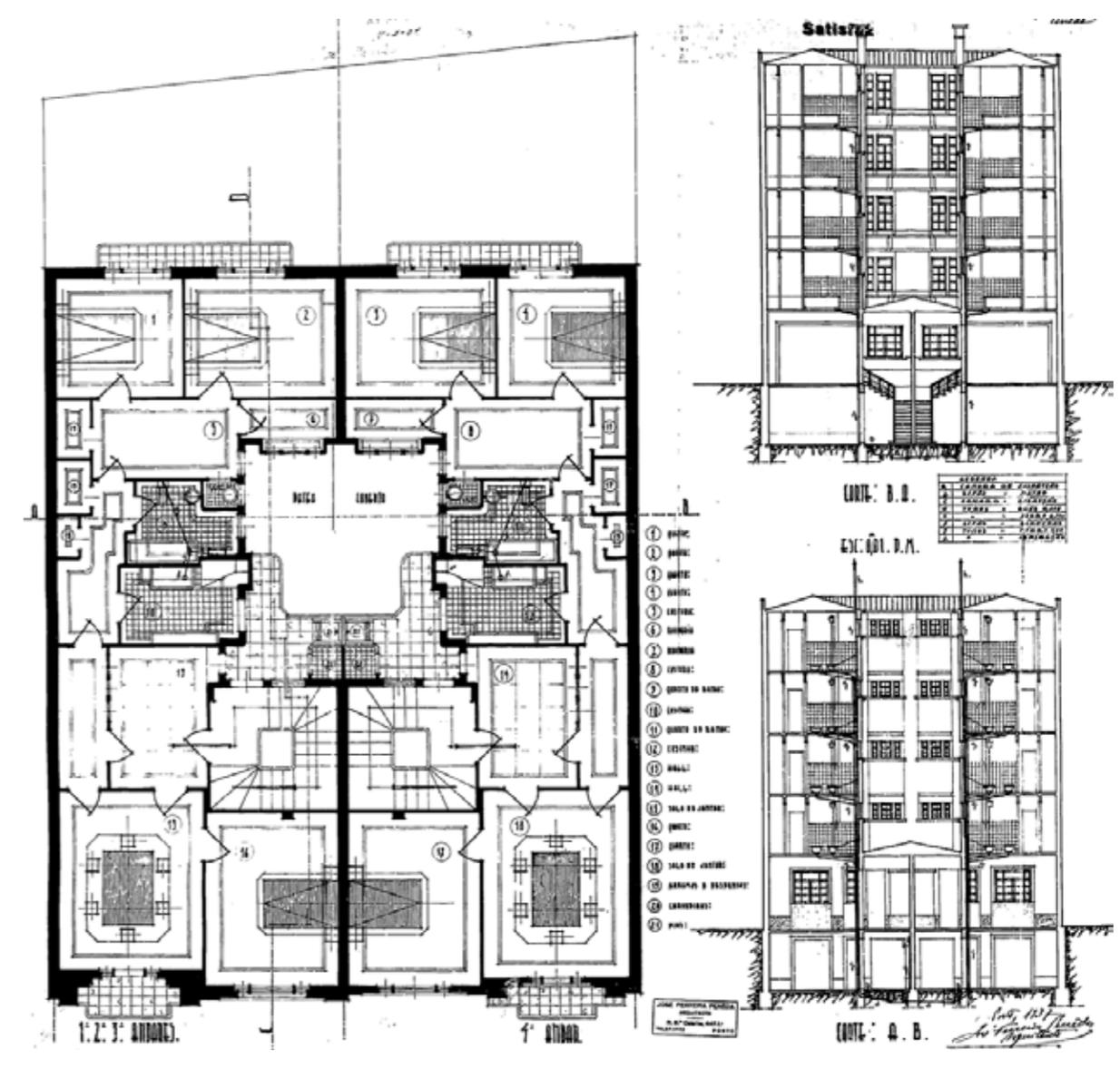


FIG. 316 Planta do 1º, 2º e 3º pisos e cortes

EDIFÍCIO TAAG

LICENÇA N. 941 DE 4 DE AGOSTO DE 1938

REQUERENTE: BERTHE DUPOISOT

TERMO DE RESPONSABILIDADE: JOSÉ FERREIRA PENÉDA

O acrescento do piso recuado que tanto desfigura o Edifício TAAG foi licenciado em aditamento [COMPARAR FIGURAS 85 E 318](#), mas a extrema densidade na ocupação do lote e as situações de interioridade que lhe estão associadas, já eram previstas no projecto inicial [FIG. 319 e 320](#).

Ainda que no texto da memória descritiva do processo de licenciamento se detectem discrepâncias relativamente às peças desenhadas [FIG. 319](#) na distribuição programática, damos conta da proposta de um programa bastante específico e pouco usual para o piso destinado à sua proprietária: “O projecto a que esta memória se refere compõe-se de caves, rez-do-chão, 1º, 2º, 3º e 4º andares que se destinam: As caves a arrumos, adegas e carvoeiras. O rez-do-chão a lojas comerciais. O 1º andar a escritórios. O 2º andar a habitação da proprietária e atelier da modista de chapéus. Finalmente, os dois últimos andares a quatro habitações, isto é, duas em cada pavimento.”¹ No projecto damos conta de que, para os andares no alinhamento daquele que visitamos [COMPARAR FIGURAS 86 E 319](#), apesar da interioridade destes apartamentos, se consegue dispor as divisões principais no alinhamento da fachada e virar para o pátio, apenas um quarto, as áreas de serviço e as casas de banho, e, curiosamente, nos andares orientados para a Rua da Firmeza [FIG. 319](#), com

maior frente, sacrificam-se alguns quartos a favor das casas de banho, que se orientam para a rua. São, de novo, apartamentos muito compartimentados, dispostos ao longo de corredores, tal como no Edifício Garantia, mas aqui sem a mesma qualidade de luz.

Ainda que faça depender do pátio [FIG. 87 A 92](#) a iluminação e ventilação de áreas consideráveis tal como se pode ver em projecto [FIG. 320](#), e ler na memória descritiva, já previa cobrir este espaço em projecto: “Este edifício terá um pátio central que lhe permitirá uma boa iluminação e arejamento. Este pátio será coberto com ferro e vidro 1,50m acima da parte mais alta do edifício e ficará aberto pelos quatro lados em todo o seu perímetro.”² Para além da estrutura com asnas de ferro na cobertura do terraço, temos, de novo, uma estrutura mista de alvenaria de perpianho e betão armado. Bastante revelador e surpreendente foi ver que o projecto, já nesta época no Porto, previa uma cobertura plana com um terraço acessível de usufruto comum, ainda que este nível tenha sido ocupado pelo piso recuado entretanto adicionado e coberto com a usual cobertura de telha.

¹ Citação de PENÉDA, José Ferreira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença no 941 de 4 de Agosto de 1938).
² idem



[FIG. 317](#) Planta de implantação
[FIG. 318](#) Alçado planificado

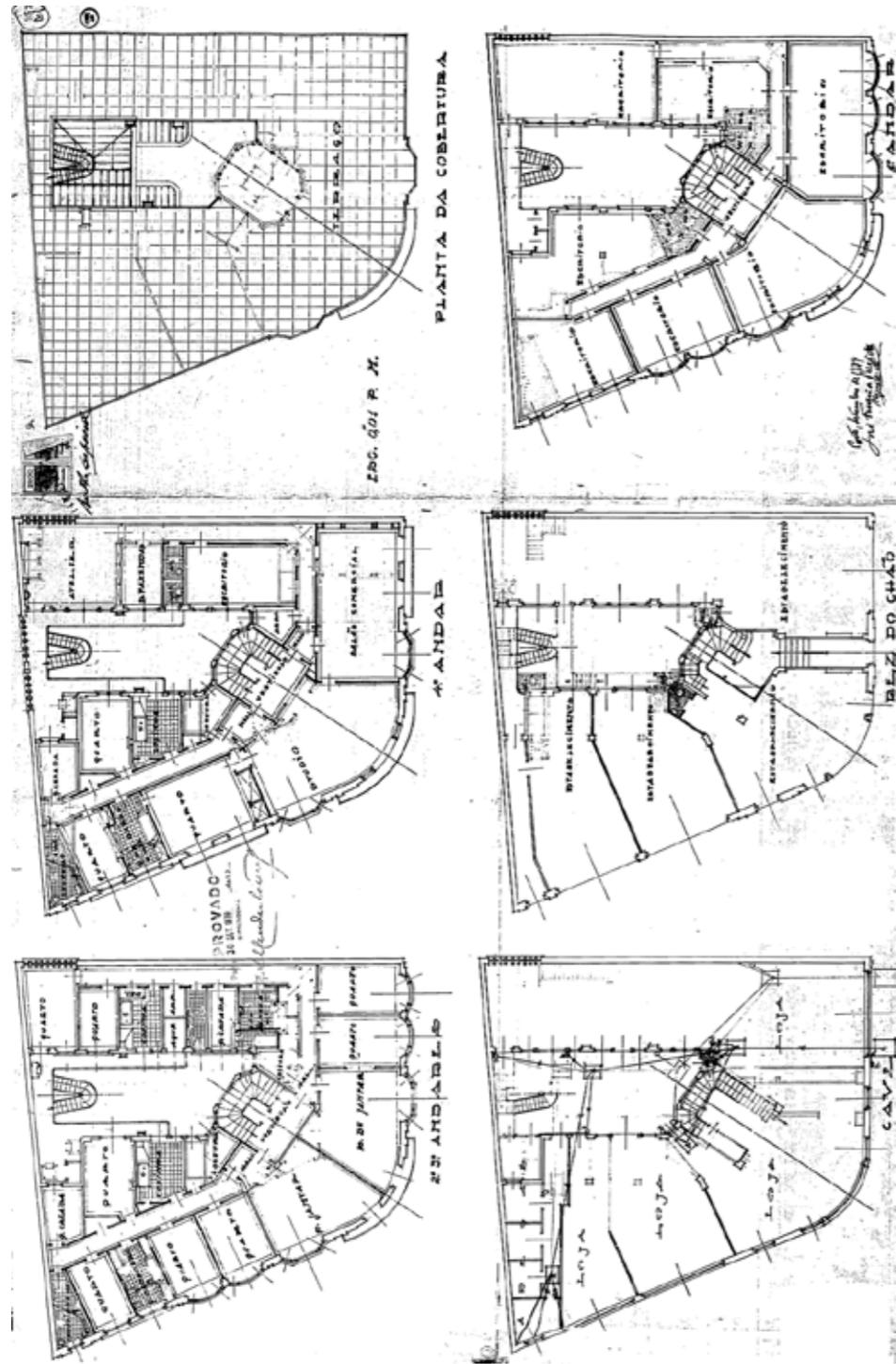


FIG. 319 Plantas da cave, rés-do-chão, 1ª, 2ª e 3ª, 4ª e cobertura

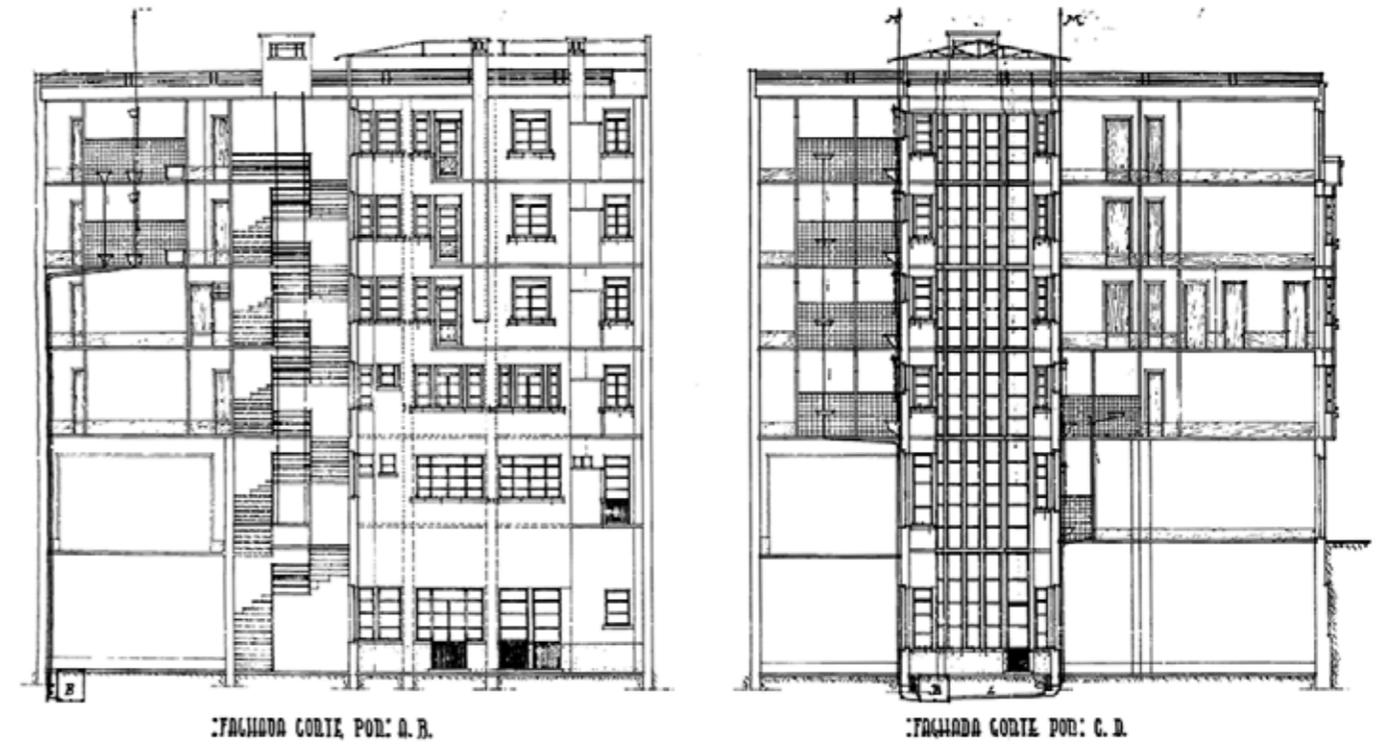


FIG. 320 Cortes

EDIFÍCIO GEMINADO DE JOSÉ PORTO

LICENÇA N. 56 DE 1939

REQUERENTE: SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO SA
(FUSÃO DE PROCESSOS ENTRE O ACTUAL DE AUGUSTO RIBEIRO PINTO E
O ANTERIOR DE JOZÉ MARTINS BARBOSA ENTRE TANTO SUBSTITUÍDO
POR ARTUR SOARES DA SILVA TEIXEIRA)

TERMO DE RESPONSABILIDADE: ENGENHEIROS REUNIDOS,
ENG. JOAQUIM DE OLIVEIRA RIBEIRO ALEGRE

Apesar do termo de responsabilidade não estar em seu nome, os desenhos de arquitectura têm a assinatura de José Porto, pelo que se confirma a sua autoria deste prédio geminado FIG. 59 A 70.

Num edifício de habitação, voltamos a ter escritórios no primeiro piso FIG. 324 com acessos comuns. O seu alçado FIG. 321 adopta, para este nível, uma imagem que difere da dos pisos de habitação, neste nível apenas com janelas a fazerem a transição da sua base para os pisos superiores com varandas, no entanto, esta opção não parece dever-se a adaptações da fenestração ao programa mas, sobretudo, a questões compositivas.

Tal como se pode aferir na memória descritiva, a duplicação de escadas deve-se ao facto de esta construção de aspecto unitário corresponder, na realidade, a dois processos de licenciamento: *“para dar à casa o máximo de luz e ventilação, projectaram-se os pátios interiores em concordância com os da casa vizinha que é simétrica desta.”*¹

A situação bizarra das duas portas do apartamento acederem a um mesmo espaço FIG. 67 tem, como se afigurava, outra resolução em projecto FIG. 325, onde uma porta separava um hall do corredor; embora desagúe no corredor que nos conduz desde o dito hall até às áreas sociais da casa, a segunda porta seria decerto uma entrada de serviço. Devido a uma torção de uma das empenas, que se reflecte sobretudo no corredor, gerando espaços mais amplos nas suas extremidades, os andares em torno do saguão não são absolutamente simétricos, sendo um deles mais profundo que o outro; apesar dos espaços trapezoidais gerados pela torção é mais equilibrado este que o outro, já que nesse para se aceder ao quarto mais afastado da entrada se tem que passar pelo vestíbulo de serviço.

¹ Citação de ALEGRE, Joaquim de Oliveira Ribeiro - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 56 de 1939).

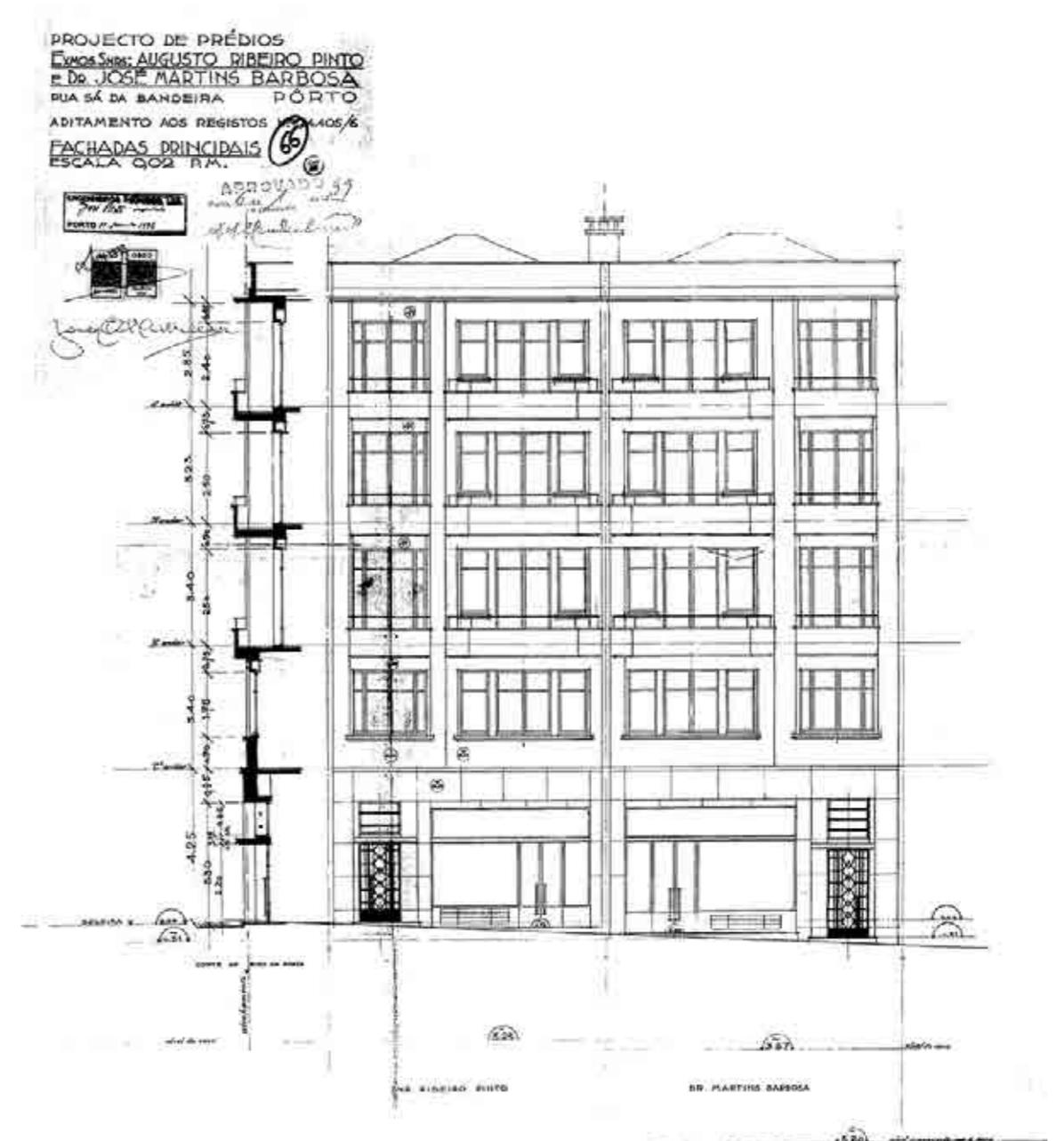


FIG. 321 Corte de fachada e alçado principal do aditamento final

PLANTAS DO ADITAMENTO FINAL
FIG. 322 cave

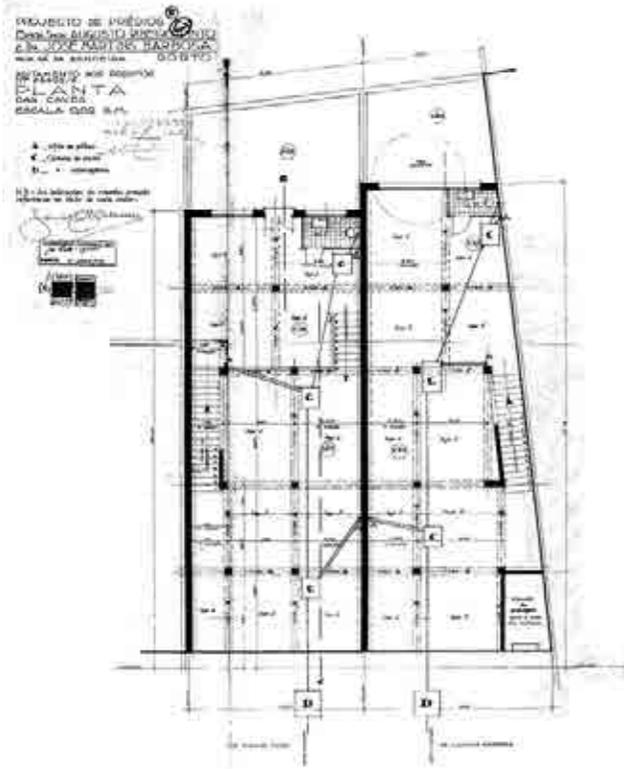


FIG. 323 rés-do-chão

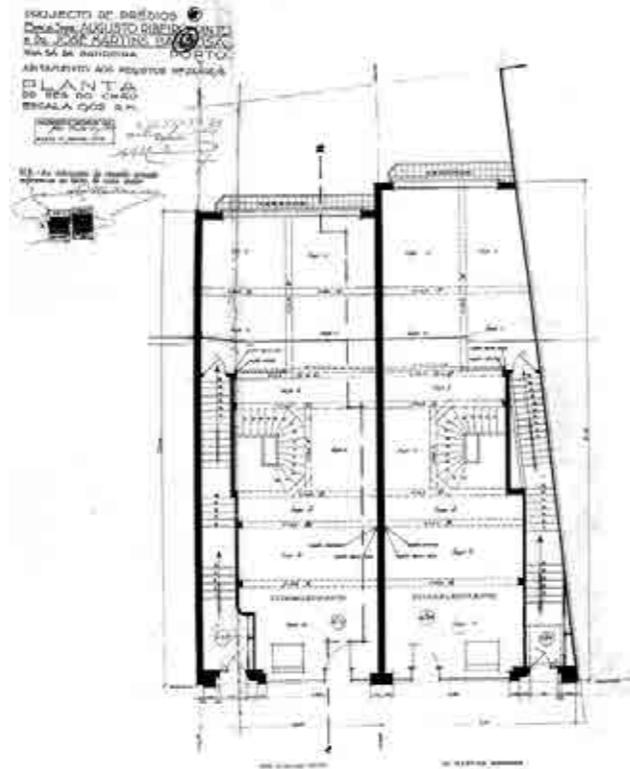


FIG. 326 Corte do aditamento final

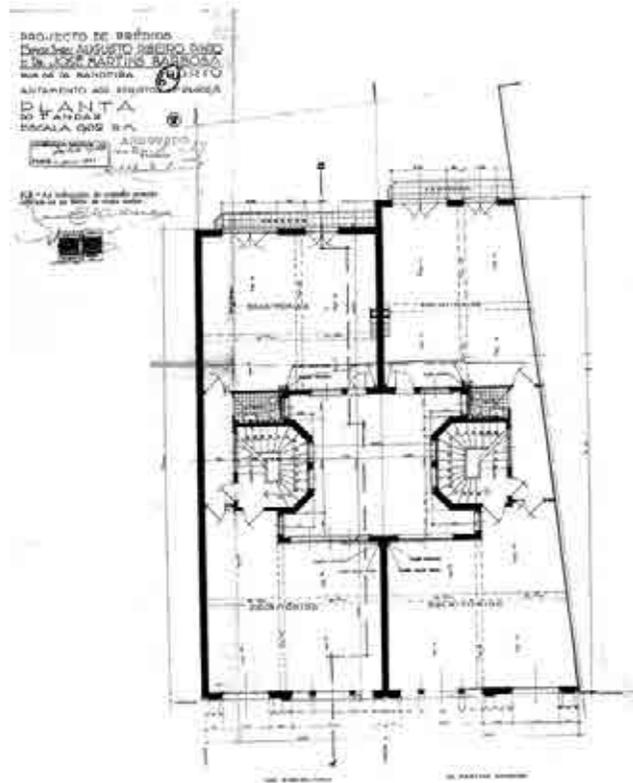
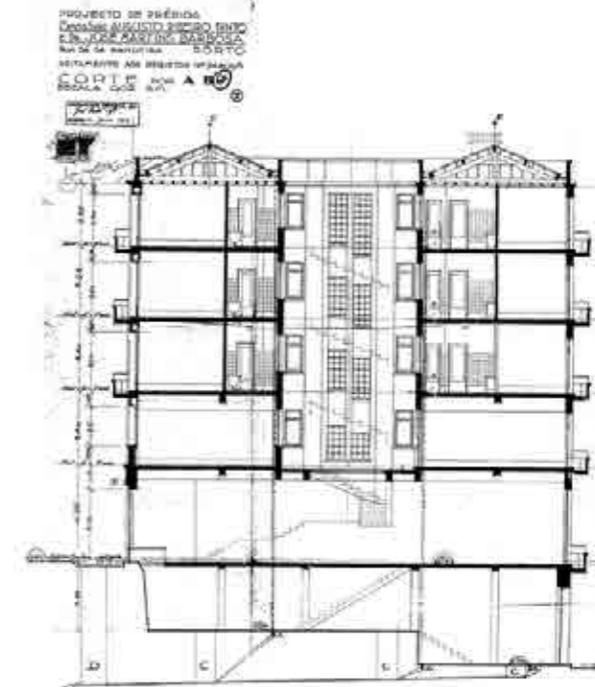


FIG. 324 1º piso

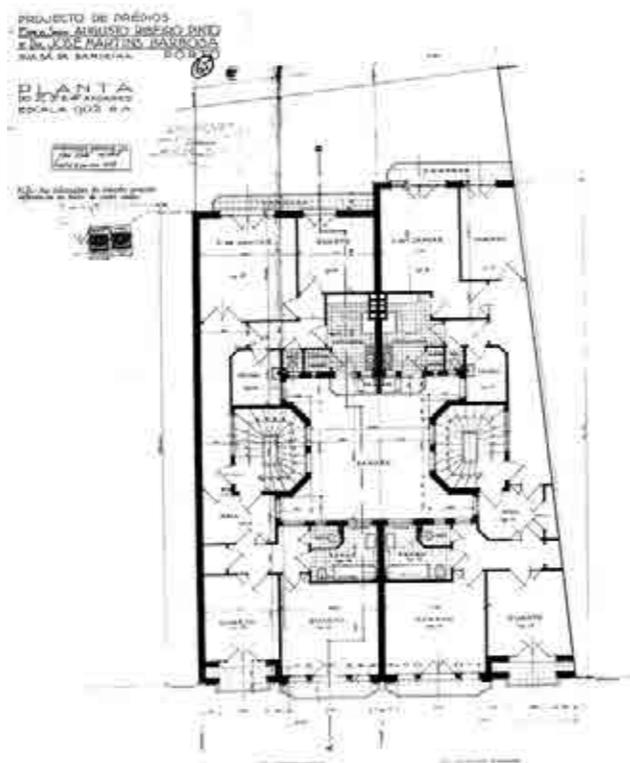


FIG. 325 2º, 3º e 4º pisos

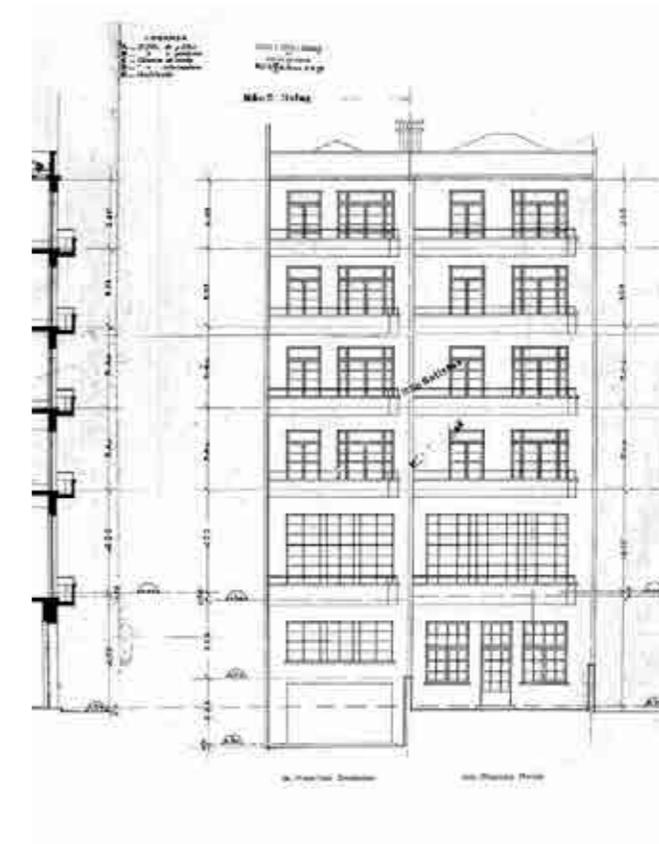


FIG. 327 Alçado posterior do aditamento final

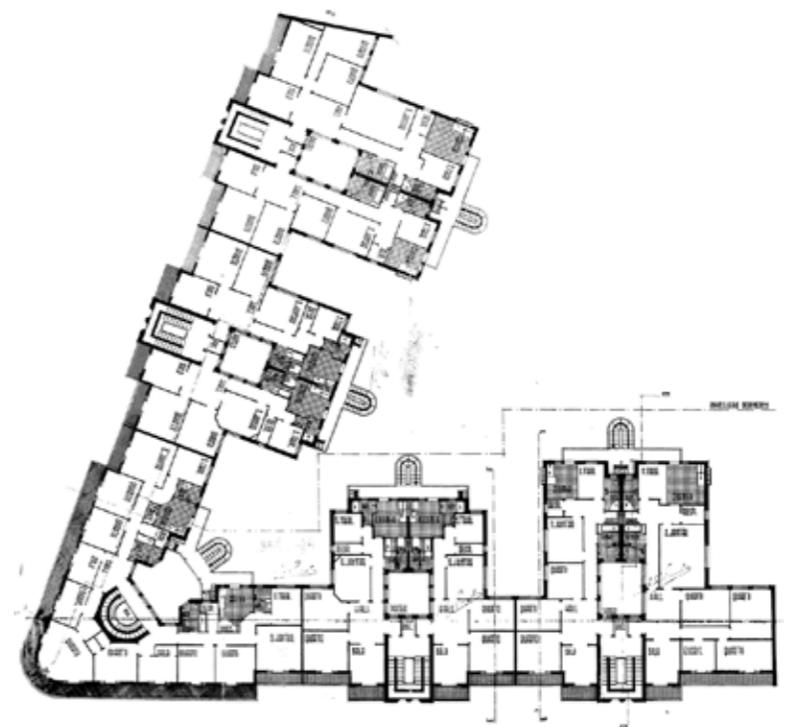
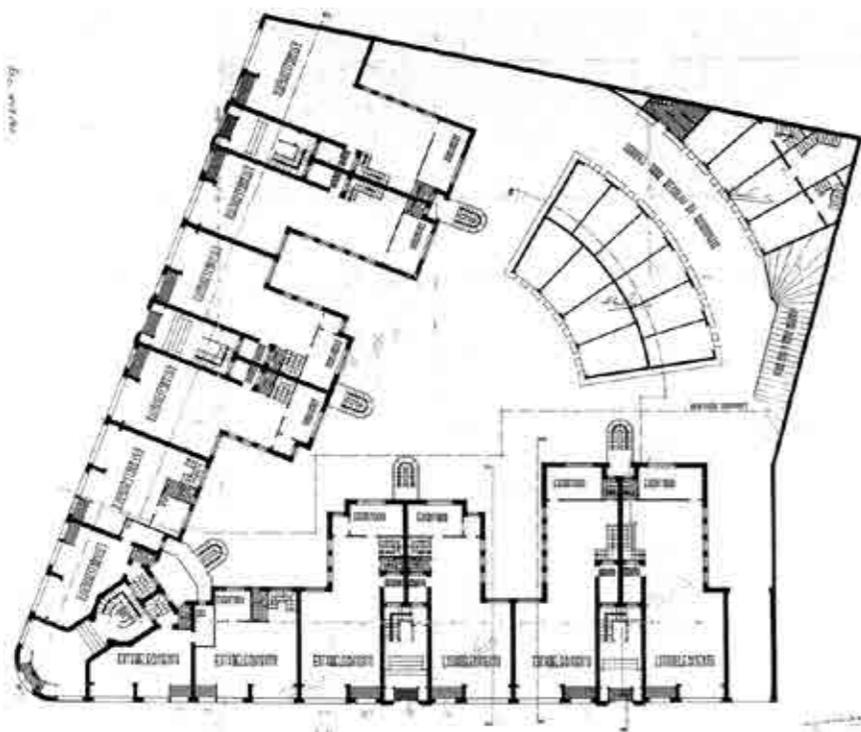
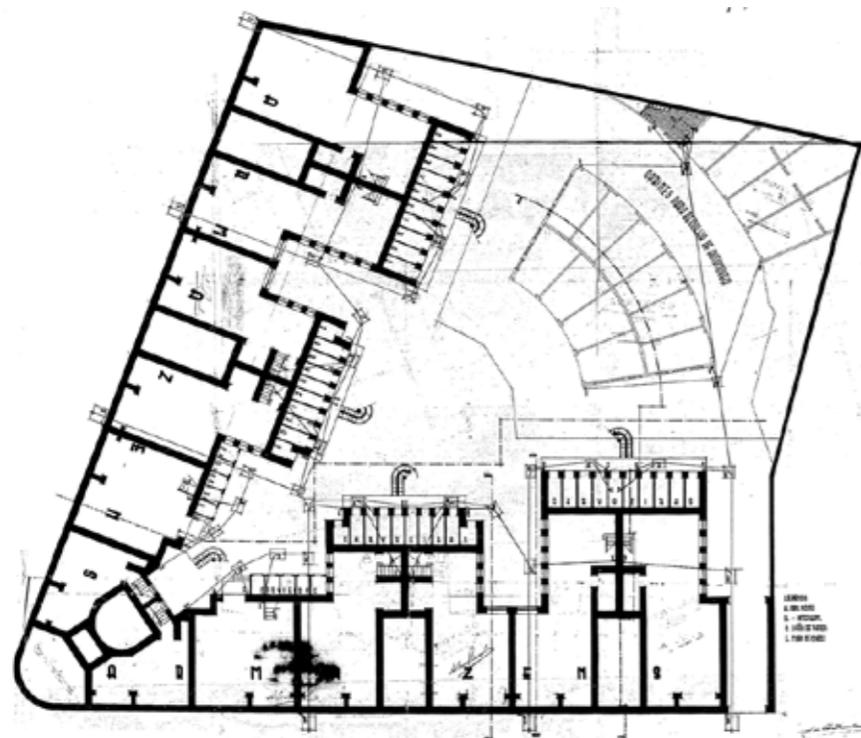


FIG. 330 Planta da cave
 FIG. 331 Planta do rés-do-chão

FIG. 332 Planta do 1º, 2º, 3º e 4º pisos
 FIG. 333 Planta do 5º piso



FIG. 334 Alçado posterior e corte

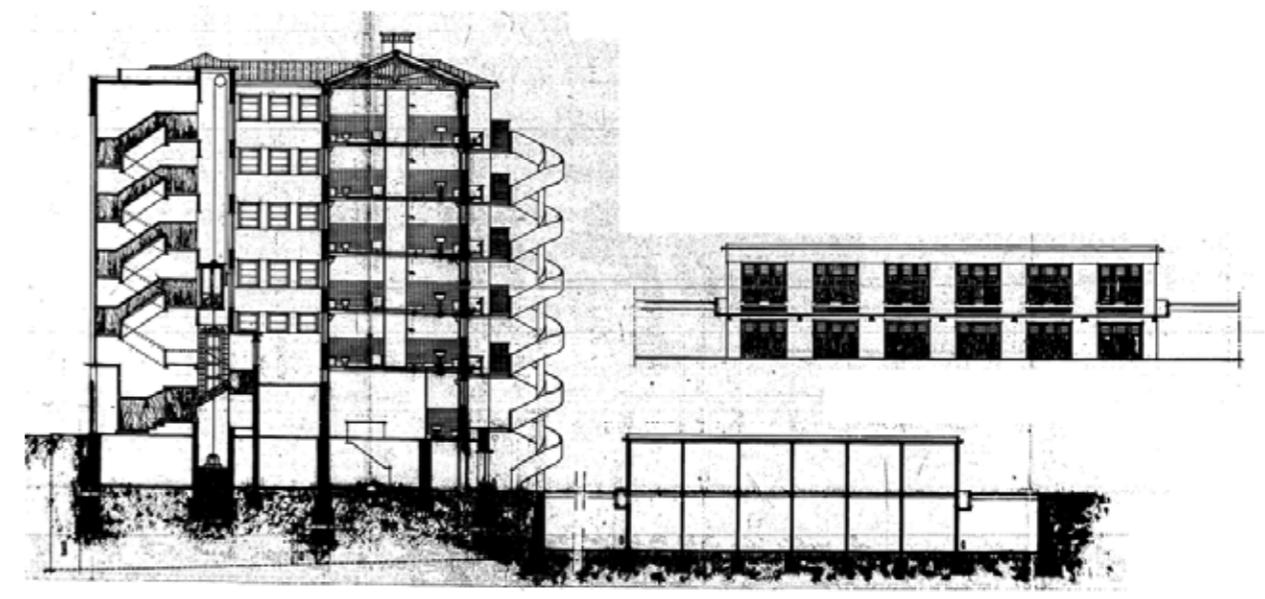


FIG. 335 Corte e alçado das cabines



FIG. 336 Corte

EDIFÍCIO EDP

LICENÇA N. 272 DE 1945

REQUERENTE: FIRMA FERREIRA E FILHOS, LDA

LICENÇA N. 457 DE 1945

REQUERENTE: IMOBILIÁRIA METROPOL EMPREENDIMENTOS LDA

LICENÇA N. 643 DE 1948

REQUERENTE: FIRMA FERREIRA E FILHOS, LDA

TERMO DE RESPONSABILIDADE: MANOEL DA SILVA PASSOS JÚNIOR

Curiosamente, para o Edifício EDP **FIG.217 A 246**, o autor é o mesmo do licenciamento anterior para a esquina oposta, do Gaveto Nordeste da Rua da Firmeza, ou seja, Manuel de Passos Júnior, e ainda que os dois edifícios pareçam muito distintos, numa observação mais atenta identificamos alguns traços comuns entre eles, nomeadamente no seu embasamento, fenestração, motivos do ferro forjado, e outros detalhes.

A disparidade detectada entre os apartamentos visitados nas diferentes entradas deste prédio corresponde a três distintos processos de licenciamento **FIG.337 A 339**, com algum desfazamento temporal. Apesar do aspecto unitário do conjunto, estamos perante três prédios com distintas formalizações internas. Permanecem algumas estratégias em comum, tal como o recurso a saguões para a iluminação e ventilação dos seus espaços interiores, por vezes a meio de um mesmo apartamento ou partilhado num mesmo piso. Todos os quartos e salas se orientam para o exterior e os pátios apenas servem áreas de circulação e zonas de águas. Quando o próprio interior do quarteirão, pela sua proporção, parece um pátio, é inesperado este polvilhar de pátios ao seu redor.

Dos três tramos, o primeiro a ser licenciado **FIGURAS 340 A 344** é a maior parcela e o único com duas entradas, ambas pela Rua de Sá da Bandeira. Nestas, como vimos **FIG.224 A 229**, para além de duplicar elevadores, separando os acessos mecânicos aos pisos com habitação e aos de escritórios, temos três escadas: uma principal e duas de serviço. Para os escritórios, uma matriz de distribuição longitudinal adapta-se dando resposta a solicitações dos seus utentes. Os desenhos aqui apresentados são da versão final do projecto, bastante alterado em sucessivos aditamentos.

Se, no outro prédio de Manuel Passos Júnior, o cunhal fornece o tema que estrutura toda a planta **FIG.331 A 333**, definindo aí o eixo a que se subordina o seu desenho, neste, em compartimentos que se sucedem uns iguais aos outros, para fazer a viragem o autor limita-se a substituir, num deles, o seu vértice e duas das suas faces por uma única superfície curva **FIG.342 A 344**.

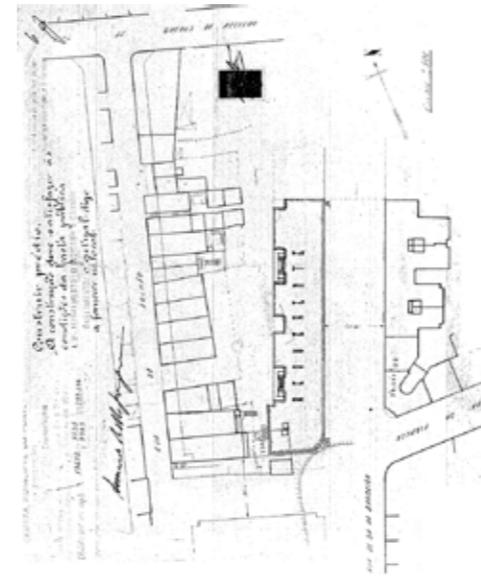


FIG. 337 Planta de implantação do licenciamento nº 272 de 1945

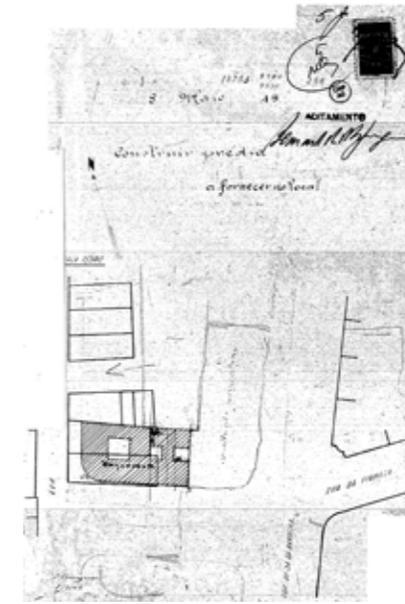


FIG. 338 Planta de implantação do licenciamento nº 457 de 1945

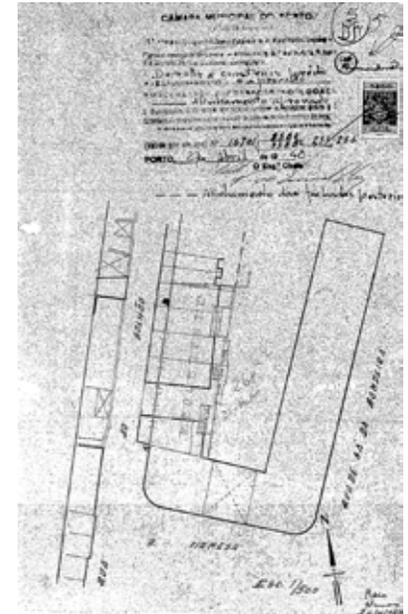
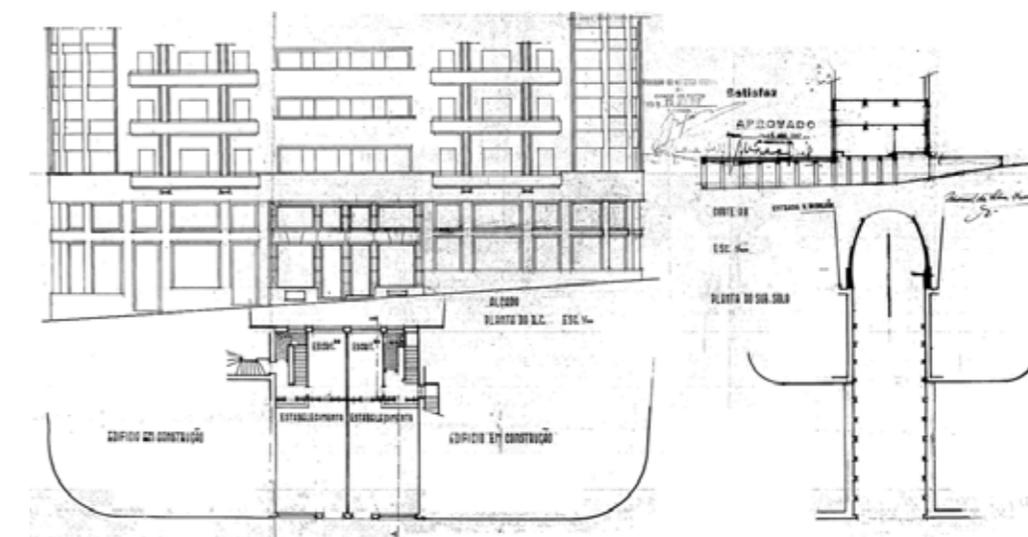
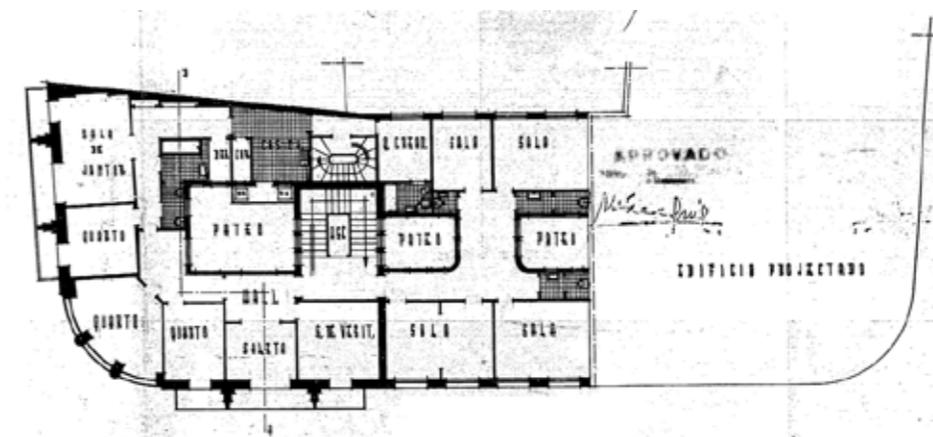
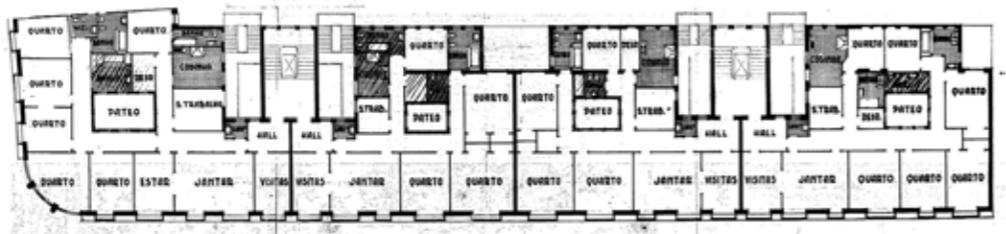
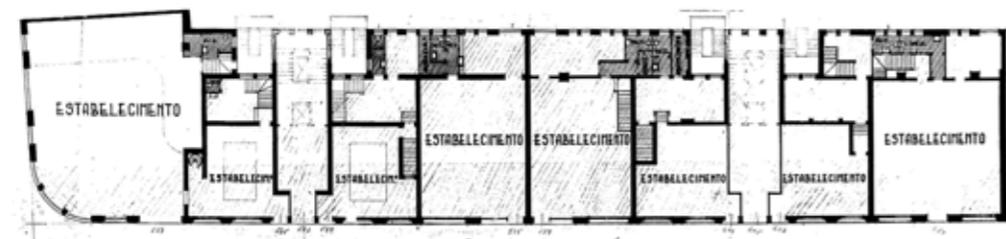


FIG. 339 Planta de implantação do licenciamento nº 643 de 1948



FIG. 340 Alçado da Rua de Sá da Bandeira do licenciamento nº 272 de 1945

FIG. 345 Planta do 1º, 2º, 3º e 4º pisos do licenciamento nº 457 de 1945
 FIG. 346 Alçados da Rua da Firmeza e da Rua do Bolhão do licenciamento nº 457 de 1945



PLANTAS DO ADITAMENTO AO LICENCIAMENTO Nº 272 DE 1945

FIG. 341 Rés-do-chão
 FIG. 342 2º piso
 FIG. 343 4º piso
 FIG. 344 5º piso

FIG. 347 Alçado e planta esquemática que encerra a passagem de acesso à rua Particular neste tramo no aditamento ao licenciamento nº 457 de 1945

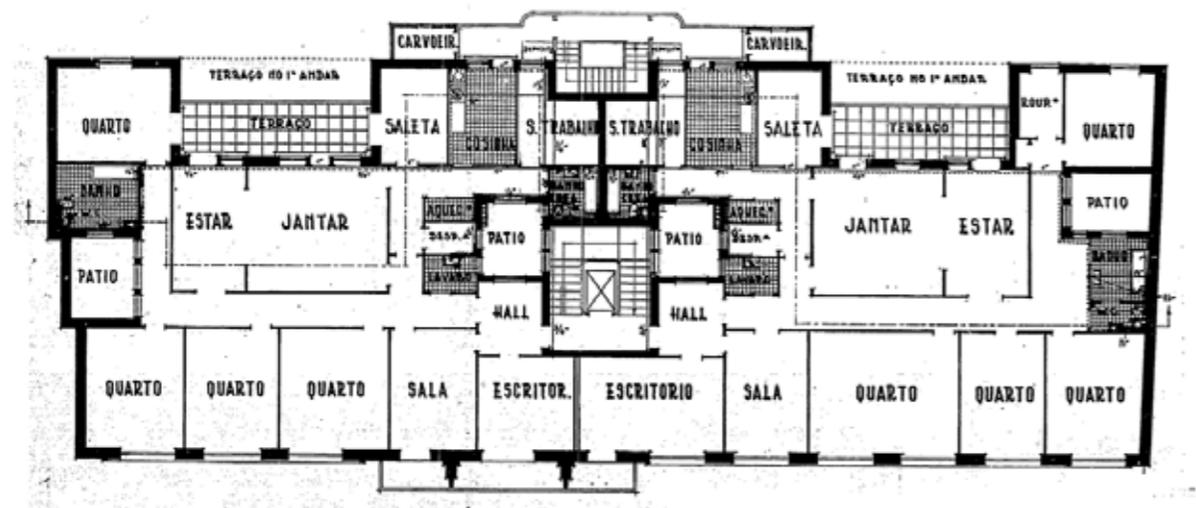


FIG. 350 Alçado posterior do aditamento ao licenciamento nº 643 de 1948

No tramo seguinte, apartamentos e escritórios partilham acessos. No projecto inicial FIG.345, muito diferente do construído FIG.233 A 235, um espaço de circulações em forma de “T”, semelhante ao dos apartamentos do Edifício Emporium FIG.167, mas de maiores dimensões, cria uma esplêndida sala vestibular que recebe a luz de dois saguões, um de cada lado do “T”. O apartamento da esquina FIG.345 desenvolve-se em torno de um pátio e tem uma organização que se assemelha à dos apartamentos com entrada pela Rua de Sá da Bandeira do mesmo prédio, com um hall a dar acesso a uma sala de visitas e a um escritório, e um corredor em torno do pátio a distribuir para os quartos. A sala de jantar situa-se no final do percurso, associada à cozinha e áreas de serviço, com acessos independentes, no outro extremo da habitação.

O acesso à invulgar Rua Particular, no interior do quarteirão, foi previsto inicialmente neste tramo FIG.346 mas, em aditamento FIG.347, transferiu-se para extremidade norte do tramo seguinte, na Rua do Bolhão FIG.348.

O último tramo, com acesso pela Rua do Bolhão, é construído já muito mais tarde e destina-se exclusivamente à habitação, não se verificando grandes diferenças entre o construído FIG.236 A 246 e o projectado FIG.348 A 350.

EDIFÍCIO DKW

LICENÇA N. 42 DE JANEIRO DE 1947

REQUERENTE: JOSÉ DO AMARAL GUIMARÃES JÚNIOR

TERMO DE RESPONSABILIDADE: ARMÊNIO TAVEIRA LOSA

SUBSTITUIÇÃO DE: 22 DE JANEIRO DE 1946

REQUERENTE: MANUEL PINTO BIZARRO,

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS E FERNANDO CABRAL BARBOSA

TERMO DE RESPONSABILIDADE: AGOSTINHO FERREIRA DE ALMEIDA

Da memória descritiva do processo de licenciamento do Edifício DKW **FIG. 247 A 280**:

“O edifício destina-se a garagem, estabelecimentos, escritórios e habitação.

*Estas quatro funções são nitidamente autónomas quanto a utilização e acessos; a garagem, sómente, pelas vantagens que disso resultam, está em ligação directa com os andares de escritórios e de habitação. (...) A garagem ocupa toda a área do terreno em dois pavimentos sobrepostos **FIG. 354** e parte de um terceiro que lhe servirá de escritório ainda a nível inferior ao da rua.*

*Os estabelecimentos comerciais ocupam o pavimento ao nível das ruas **FIG. 355**, com excepção apenas das áreas requeridas pelos acessos aos andares e pavimentos intermédios que, dado o declive da rua, ou lhe são superiores ou inferiores.”¹*

Nos projectos analisados até aqui, não tínhamos tido nunca, tal como no Edifício DKW, o estacionamento sob o edifício **FIG. 268 E 352 A 357**, mas sim localizado no logradouro, em parques cobertos ou pátios descobertos; a relação dos espaços comerciais com a inclinação da rua resultava pacífica, pois tinha como única consequência as variações dos pés direitos dos seus armazéns em cave e das lojas, com a eventual introdução de uma galeria ou piso intermédio. Um estacionamento horizontal no subsolo introduz uma nova complexidade na relação das lojas com o plano inclinado da rua **FIG. 249** e os seus autores não se limitam a reflectir, no estacionamento e nas lojas, a variação de pé direito: nas lojas com entrada a uma cota inferior à do hall de entrada dos escritórios, des-cemos para o seu interior, obtendo altura para uma “mezzanine”, e nas seguintes, com entrada a uma cota superior, quando a diferença de cotas já o permite, introduz-se um piso para armazém entre a loja e o estacionamento. **FIG. 356**

¹ Citação de LOSA, Arménio Taveira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 42 de Janeiro de 1947)



FIG. 351 Alçado da Rua de Sá da Bandeira

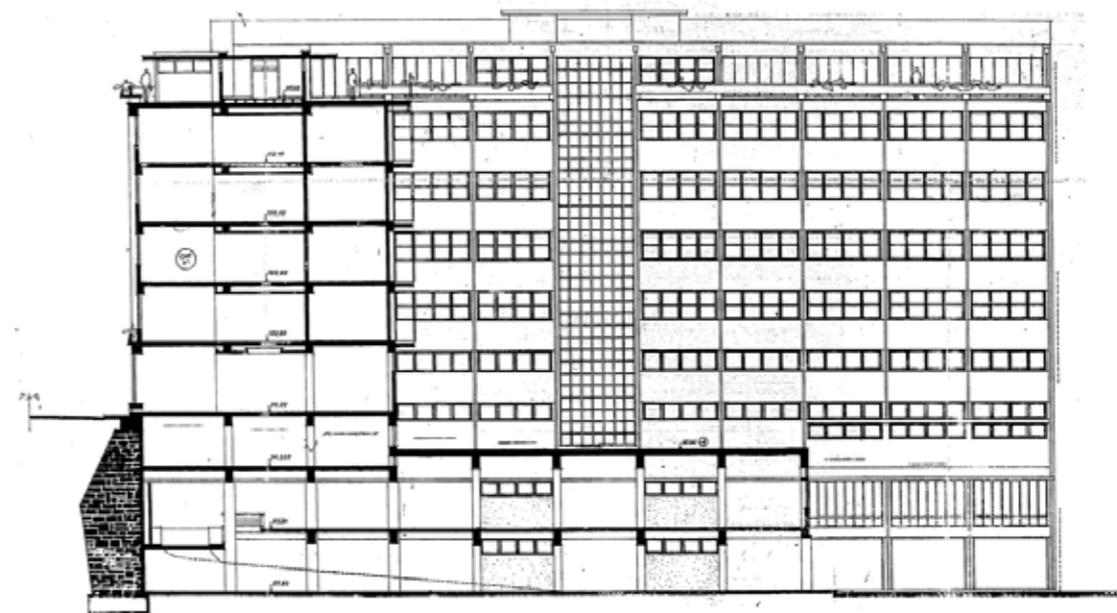


FIG. 352 Alçado da Rua Particular e corte transversal pelo bloco de habitações

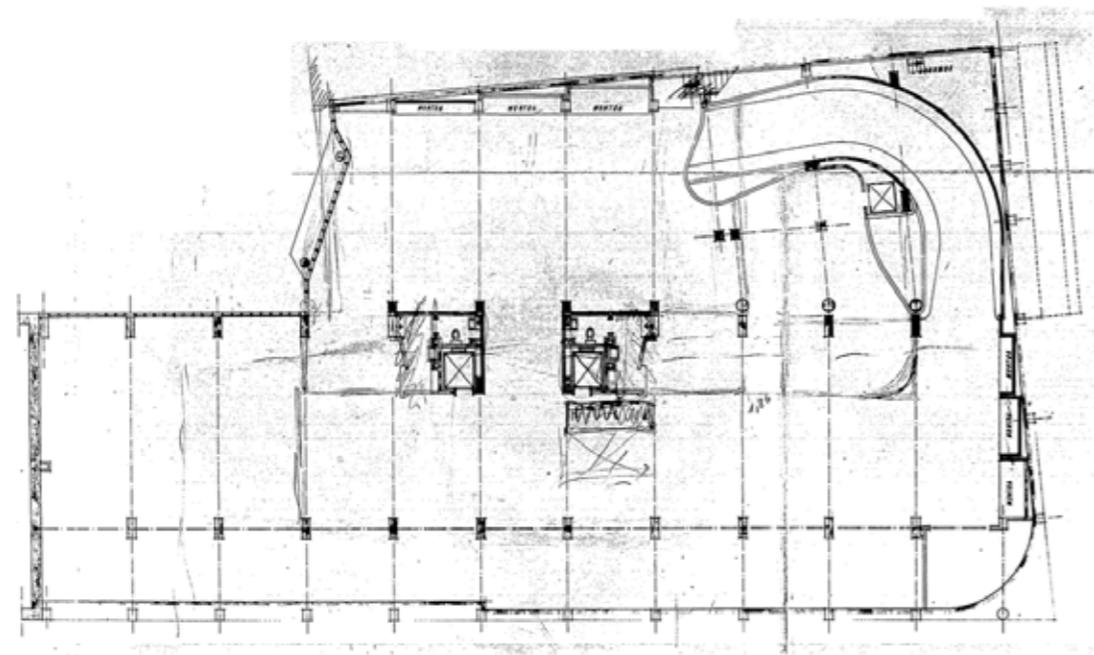


FIG. 353 Plantas da cave para estacionamento

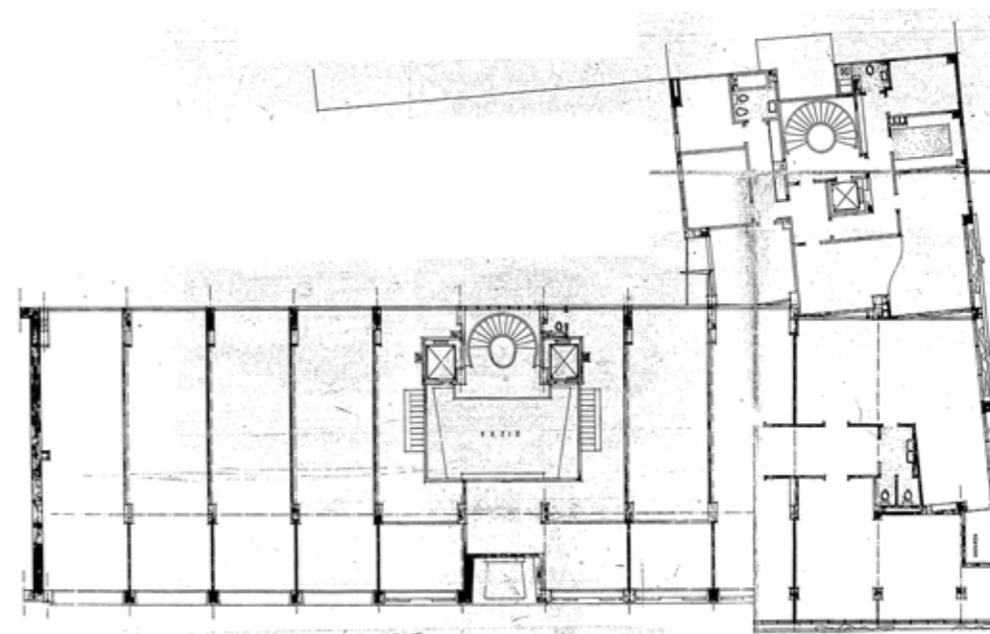


FIG. 355 Planta da sobre-loja

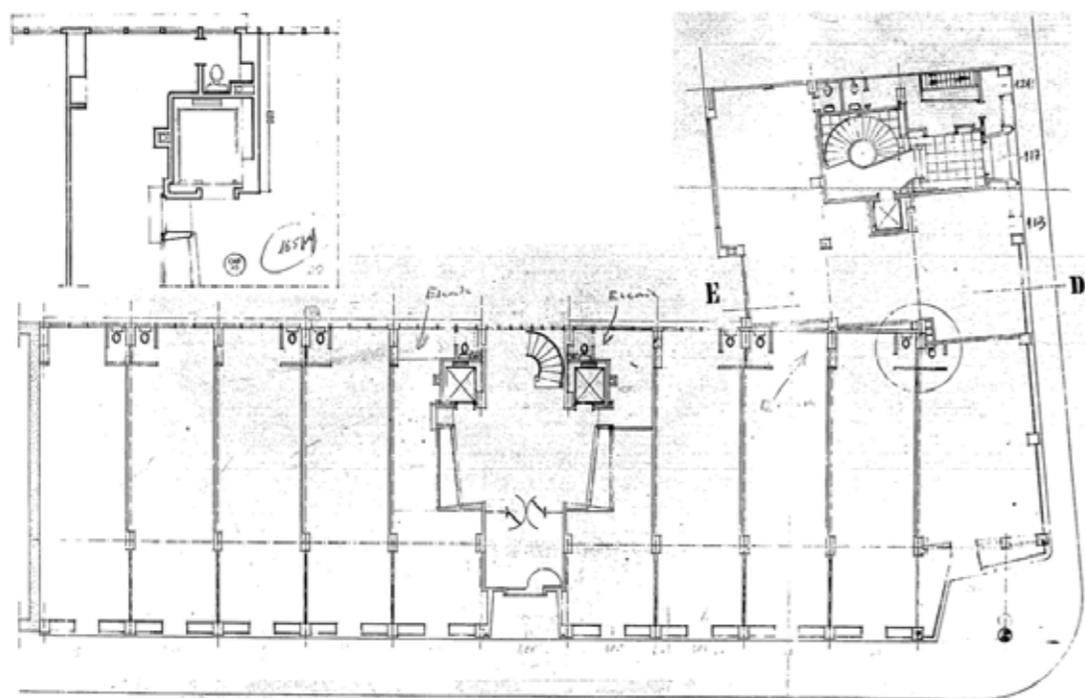


FIG. 354 Planta do rés-do-chão para comércio

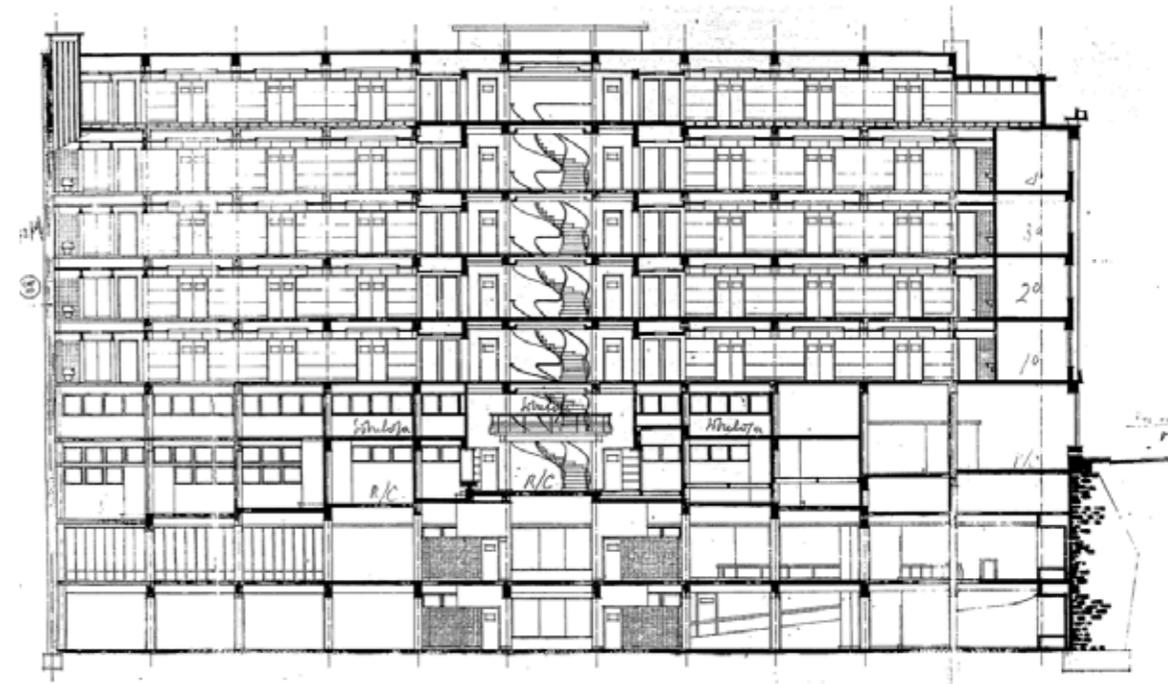


FIG. 356 Corte longitudinal pelo edifício de escritórios

FIG. 357 Corte transversal pelo bloco dos escritórios

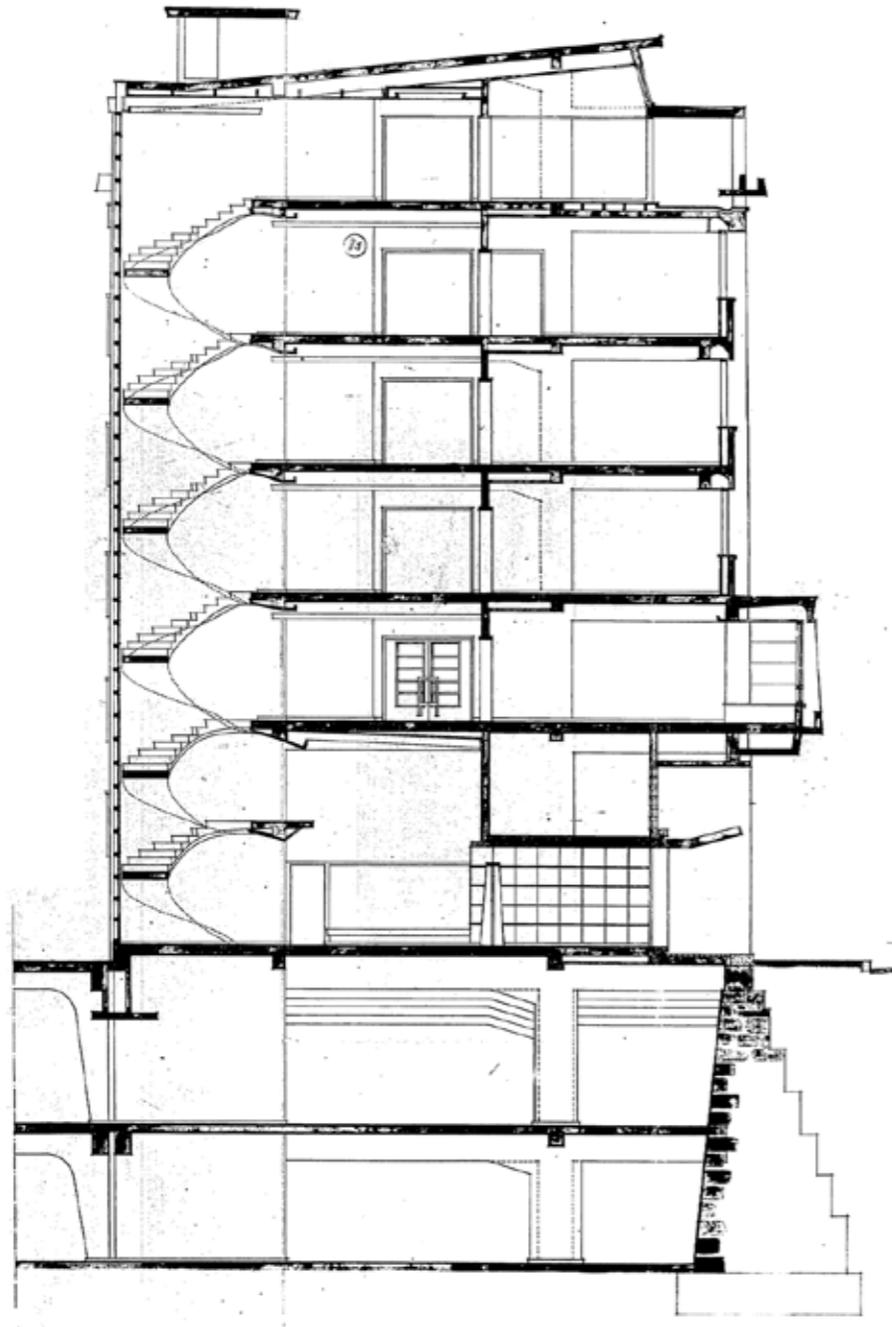
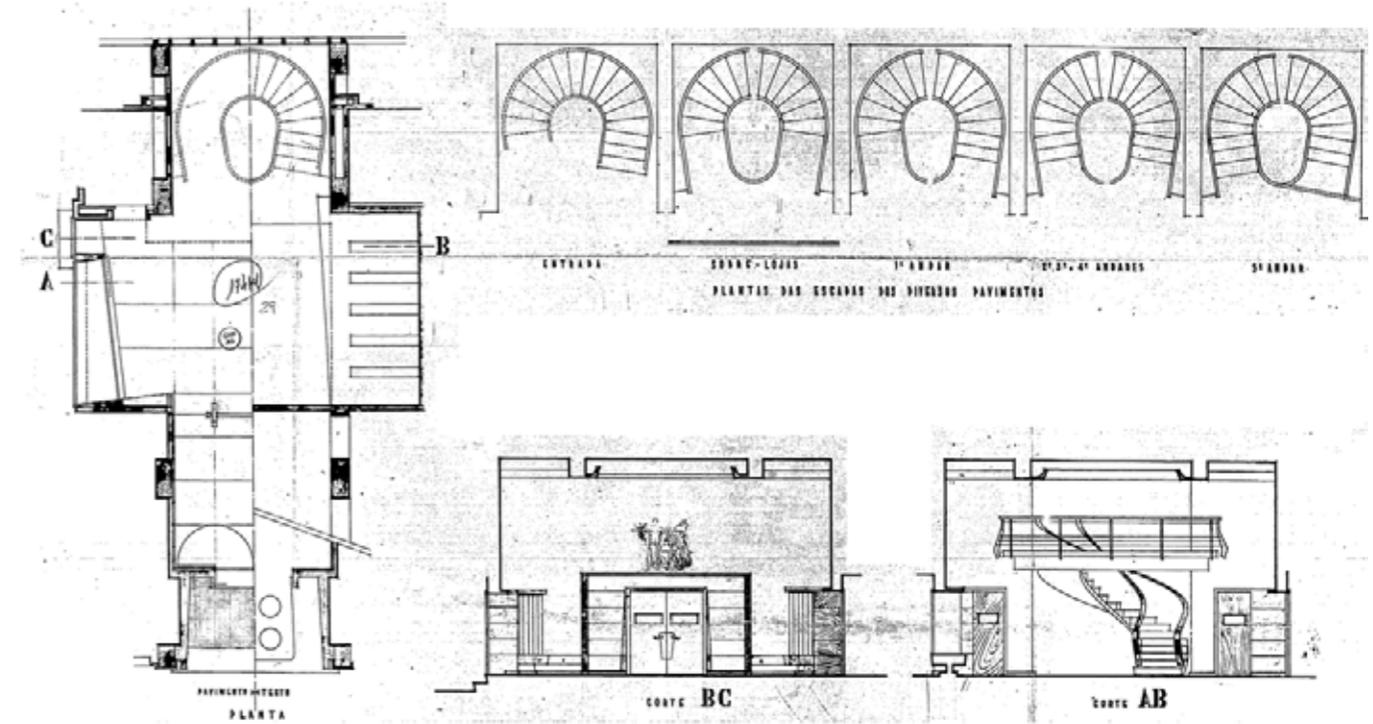


FIG. 358 Pormenores da entrada e escada do corpo de escritórios

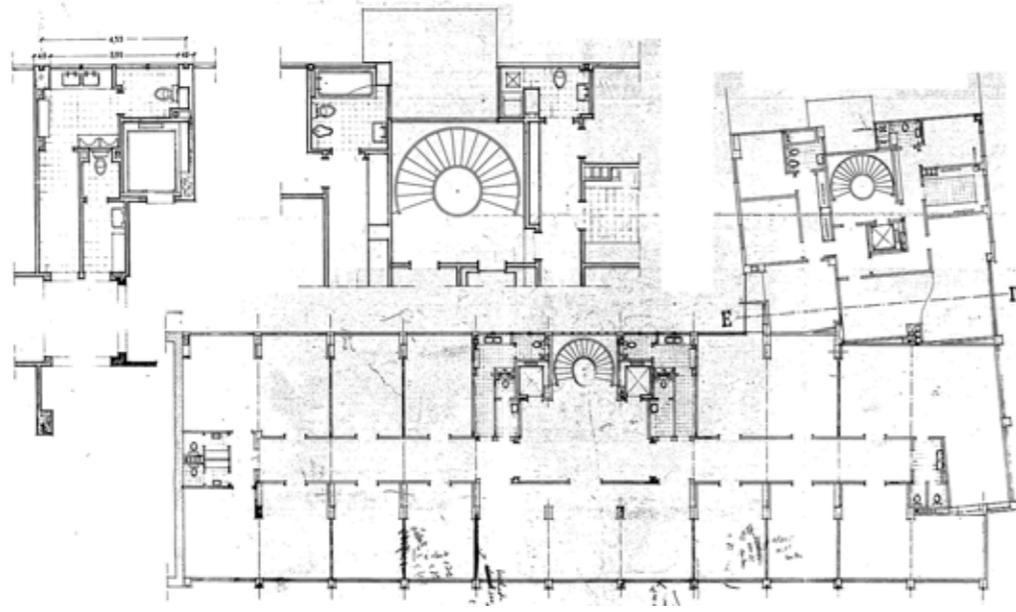


² Citação de LOSA, Arménio Taveira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 42 de Janeiro de 1947)

No processo de licenciamento são apresentadas peças desenhadas para ilustrar um detalhe que não era normal apresentar nesta fase de projecto, tal como os da entrada e escadas do prédio dos escritórios FIG. 358.

“No corpo das habitações, como no dos escritórios, a circulação vertical é garantida por ascensor e escada FIG. 359. Não foi projectado um acesso de serviço por se considerar supérfluo; o ascensor é o acesso principal e a escada apesar do seu aspecto – agradável e bom acabamento, pode reservar-se exclusivamente à circulação dos fornecedores a domicílio. Convém esclarecer que não há necessidade de uma condução especial para combustíveis visto serem as cosinhas electrificadas.”²

FIG. 359 Planta do 2º, 3º e 4º pisos



Para os escritórios encontramos, pela primeira vez, a vontade expressa de criar uma planta livre extremamente flexível: FIG. 359

“Os escritórios ocupam todos os andares do corpo voltado a Sá da Bandeira. São constituídos por compartimentos de largura constante e correspondente à distância entre dois pórticos – o vão de uma janela – que poderão ser ocupados isoladamente ou em grupos de várias unidades. Quando agrupados vários compartimentos, em certas zonas de qualquer dos andares, conseguem-se escritórios de grande superfície com circulação interna independente e autónomos relativamente às instalações sanitárias. (...)”

*A habitação foi reservado o corpo voltado à rua Guedes de Azevedo, onde cada andar é ocupado por uma residência. O terreno de cobertura deste corpo é logradouro dos seus inquilinos que aí dispõem dos espaços, devidamente arrumados, para côradouro e recreio das crianças.”*³

Apesar das tipologias de habitação no corpo da Rua de Guedes de Azevedo serem convencionais, comparativamente com os revolucionários estúdios do último piso, observamos nestes uma modernidade e sofisticação não observada nos anteriores: o zonamento

funcionalista dos espaços da habitação, onde surge pela primeira vez a sala comum que, bem articulada, define a área de estar e a de refeições, para além dos apetrechos, com mobiliário embutido para a arrumação. FIG. 359

“Cada habitação é dividida em três sectores ou zonas: zona de serviço, zona de vida comum e zona de dormir.

A primeira, com entrada própria, compreende a cosinha, um quarto de creada, quarto de banho com pia para lavar roupa, armários dispensa e um pequeno corredor de comunicação com o interior da casa que serve de copa. A cosinha, inteiramente electrificada é apetrechada com os aparelhos indispensáveis às modernas exigências.

A remoção dos lixos é feita através de uma conduta vertical de largo diâmetro, munida de tempo hermético, que conduz a um depósito colocado no rés-do-chão. Para lavagem de roupa, prevê-se a instalação de uma lavandaria nas proximidades, em terreno do requerente; todavia, e na hipótese de não se realizar tal iniciativa, a parte sul do terraço será adaptada a estufa para secagem de roupas, dividida em número igual ao das habitações.

³ Citação de LOSA, Arménio Taveira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 42 de Janeiro de 1947)

FIG. 360 Alçados norte e sul



A zona de estar compreende grandes áreas que, conforme as conveniências dos inquilinos, podem ou isolar-se ou ligar-se e, dêste modo, constituir um grande conjunto útil para reuniões ou festas.

*A zona dos quartos é independente, isolada, afastada dos ruídos interiores e da rua. Todos os quartos de dormir – excluindo o da creada que não está nesta zona – ficam expostos a sul. O quarto de banho é francamente acessível desde todos os quartos através de um curto corredor. Esta zona completa-se com a inclusão de armários guarda-roupas integrados na construção.”*⁴

Apesar de lógica, é revolucionária a opção de orientar as áreas de serviço para a rua e os quartos para o interior do quarteirão com a melhor orientação solar; até então, a habitação burguesa nunca expunha as áreas de serviço para o espaço público, relacionadas tradicionalmente com o quintal nas traseiras.

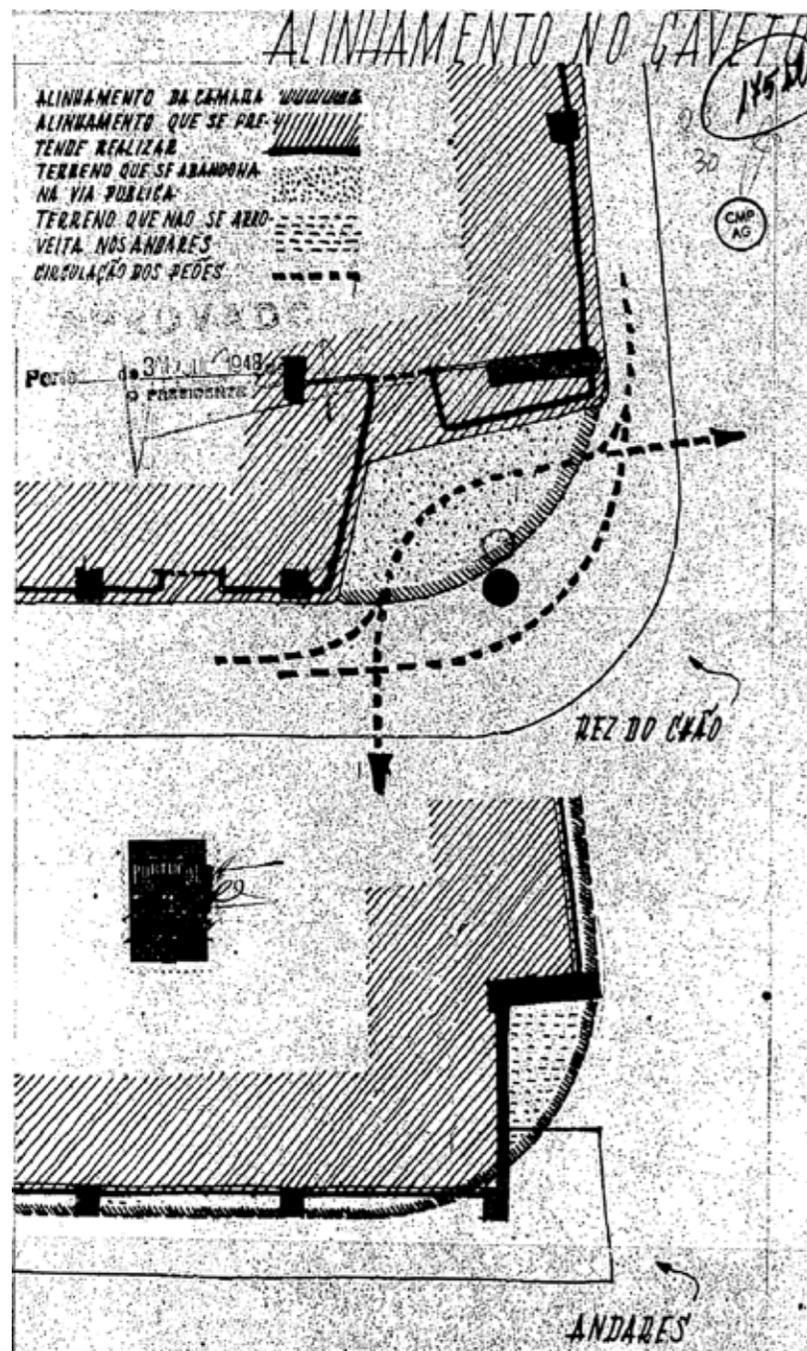
A intersecção dos dois corpos identificados na volumetria exterior FIG. 266 não se lê na planta como tal e não corresponde a uma rígida divisão funcionalista. Podemos ver, no projecto, que as aberturas corridas do alçado da Rua de Guedes de Azevedo FIG. 360, ainda que já neste volume, pertencem aos escritórios; apenas uma delas, embora igual às anteriores, pertence à sala das habitações, resolvendo deste modo a iluminação no canto interior do gaveto. Aí, no alçado sul FIG. 267 E 360, o nicho de uma varanda gera o vazio que permite passar de uma linguagem a outra.

“A implantação do edifício sugere-se aos alinhamentos fixados para todo o quarteirão e abrange a área da servidão municipal integrada no terreno do requerente.

*O gaveto, tal como se apresenta no projecto, permite uma mais lógica distribuição do espaço em todos os andares sem qualquer espécie de prejuízo – antes com vantagens – para a circulação. ‘Lógica distribuição do espaço’ pela forma ortogonal que torne possível dar às salas, a forma mais conveniente quando o mobiliário não é parte integrante do compartimento e quando o modo de utilização do espaço não é antecipadamente conhecido.”*⁵

⁴ Citação de LOSA, Arménio Taveira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 42 de Janeiro de 1947)
⁵ idem

FIG. 361 Esquema para o gaveto entre as ruas de Sá da Bandeira e Guedes de Azevedo



Se as memórias descritivas dos projectos de licenciamento vistos até aqui se limitavam a descrever o programa, os autores deste projecto, fizeram extensas memórias justificativas, com uma argumentação baseada sobretudo em questões funcionais, e complementadas inclusive por alguns esquemas, que revelam uma convicção e paixão na defesa do projecto não detectadas nos anteriores:

“A circulação na rua beneficia da solução apresentada: quanto aos automóveis, por ser aumentada a visibilidade na viragem, apesar de não haver modificação na faixa de rolagem; quanto aos peões, por se ampliar largamente a área a eles reservada no passeio, justamente no local de cruzamento onde se somam os movimentos de duas ruas e onde as (?) são impostas por razões de segurança. Se, no rés-do-chão, o projecto cede terreno à via pública com benefício para o trânsito, um dos conquistado com não menor benefício.”⁶ FIG.361

“A altura do edifício foi cuidadosamente estudada de forma a estabelecer-se um satisfatório equilíbrio com os prédios vizinhos recentemente construídos. O prédio de Sá da Bandeira – situado a sul tem na linha de meiação, e a contar da raiz do passeio, a altura de 21,32m, superior á do projecto apresentado para aprovação; o nosso projecto, apesar do declive pronunciado da rua (0,05435) agarra-se áquela altura e mantém o mesmo nível de remate em toda a extensão de Sá da Bandeira.”⁷ FIG.362

6 Citação de LOSA, Arménio Taveira - Carta escrita à Câmara Municipal do Porto a 8 de Setembro de 1949.
7 Idem

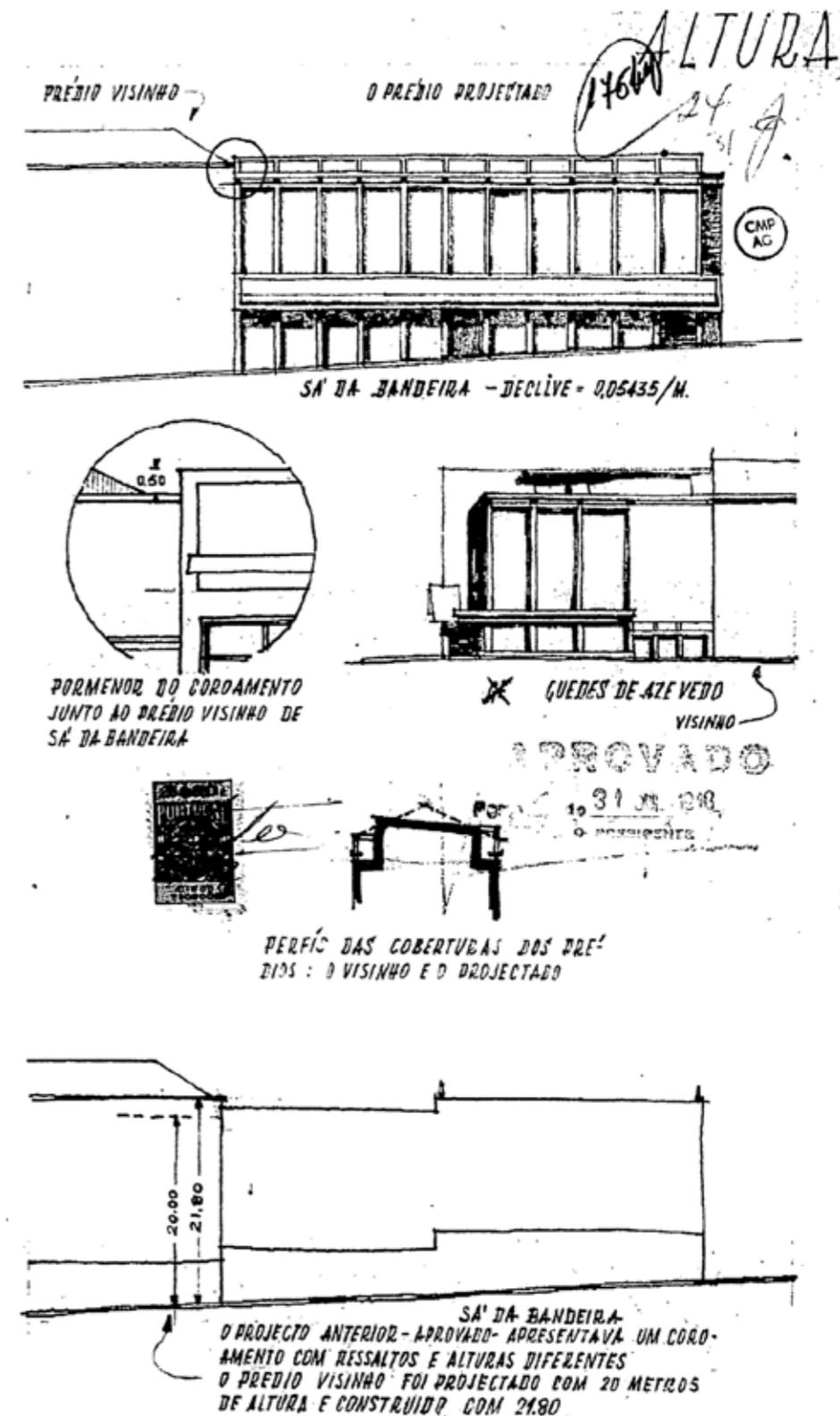


FIG. 362 Esquema de transição de cêrceas

“O pavimento e todo o corpo do primeiro andar destaca-se na fachada da Sá da Bandeira por sua saliência em relação ao plano geral.

Não houve a intensão de conquistar espaço à custa da via pública, como por vezes sucede; aquela saliência corresponde apenas à preocupação plástica de estabelecer contrastes e criar volumes com a movimentação dos planos de fachada. Esta preocupação assinala-se, em vários pormenores da fachada, com nítidos recuos do alinhamento e, portanto, com prejuízo de espaço: recuo do plano das janelas e grande reintrância no gaveto.(...) A saliência do projecto não causa estôrvo aos vizinhos, não prejudica a visibilidade nem o ensolamento e, em contra-partida, protege o transeunte das chuvas e do calor do sol, o mesmo sucedendo quanto às lojas que poderão assim dispensar os toldos incómodos e quási sempre inestéticos.

A saliência do primeiro andar traduz-se também em valor estético ao permitir estabelecer um sistema de iluminação suplementar das montras e do próprio passeio, por meio de lâmpadas ou projectores na sua face inferior. Os candeeiros de rua poderão ser iluminados.”⁸ FIG.363

Apesar de toda a argumentação apresentada na defesa da dita saliência, a autarquia quis impedi-la e os seus autores demonstraram uma enorme perseverança e convicção ao insistir, renovando os seus argumentos, na importância deste elemento para o projecto:

“No que se refere ao avanço que se pressupõe excessivo, recordo as razões expostas na conversa referida, mais convencido da justiça delas depois de analisar serenamente o problema, a maquete e a própria obra, com o sério propósito de descobrir e emendar possíveis erros:

a)- A saliência, quando observada do próprio passeio que ela abriga, não é nem anormal nem situada em plano tão baixo que possa ter-se como prejudicial. Temos na mesma rua saliência idêntica, igualmente útil em clima como o nosso e que, pelo menos até agora, não foi motivo de reparos. Nem deve sê-lo. Antes será de desejar que a sã tradição, muito meridional, de proteger o peão das inclemências do clima, se não perca inteiramente.

A nossa saliência apresenta, porém, ainda outra vantagem: a de servir de séde à iluminação pública – se isso não for tido como inconveniente – substituindo os candeeiros especados no passeio onde, normalmente, causam notório estôrvo.

b)- A saliência e todo o corpo avançado, quando observados do passeio oposto, mal se apercebem. Confudem-se com as restantes superfícies da fachada, como sucede com quaisquer volumes numa apreciação frontal. Apenas os contrastes de luz e sombra poderão defenir a profundidade da parte inferior – a “marquise”.

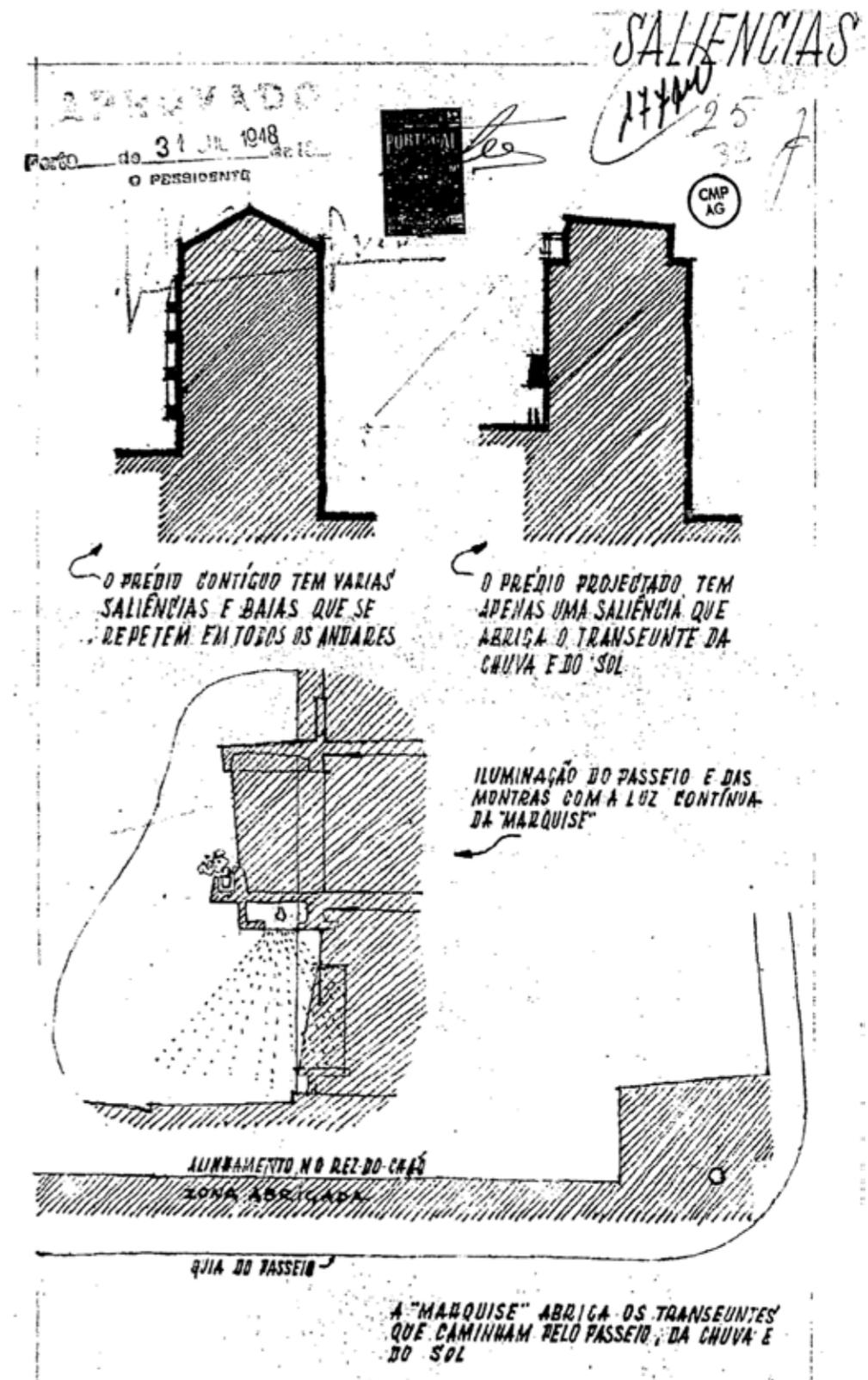
E o nosso objectivo foi, justa e exclusivamente, o de valorizar por contrastes de luz e sombra uma fachada que, por sugeita ao rigoroso alinhamento urbano, não poderia valer-se do jogo de volumes a que outra implantação mais livre daria lugar. E note-se que, nas restantes partes do edifício, todas as saliências e ressaltos foram obtidos não por avanços sôbre o alinhamento mas, precisamente, por recuos e, logo, com prejuízo dos espaços locativos.

Note-se também que todas as saliências foram apresentadas com minúcia em esquemas explicativos e justificativos ao requerer-se a licença das obras. Chamamos lealmente a atenção para todos os acidentes menos usuais do projecto para que fôssem bem ponderados, compreendidos e aceites.”⁹

⁸ Citação de LOSA, Arménio Taveira - Carta escrita à Câmara Municipal do Porto a 8 de Setembro de 1949.

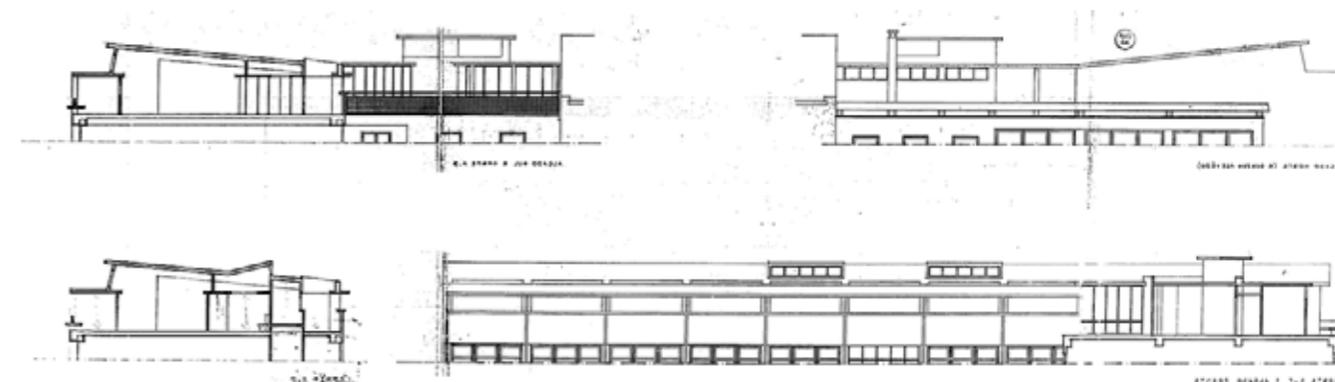
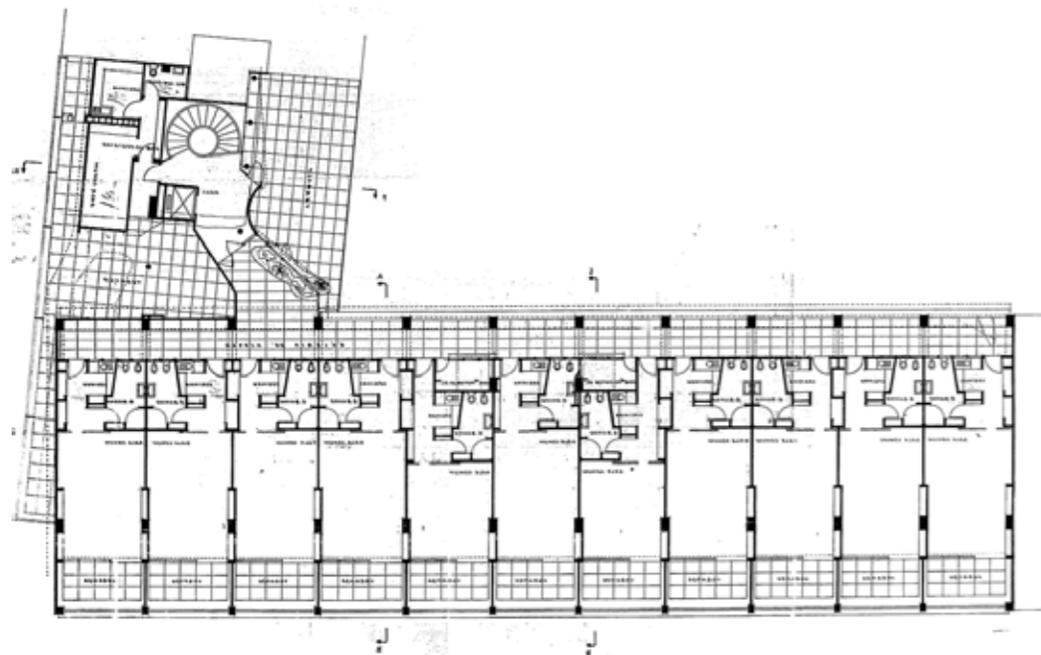
⁹ Idem

FIG. 363 Esquema de saliências sobre o passeio



ADITAMENTO AO LICENCIAMENTO DO PISO DE COBERTURA

FIG. 364 planta
FIG. 365 alçados e cortes



O pedido de licenciamento entrou em 1946 e a obra foi inaugurada já em 1950. No projecto inicial ainda não surgiam representados os estúdios do último piso FIG. 271 A 280, foi só mais tarde, em aditamento FIG. 364 E 365, que se passou este piso de escritórios para habitação.

“As alterações propostas ao projecto inicial consistem essencialmente na adaptação a residência de todo o último pavimento – o andar recuado. As residências neste pavimento são constituídas por pequenas áreas – tipo *appartement* – com uma grande sala, uma varanda coberta, quarto de banho, quarto de banho e cosinha. Alguns recantos resultantes de ligeiro jogo de divisórias, adaptam-se a armários distribuídos pelas diferentes dependências constituindo o apetrechamento essencial, em mobiliário, integrado na construção e portanto permanente. (...) O acesso ao andar dos “*appartements*” é comum ao das quatro habitações e, portanto, independente dos acessos e comunicações das restantes dependências do edifício. As comunicações verticais fazem-se por escada e ascensor; as horizontais através de um vestíbulo ajardinado e de uma galeria coberta com vidro.

A cobertura em terraço inclinado dêste último pavimento, não sofre alteração com as modificações internas. A sua inclinação e toda a forma da sua estrutura adapta-se, de resto, ao destino agora fixado para o último andar do prédio; a iluminação superior é em profundidade, conseguida pelo sistema adoptado de janelas altas e janelas normais; o grande pé direito que se obtém nas zonas de maior permanência; a ventilação por intermédio das janelas altas de bascula.

E porque para maior aproveitamento dos pés direitos se não constroem duplos tectos, a camada de cobertura foi revestida de uma adequada camada de cimento celular que assegura o necessário isolamento térmico. A ventilação e iluminação das peças de serviço – cosinha e banho – estão igualmente asseguradas. A parte superior das janelas dêstes compartimentos abre-se de modo a permitir uma ventilação conveniente, sem que as pessoas que transitam na galeria de comunicação (para onde abrem) possam devassar a intimidade do interior. (...)

^B Citação de LOSA, Arménio Taveira - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 42 de Janeiro de 1947)

Com as alterações propostas, apenas se altera exteriormente o aspecto da fachada voltada ao interior do quarteirão. Esta fachada ganha do ponto de vista estético ou plástico pois desaparecem as casas de máquinas de dois ascensores que, no primitivo projecto, se destacavam acima da cobertura. Também a escada, que se marcava nesta fachada com o seu grande janelão, termina agora no andar imediatamente inferior, permitindo que as horizontais de remate do edifício se acentuem com grande vantagem para o seu bom aspecto.^B

Podemos ver, nos desenhos do aditamento, a solução prevista, e muito provavelmente aquela que terá sido a sua solução original, para o bloco das casas de banho e cozinhas, com a preocupação expressa na memória descritiva de que ambos os espaços beneficiem da luz da galeria.

No prédio do gaveto entre a Rua de Sá da Bandeira e a Rua da Firmeza, o Edifício TAAG, de José Ferreira Penêda, houve a intenção, não concretizada, de fazer uma cobertura em terraço FIG. 320. Apesar de, nesta memória descritiva, se designar a cobertura do Edifício DKW de terraço, esta tem uma pendente acentuada e não é acessível FIG. 353 E 365, pelo que os seus autores se referem sobretudo a um sistema construtivo. Apesar de revelarem cuidados ao utilizar este novo sistema de cobertura, revelam também alguma ingenuidade, não tendo sido o seu isolamento suficiente. Mas, o que acusa maior modernidade nesta cobertura, é o partido estético que dela se tira, quer no interior, onde se aproveitam as diferenças no pé direito inclusive para uma melhor captação da luz e ventilação, quer no seu exterior, desenhando no topo a sua silhueta e denunciando preocupações com o aspecto do quinto alçado – o da cobertura.

PALÁCIO DO COMÉRCIO

FIG. 366 Planta de implantação

LICENÇA N. 51 DE JANEIRO DE 1947
 REQUERENTE: EMPRESA TÊXTIL D. FERREIRA S.A.B.L.
 TERMO DE RESPONSABILIDADE: MARIA JOSÉ MARQUES DA SILVA MARTINS

Da memória descritiva do processo de licenciamento do “majestoso” Palácio do Comércio **FIG. 186 a 216**: “Concebido de modo a poder contribuir, em elevado grau, para a plena valorização estética e funcional do núcleo central citadino, êste edificio, que tanto pela sua privilegiada situação, grande composição, invulgares dimensões, como pelos nobres e ricos materiais com que deverá vir a ser construído, não poderá deixar de ser, para os vindouros, um bem marcante, expressivo e dignificador **PADRÃO** da nossa época – graças à larga capacidade realizadora e ao tão louvável espírito bairrista e de sacrifício da firma que o pretende construir – destinar-se-à quasi exclusivamente ao comércio e à habitação e compreenderá: dois sub-solos, um rés-do-chão, quatro andares no seu corpo transversal e seis nos restantes.

O seu gaveto principal, no ângulo formado pela praça projectada em Fernandes Tomás e Sá da Bandeira, elevar-se-à ligeiramente, de modo a predominar sôbre a restante composição e a conferir ao conjunto uma silhueta tão imponente como elegante e inconfundível.

Embora dotado com menos dois andares do que o prédio recentemente construído numa das ruas para a qual êle também virá a ficar voltado – o “arranha-céus” (o Edifício Rialto) – e a mesma altura (24m) dos edificios seus vizinhos ainda em construção, no ângulo das ruas de Sá da Bandeira e da Firmeza (o Edifício EDP), êste valioso conjunto isolado e inteiramente revestido a placagem de granito polido na altura do rés-do-chão e a granito lavrado e a pico fino na altura dos restantes andares, terá por estrutura resistente uma série de pórticos, lages e vigas de betão armado, (...)”¹

São ambiciosas, e quase iconográficas, as pretensões deste edificio e ainda mais nesta primeira versão, bastante alterada em sucessivos aditamentos, onde se abdicou de algumas das suas aspirações, tais como do “grande café Palácio” e do auditório que seria construído no seu pátio para servir as salas de escritórios:

“Como pelas respectivas peças desenhadas facilmente se pode verificar, os vários pavimentos deste imóvel monumental – que, certamente, dentro de dois anos não deixará de ser uma feliz realidade a contribuir para melhorar a fisionomia da parte central – destinam-se:

O RÊS-DO-CHÃO, ao grande Café Palácio, voltado para a nova praça, em Fernandes Tomás, respectivos anexos, um restaurante e catorze estabelecimentos comerciais (...) **FIG. 373**

O PRIMEIRO SUB-SOLO, às cozinhas do café e do restaurante e respectivos anexos; à instalação de acondicionamento do ar e aquecimento do café; às arrecadações das moradias previstas nos 5º e 6º andares; e aos armazens dos estabelecimentos do rés-do-chão. O acesso a estas dependencias ficará assegurado por meio de corredores, monta-cargas e ascensores indicados nas plantas. **FIG. 374**

O SEGUNDO SUB-SOLO, a uma grande garagem, para recolha de automóveis ligeiros, tão ampla quanto actualmente o permitem a arte e a técnica de bem construir, escritório privativo, pequeno depósito de material, vestiário e instalações sanitárias do pessoal. O seu acesso, para veículos e peões, ficará perfeitamente assegurado através de um túnel a construir com saída para a Rua do Bolhão, e de dois ascensores, para serviço de todos os andares.”² **FIG. 375**

¹ Citação de MARTINS, Maria José Marques da Silva - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 51 de Janeiro de 1947).
² idem

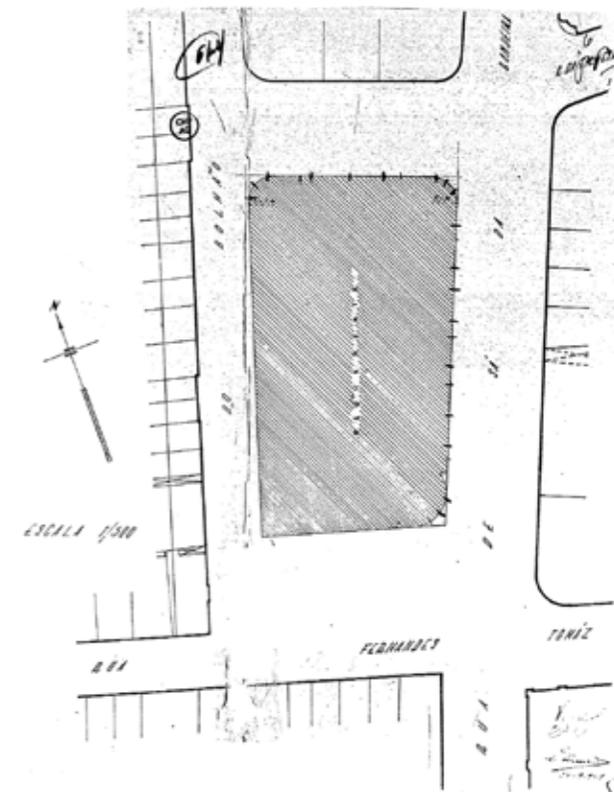


FIG. 367 Alçado principal para a Rua de Sá da Bandeira

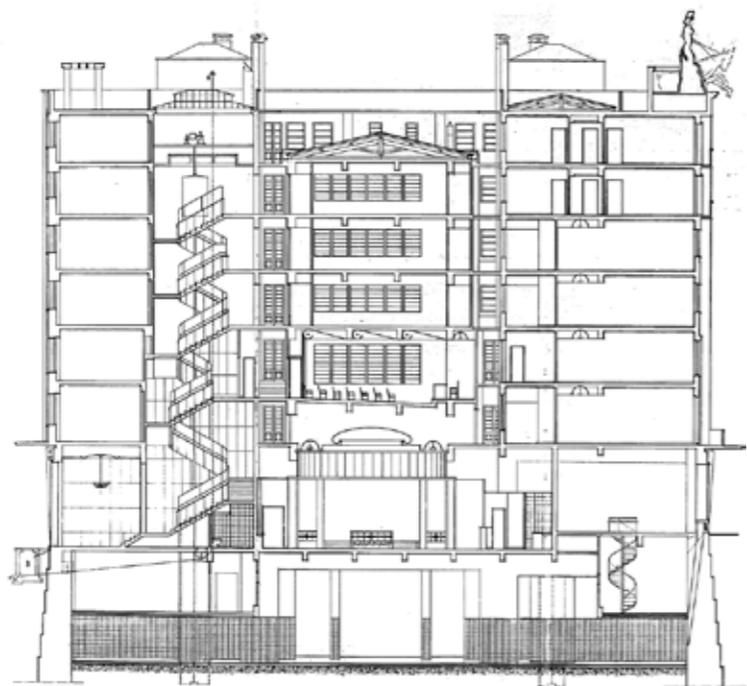


FIG. 368 Corte transversal



FIG. 370 Alçado Sul para a Rua Fernandes Tomás



FIG. 369 Corte longitudinal

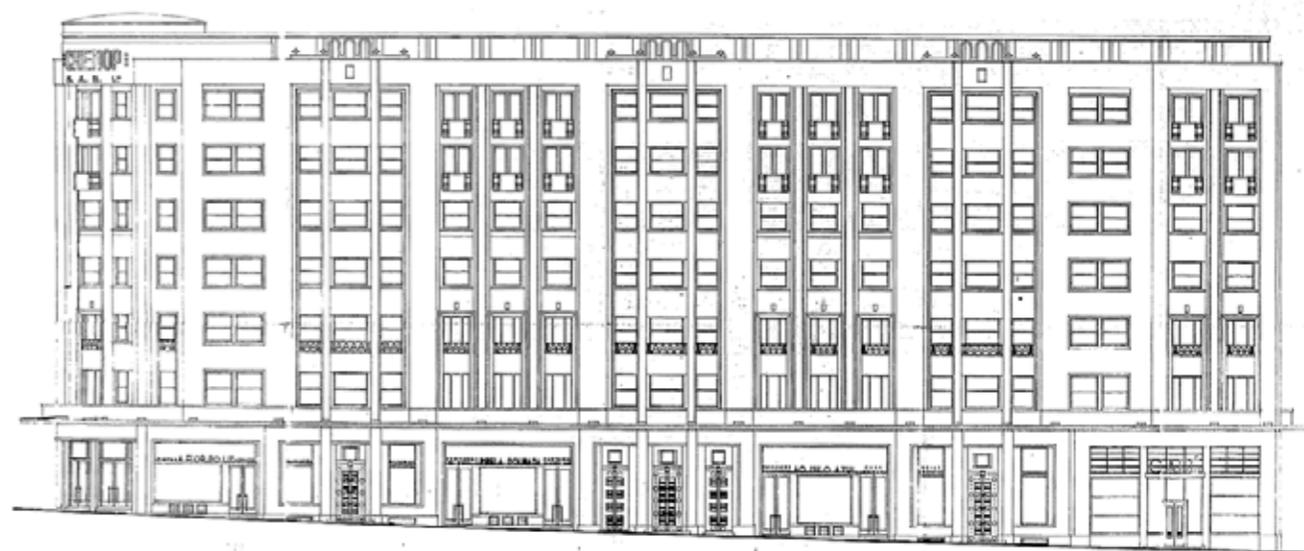


FIG. 371 Alçado posterior para a Rua do Bolhão

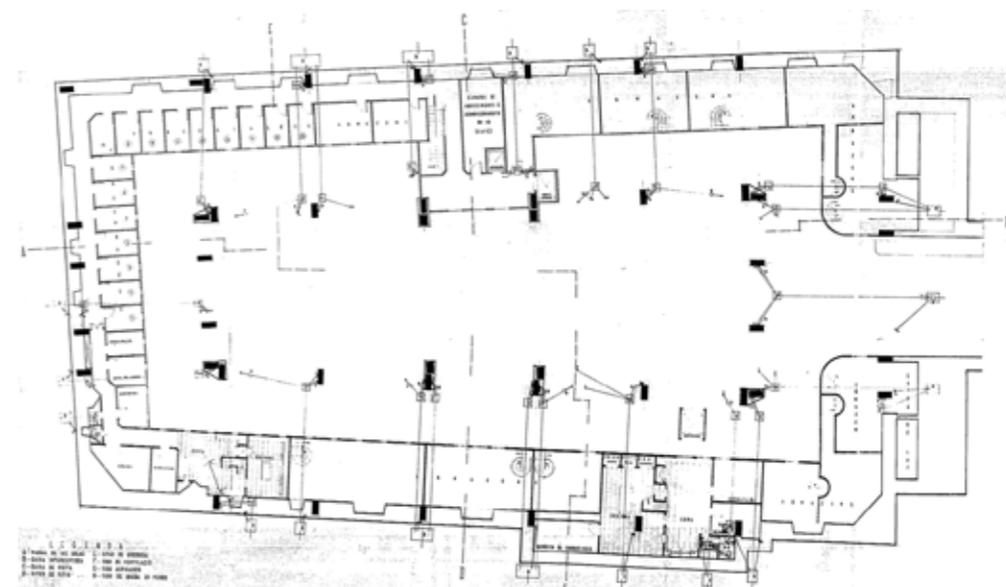


FIG. 374 Planta do 1º sub-solo

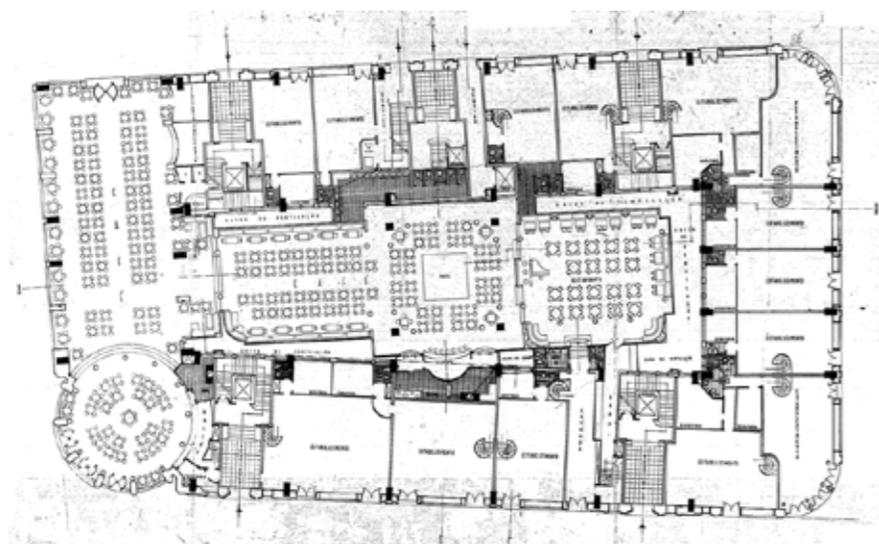


FIG. 372 Alçado Norte para a Rua da Firmeza
FIG. 373 Planta do rés-do-chão

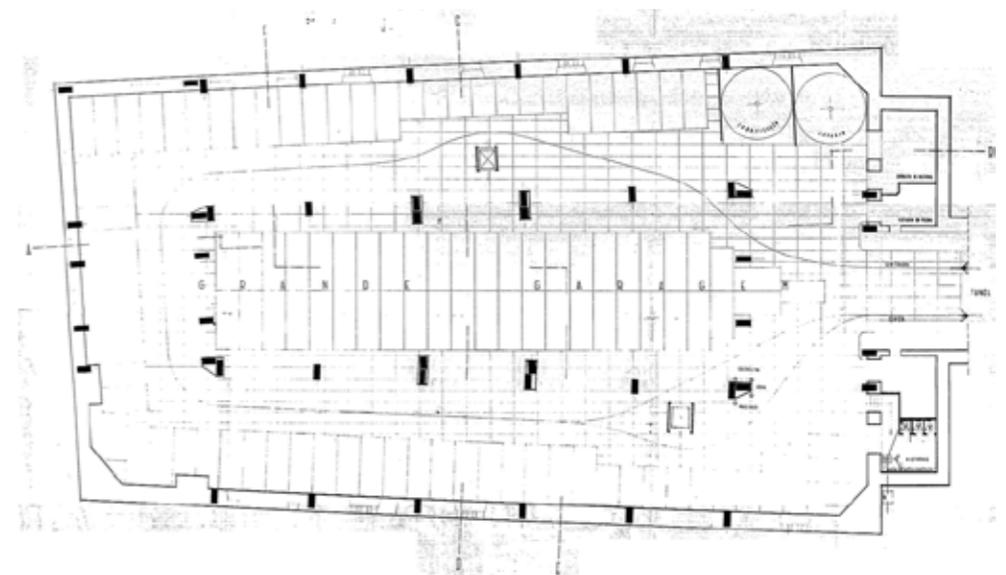


FIG. 375 Planta do 2º sub-solo

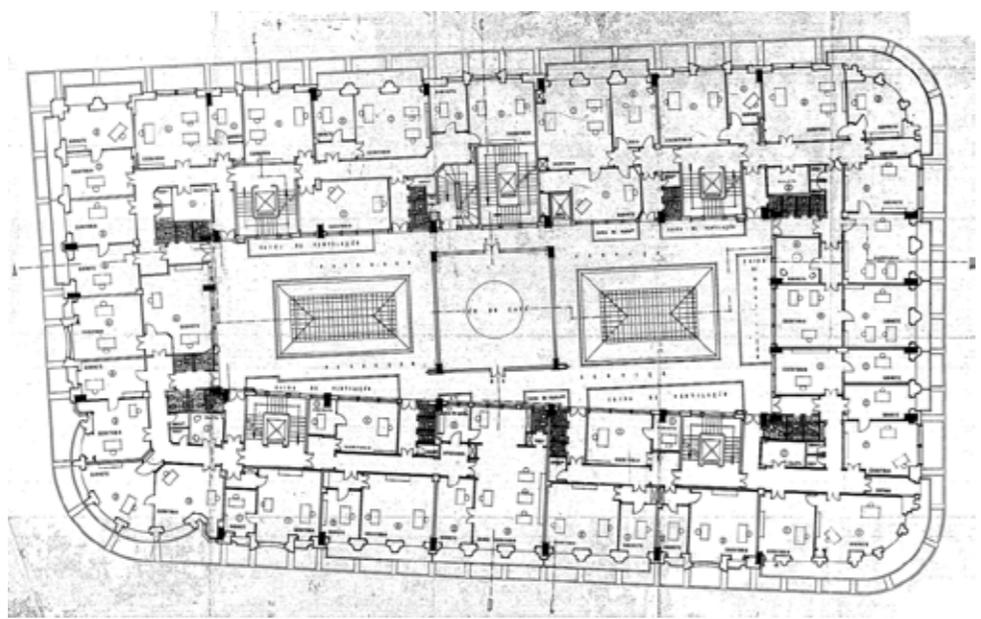


FIG. 376 Planta do 1º piso

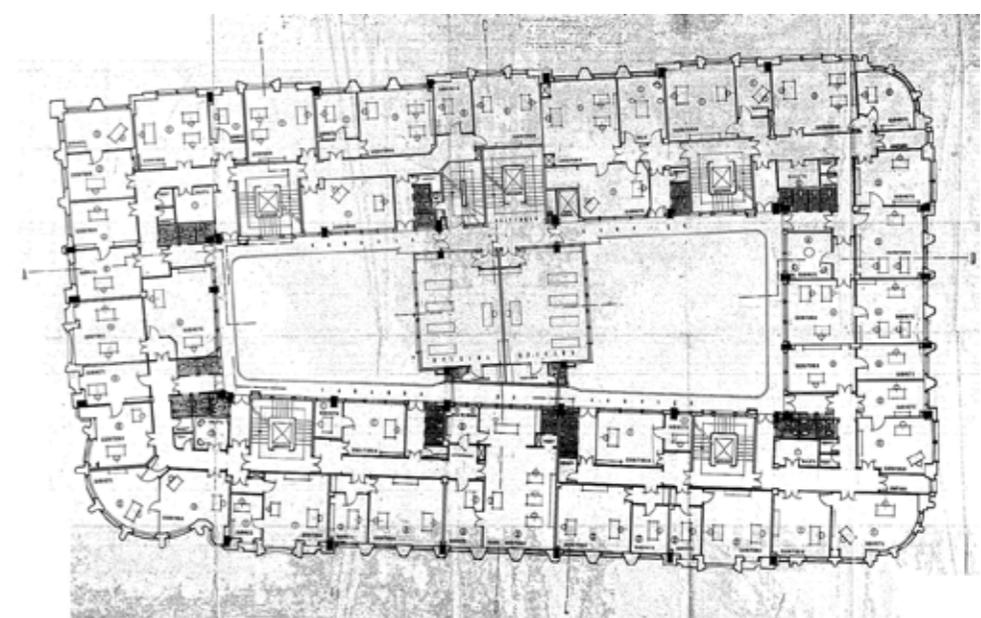


FIG. 378 Planta dos 3º e 4º pisos

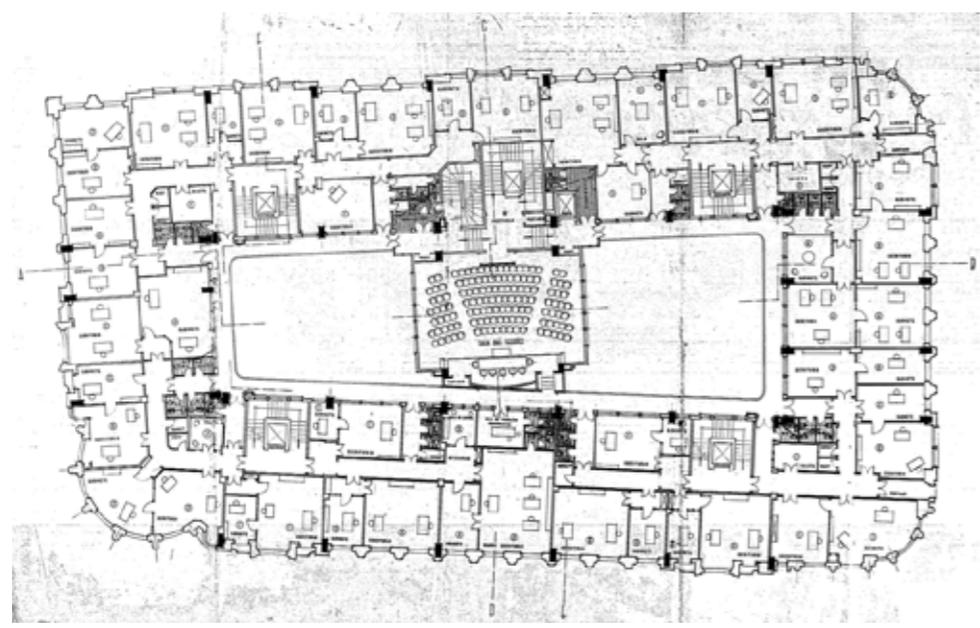


FIG. 377 Planta do 2º piso

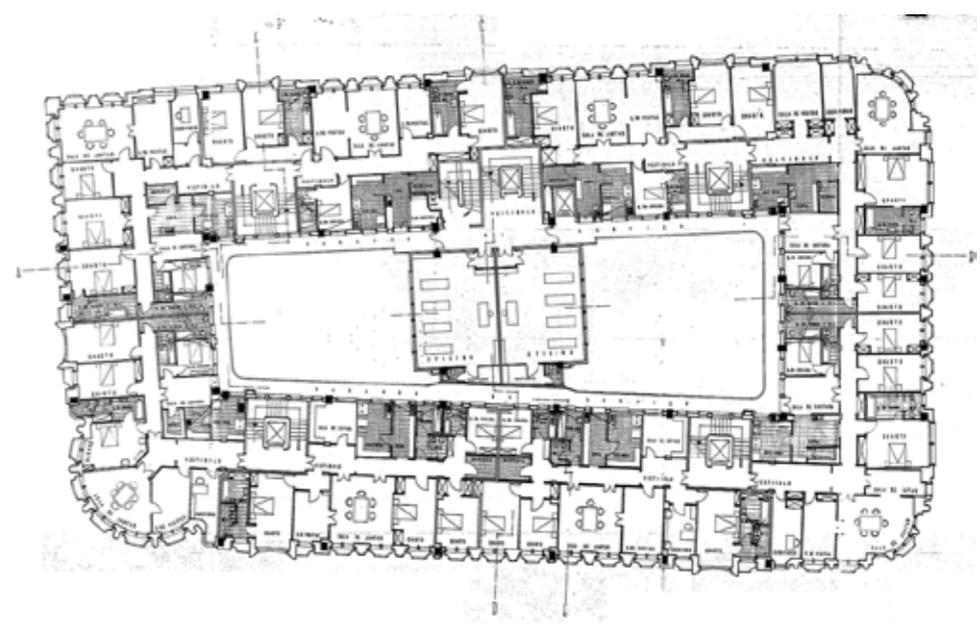
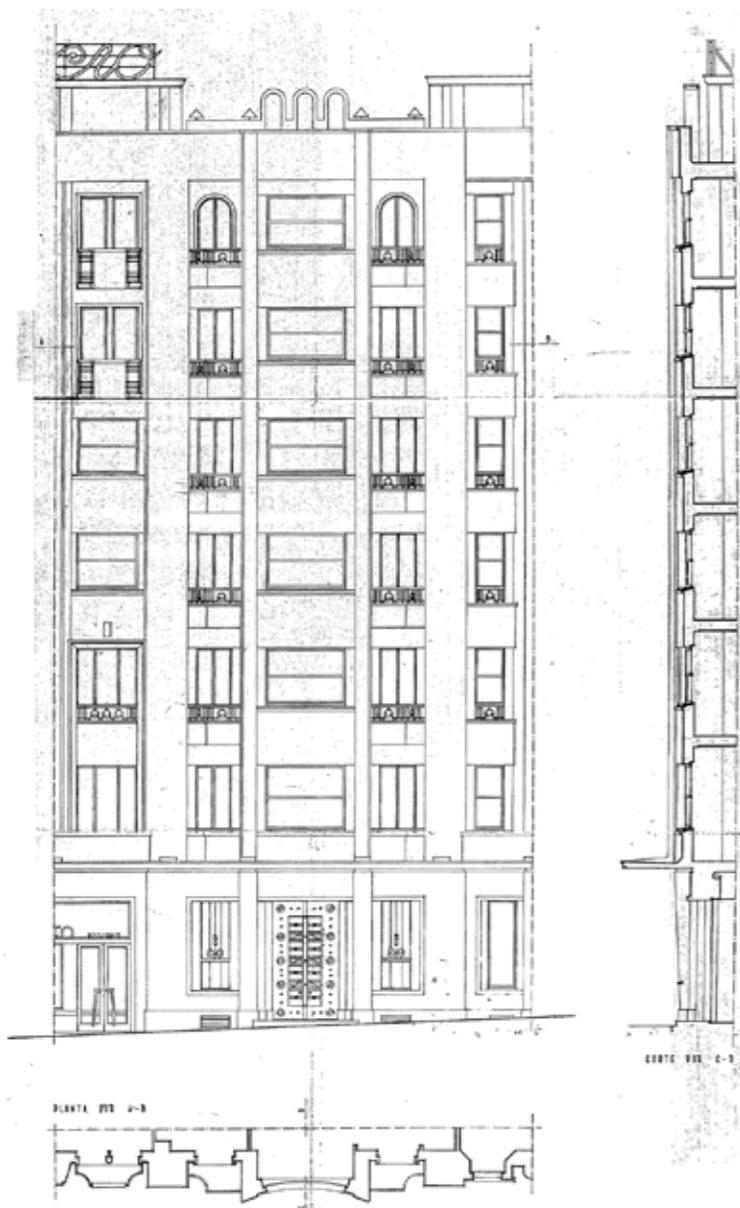


FIG. 379 Planta dos 5º e 6º pisos



“O PRIMEIRO, SEGUNDO, TERCEIRO e QUARTO ANDARES, bem como o torreão, a cem escritórios comerciais; quatro oficinas e respectivos anexos; e uma SALA DAS SESSÕES, destinada aos sócios ou accionistas da Empresas e Companhias com séde, escritório ou agência no Palácio do Comércio.” **FIG. 376 A 378**

“O QUINTO e SEXTO ANDARES, a dezasseis moradias individuais, duas oficinas e os necessários anexos.”³ **FIG. 379**

Fomos surpreendidos pela data do seu pedido de licenciamento, já que o seu estilo Art Déco nos fez crer que o edifício seria bem anterior. O seu pedido de licenciamento deu entrada na Câmara Municipal do Porto no mesmo ano que o do Edifício DKW, sendo abismal a diferença entre eles, apesar de a modernidade de este último também não ser habitual para aquela época no Porto.

Embora fosse comum uma imagem de carácter mais funcionalista para as áreas de serviço, a moderna aparência do seu pátio interior **FIGS. 203 A 206** já acusava que pudesse ser menos antigo do que o que a sua aparência exterior e a caracterização dos seus interiores nos poderiam fazer pensar. A mentalidade dominante na época não considerava digno o despojamento decorativo da linguagem moderna, que apenas era aceitável nas serventias.

É revolucionário o uso de alguns materiais, tal como o acrílico com uma ligeira curvatura nas suas janelas **FIG. 200**; não tivemos a preocupação de datar o momento em que este material surgiu e entrou no mercado; o seu precoce uso pareceu-nos enquadrado por um desejo de sofisticação exigindo inovação que, quando assim é, se resume à introdução de novidades tecnológicas enquadradas pelo estilo da “moda”.

Vimos surgir algumas novidades programáticas na tipologia de habitação, tais como a suite do casal ou a copa **FIG. 196**, as quais atribuímos exclusivamente ao luxo do empreendimento, para além de também a uma maior racionalização na distribuição das funções.

No entanto, na sua espacialidade, continuamos a encontrar uma sequência de espaços vestibulares em distribuição linear para uma clara compartimentação (como vimos, foi necessária a demolição de uma parede para obter maior amplitude no espaço da sala de estar, ligada à circular sala de jantar por uma larga mas bem definida passagem) e a distribuição dos seus compartimentos ignora a orientação solar: os quartos e salas são distribuídos pelas aberturas da fachada, enquanto as áreas de serviço e casas de banho se voltam para o interior do quarteirão.

Nesta primeira versão do projecto **FIG. 379** podemos ver que, entre outras diferenças para com os apartamentos visitados **FIGS. 196 A 202**, a sala de jantar ainda não é circular; sem a sala circular ainda se torna mais evidente a convencionalidade da organização em planta dos apartamentos.

Também ainda não existem os andares da cobertura **FIG. 210 a 216**, introduzidos no primeiro de sucessivos aditamentos **FIG. 381 a 384**:

“Este andar, recuado 3,14 m do alinhamento, invisível de qualquer das ruas que o circundam, com excepção da parte alta da rua da Firmeza, comportará, como pela respectiva planta se pode verificar, em ótimas condições de salubridade e de estética, sete moradias com acessos e entradas independentes.

Fazendo fundo ou segundo plano a pérgula indicada em projecto, longe de contrariar os regulamentos em vigor, visto que não exige altura maior para o edifício na prumada das suas fachadas, vem proporcionar um aproveitamento do espaço sobremodo interessante e uma valorização do edifício com a qual só podem vir a beneficiar o bom nome e o prestígio da cidade que aquela benemérita firma tanto tem procurado de há uns tempos para esta parte. Arquitectónicamente, o andar projectado harmonisa-se perfeitamente com os andares inferiores, embora o facto de ficar muito recuado permita, sem qualquer espécie de prejuízo, uma conveniente simplificação dos elementos.”⁴

No segundo aditamento **FIG. 385 a 392** passaram de escritórios para habitação os terceiro, quarto pisos, dividiu-se a obra em fases e fizeram-se alterações ajustadas ao programa dos futuros locatários dos escritórios e comércio, às entradas e às habitações:

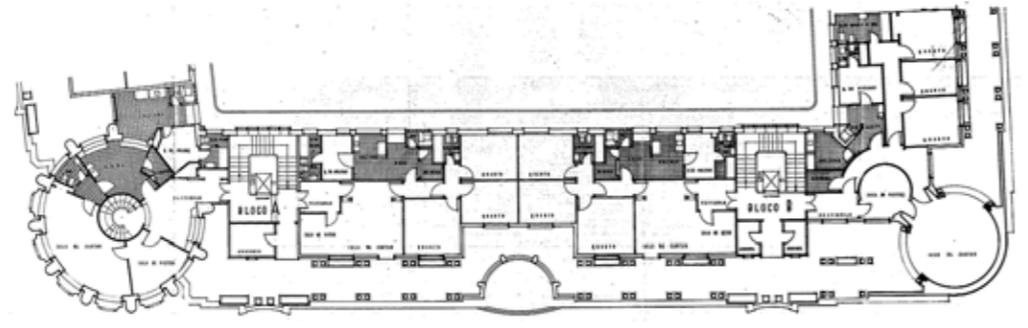
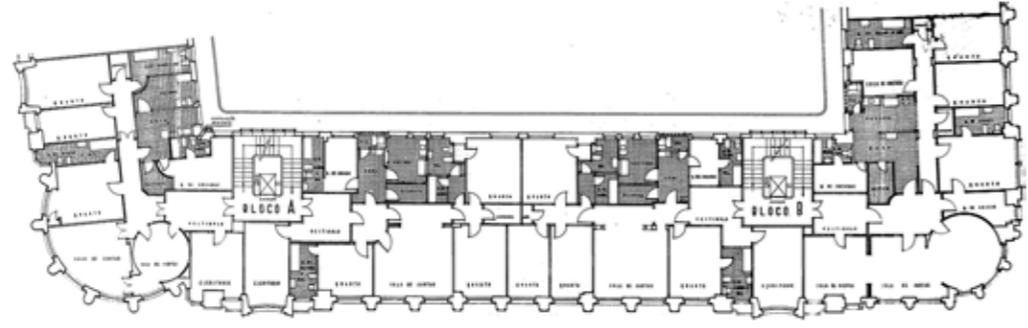
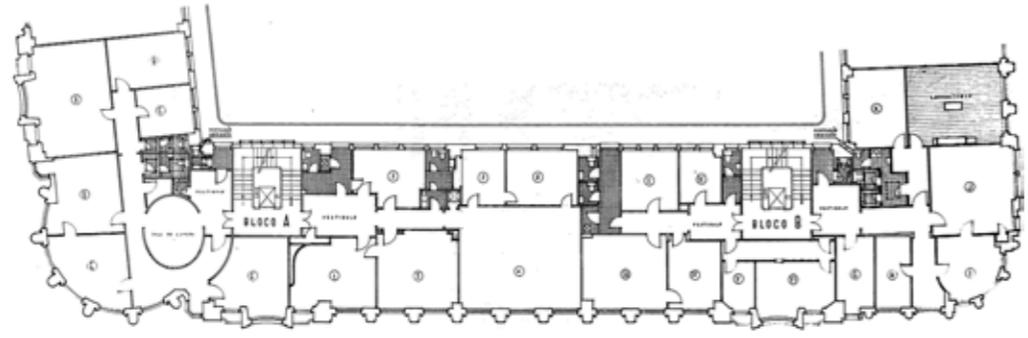
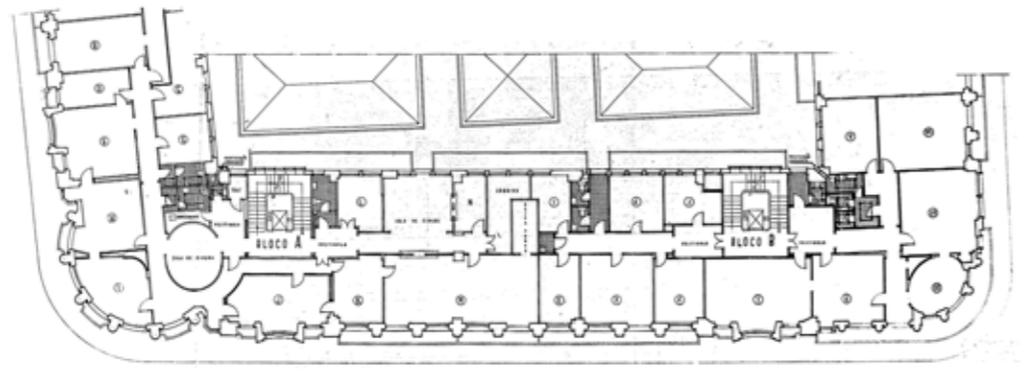
“Trata o projecto que esta memória completa, das alterações que as circunstâncias aconselharam a introduzir no PALÁCIO DO COMÉRCIO, edifício que, destinando-se a vários fins, nem por isso deverá deixar de corresponder, em cada andar, como em cada uma das suas dependências, às necessidades e exigências dos seus futuros ocupantes, umas e outras só há pouco tornadas definitivamente conhecidas...”⁵

³ Citação de MARTINS, Maria José Marques da Silva - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 51 de Janeiro de 1947).
⁴ idem
⁵ idem

FIG. 380 Alçado e corte de fachada parciais

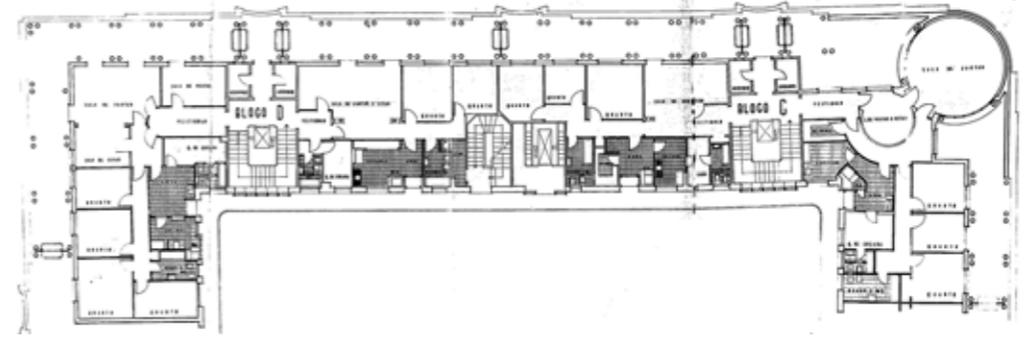
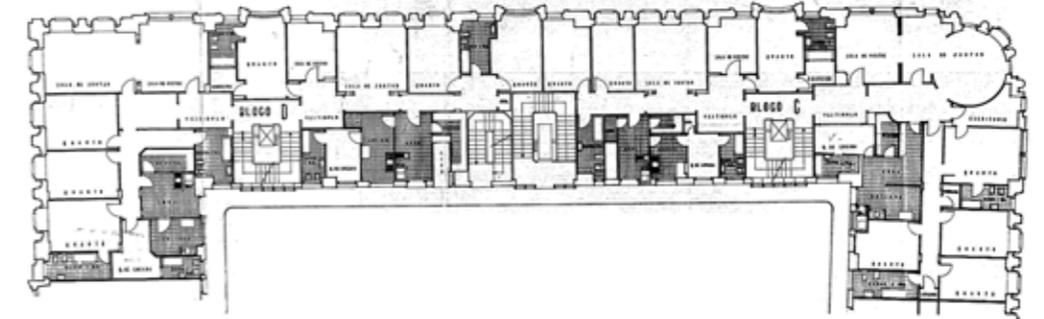
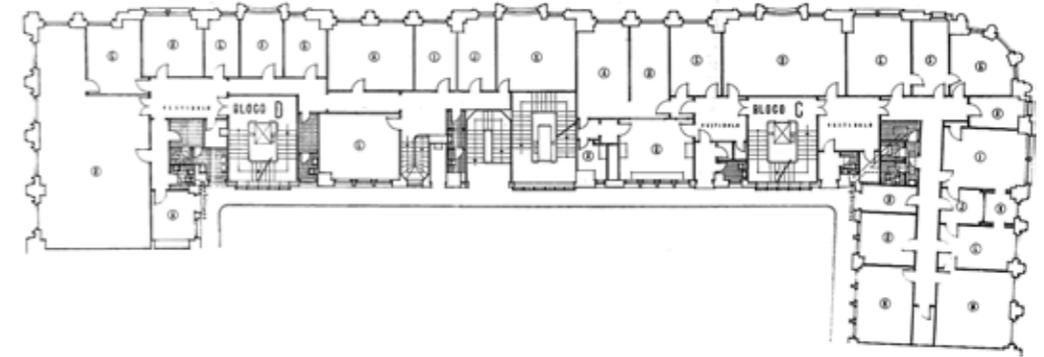
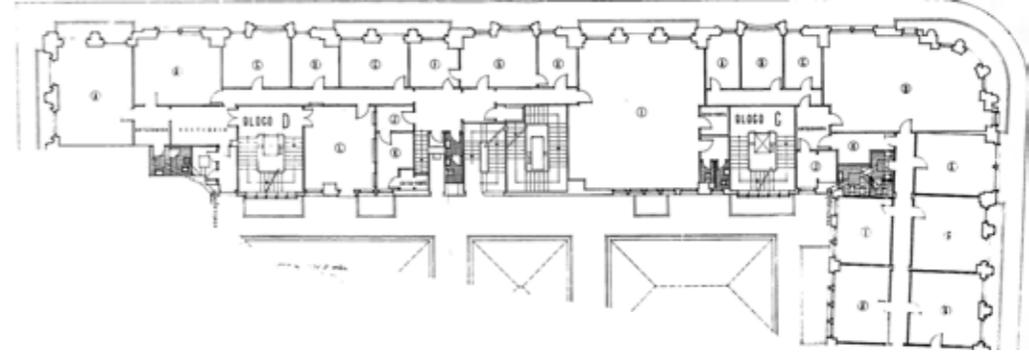
PLANTAS DO 2º ADITAMENTO,
1ª FASE

- FIG. 385 1º piso
- FIG. 386 2º piso
- FIG. 387 3º, 4º, 5º e 6º pisos
- FIG. 388 7º piso



PLANTAS DO 2º ADITAMENTO,
2ª FASE

- FIG. 389 1º piso
- FIG. 390 2º piso
- FIG. 391 3º, 4º, 5º e 6º pisos
- FIG. 392 7º piso



EDIFÍCIO EMPORIUM

LICENÇA N. 96 DE FEVEREIRO DE 1948
 REQUERENTE: SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO S.A.
 TERMO DE RESPONSABILIDADE: ANTÓNIO AUGUSTO DA CRUZ

No Edifício Emporium **FIG.156 A 185**, tal como no edifício de apartamentos geminados em torno de um saguão **FIG.59 A 70 E 321 A 327**, os desenhos de arquitectura estão assinados por José Porto que presumimos ser o seu autor.

Da memória descritiva: *“Os edifícios compõem-se de rés do chão e quatro andares. Em virtude do pronunciado declive da Rua de Sá da Bandeira tornou-se necessário para não destruir o conjunto arquitetónico formado pelos andares, todos ao mesmo nível e em harmoniosa ligação com as construções adjacentes, intercalar numa pequena parte dos edifícios uma sobreloja a qual será integrada nos estabelecimentos do rés do chão **FIG.394 A 396**.*

*O grande espaço compreendido entre os níveis das ruas e o fundo do terreno cuja altura é cerca de 11 m na Rua de Guedes Azevedo, não podendo apenas ser preenchido por simples dependências dos andares ou estabelecimentos, tem o seu aproveitamento para uma garagem em dois pavimentos **FIG.397** pois nem de outro modo se poderia economicamente conceber a utilização daquele espaço que não compensasse o grande dispendio em fundações e muros de suporte (...). Esta garagem tem o seu acesso pela rua de Sá da Bandeira por uma rampa que liga os dois pavimentos além das escadas e ascensores previstos. Para que esta rampa tivesse na sua curva um raio de concordância aceitável foi necessário utilizar o terreno até ao seu limite posterior (...)¹*

A sua memória descritiva volta a reduzir os seus conteúdos a questões programáticas, incidindo quase só sobre o estacionamento que, por este texto, quase se diria ser exclusivamente consequência das circunstâncias da implantação.

No Edifício Emporium, tal como no Edifício DKW, apenas a entrada da rua Guedes de Azevedo é residencial, sendo as da Rua de Sá da Bandeira destinadas a escritórios **FIG.398 A 400**.

Nos apartamentos, para além de o projecto sectionar, com diversas portas, o “T” das circulações, não se registam grandes diferenças do projectado para o construído **COMPARAR FIGURA 167 E 399**.

A organização dos escritórios **FIG.399 E 400** é, em alguns aspectos, semelhante à das tipologias de habitação do prédio contíguo **FIG.120 A 122**, nomeadamente no que se refere aos espaços de distribuição, banhados pela luz do saguão, e à localização dos sanitários, que coincide com a das zonas de água deste.

No módulo do gaveto, o corredor vira, recebendo aí luz a partir de umas janelas orientadas para o pátio, no canto interior do quarteirão. É muito estranha a configuração do gabinete no torreão do cunhal, que acaba por não ter dimensão para acolher a sua curvatura.

¹ Citação de CRUZ, António Augusto da (ou PORTO, José) - Memória descritiva do projecto de licenciamento (Licença nº 96 de Fevereiro de 1948).

FIG. 393 Planta de implantação

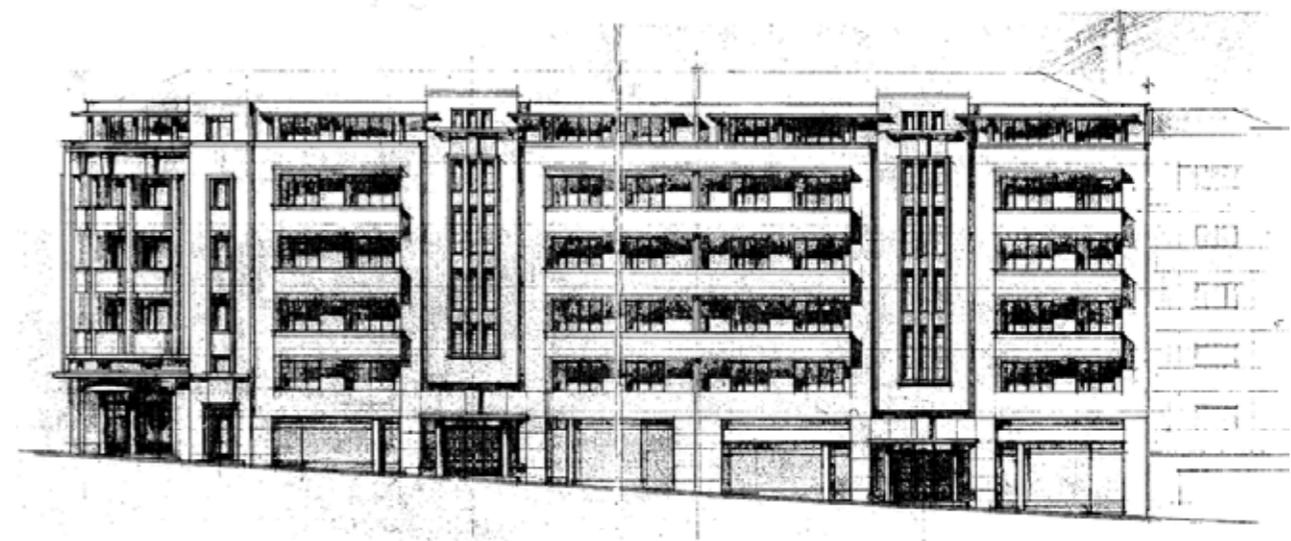


FIG. 394 Alçado do aditamento



FIG. 395 Alçado posterior e corte

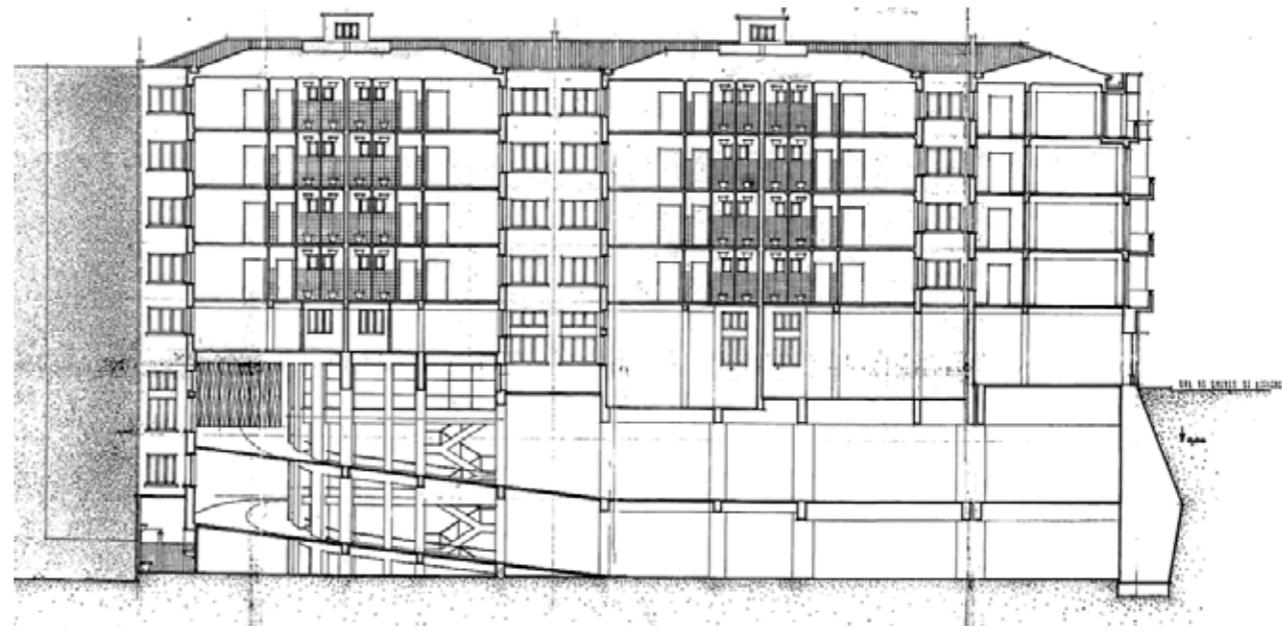


FIG. 396 Corte

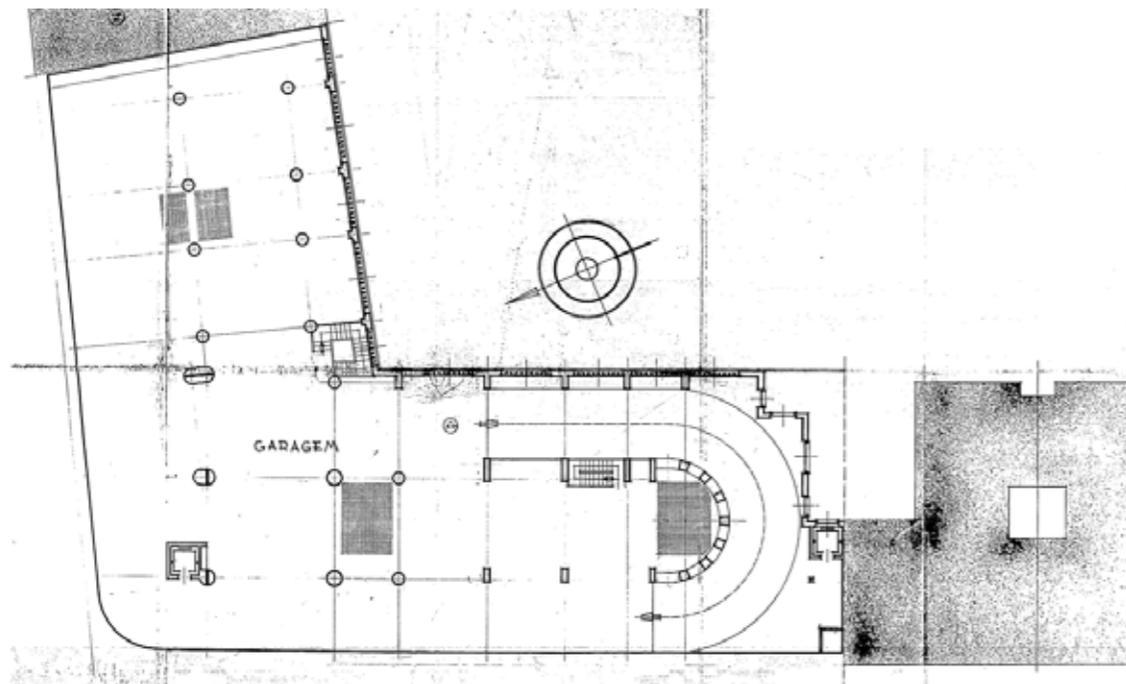


FIG. 397 Planta do sub-solo

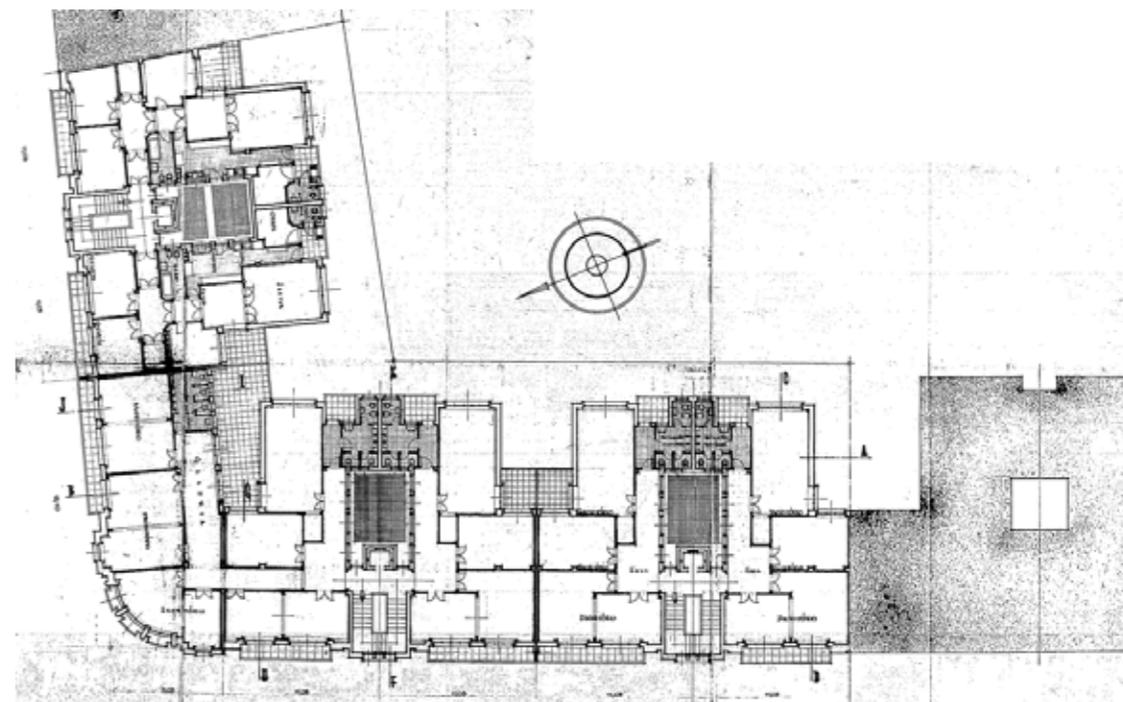


FIG. 399 Planta dos 1º, 2º e 3º pisos

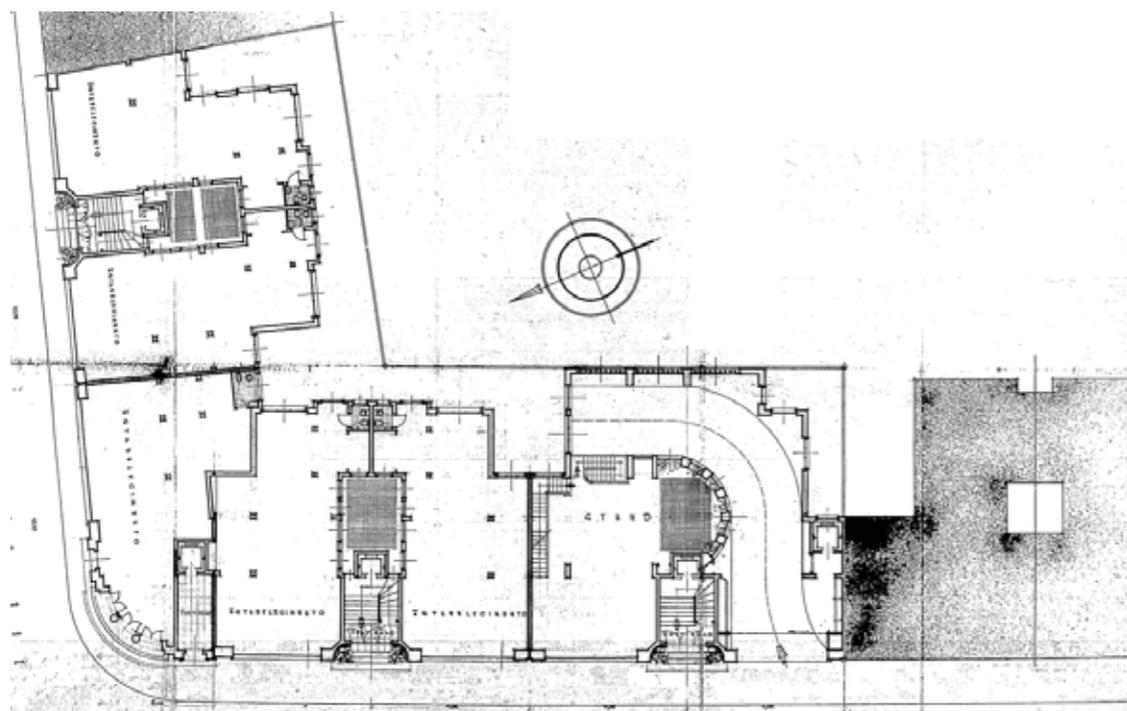


FIG. 398 Planta do rés-do-chão

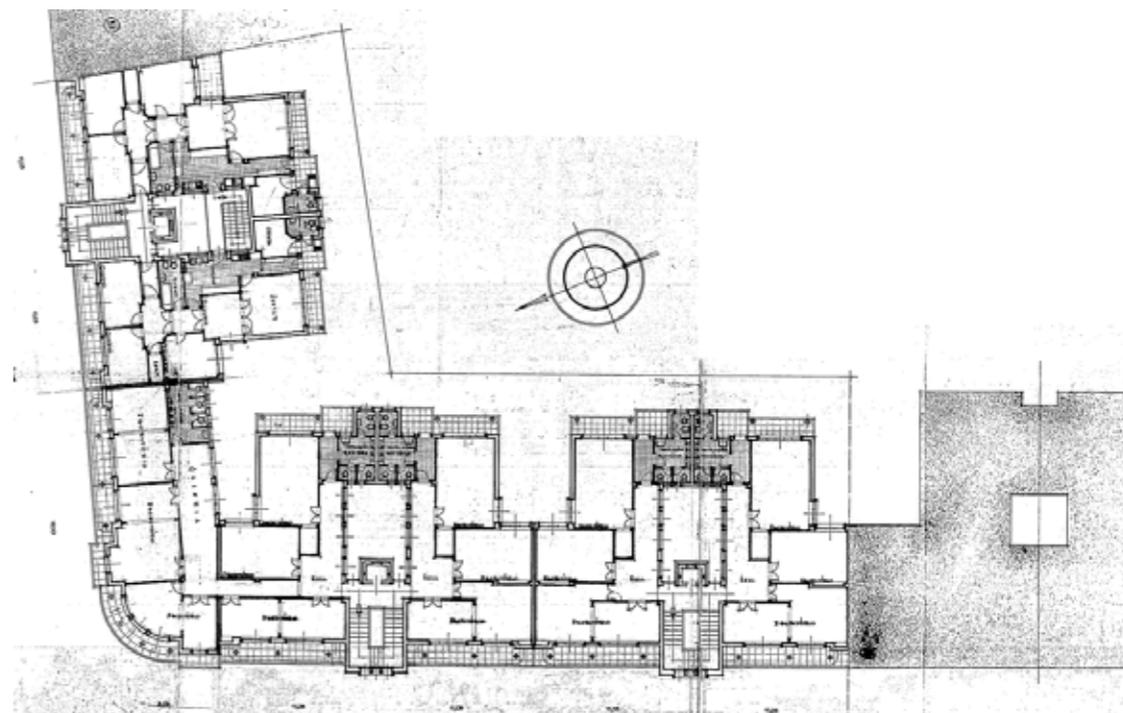


FIG. 400 Planta do 4º piso

EDIFÍCIO DO BANCO POPULAR

LICENÇA N. 338 DE 1958 (LOTES 2, 3 E 4)

REQUERENTE: JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS,
MARIA LUIZA FLORES FERREIRA DOS SANTOS E OUTROS

TERMO DE RESPONSABILIDADE: JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO SARMENTO

LICENÇA N. 128 DE 1960 (LOTE 1)

REQUERENTE: JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

TERMO DE RESPONSABILIDADE: AGOSTINHO RICCA

LICENÇA N. 682 DE 1961 (BLOCO DE GONÇALO CRISTÓVÃO)

REQUERENTE: JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS /

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE

TERMO DE RESPONSABILIDADE: JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO SARMENTO

LICENÇA N. 206 DE 1963 (LOTE 5)

REQUERENTE: PAULINO DE SOUSA PEREIRA MELO

TERMO DE RESPONSABILIDADE: JOZÉ BARBOSA LOURENÇO, ENG.

LICENÇA N. 606 DE 1969

(ESQUINA DE GONÇALO CRISTÓVÃO COM SANTA CATARINA)

REQUERENTE: ANTÓNIO JOZÉ PINTO DE OLIVEIRA

TERMO DE RESPONSABILIDADE: ANTÓNIO AUGUSTO DA CRUZ

O Edifício do Banco Popular **FIG.281 A 299** é constituído por vários lotes, licenciados individualmente entre 1958 e 1969, devendo-se a sua imagem unitária à existência de um plano e ao desenvolvimento dos seus vários projectos pelos mesmos autores: todos os projectos de licenciamento são assinados por Agostinho Ricca e Benjamim do Carmo, exceptuando o do bloco de Gonçalo Cristóvão e o da esquina deste com a Rua de Santa Catarina, que apenas têm a assinatura de Benjamim do Carmo.

Em conversa com Agostinho Ricca, este contou-nos que esta área foi alvo de um concurso camarário para o seu plano de pormenor, no qual ainda terá concorrido sozinho; a parceria com Benjamim do Carmo terá sido posterior e, por motivos de que já não se recorda, não houve entendimento mútuo, pelo que o nosso interlocutor, num momento que não nos soube

precisar, abandonou o projecto. Era evidente o desgosto que lhe provocava recordar este processo, o que explica o facto de não lhe fazer qualquer referência na monografia da sua obra, que entretanto publicou. Agostinho Ricca assume a ideia inicial mas, por motivos que não conseguimos que especificasse, não se identifica com o resultado final. É certo que, ainda assim e como referimos, a sua assinatura está presente em todos os projectos de licenciamento dos lotes da Rua de Sá da Bandeira de 1959, sendo apenas evidente já não ter tido qualquer participação no bloco da rua de Gonçalo Cristóvão de 1961, assinado exclusivamente por Benjamim do Carmo. Ainda assim, forneceu-nos a perspectiva na altura apresentada a concurso **FIG.401**, a única peça desenhada deste processo que ainda foi capaz de encontrar no seu arquivo.

FIG. 401 Perspectiva apresentada no concurso para o plano desta área, fornecida por Agostinho Ricca

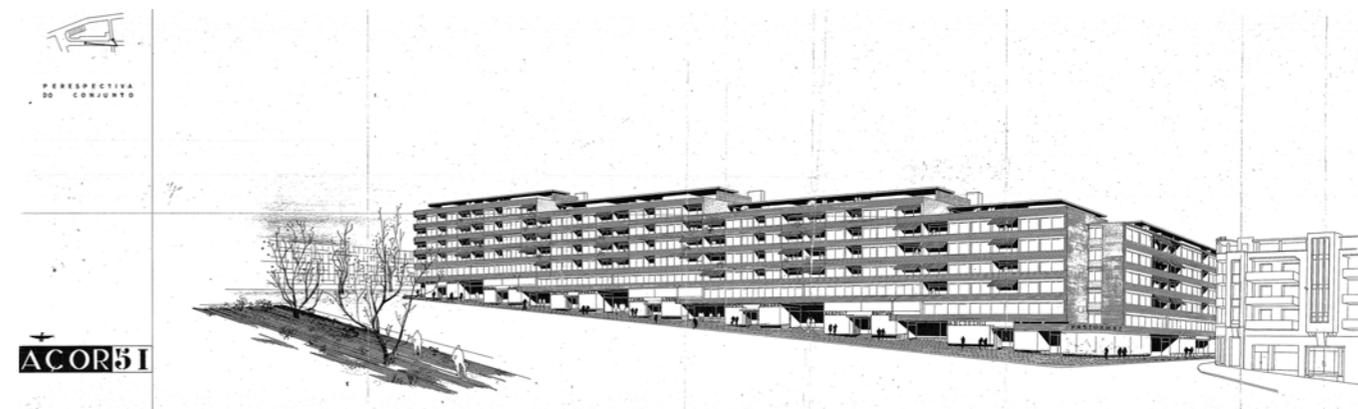
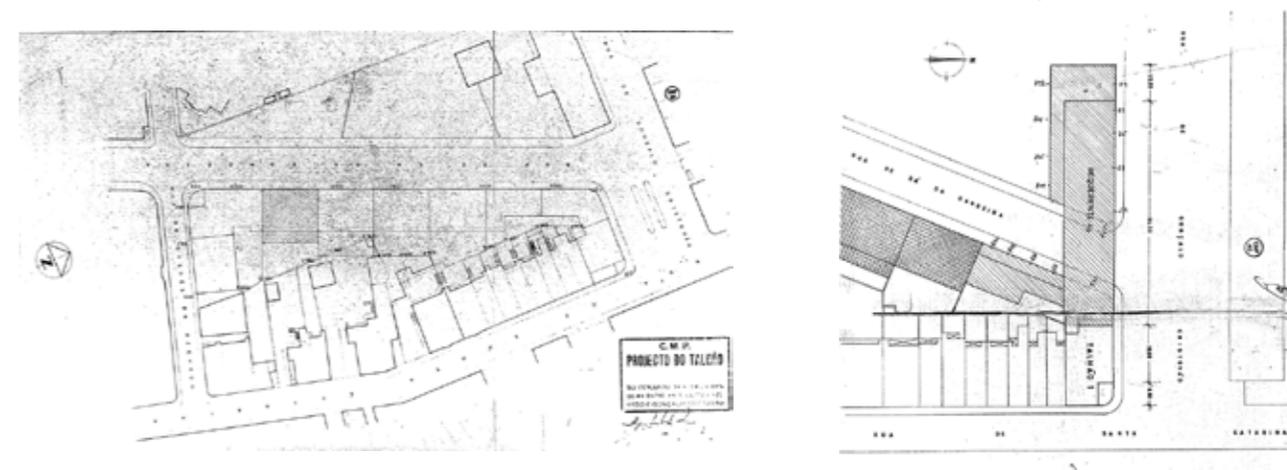


FIG. 402 Planta de implantação do aditamento ao projecto de licenciamento 338 de 1958 para um lote na Rua de Sá da Bandeira

FIG. 403 Planta de implantação do projecto de licenciamento 682 de 1961 para o bloco da Rua de Gonçalo Cristóvão



Na perspectiva o edifício tem várias coberturas com desníveis entre si que acompanham o desnível da rua, mantendo-se o número de pisos para cada lote, em vez da cêrcea contínua do bloco construído, e, quer nesta, quer nos primeiros desenhos de implantação **FIG.402** ainda não aparece o bloco que passa por cima da rua, apenas representado no respectivo licenciamento de 1961 **FIG.403**.

Não conseguimos esclarecer, na conversa que tivemos com Agostinho Ricca, se a ideia de libertar um dos lados da rua para um jardim público já fazia parte do programa de concurso. No entanto, nos primeiros desenhos de implantação não temos indícios desse jardim, mas sim de um outro, particular, associado a uma construção preexistente; ou o concurso camarário apenas se destinou a este lado da rua, ou o plano previu a preservação daquela preexistência. Parece evidente que o jardim público apenas foi contemplado aquando da alteração do plano para construir o bloco da Rua de Gonçalo Cristóvão. Não tendo Agostinho Ricca participado no bloco sobreposto à rua, pensamos ser pertinente supor que esta alteração ao plano já será da responsabilidade exclusiva de Benjamim do Carmo.

FIG. 404 - 405 Versão final de aditamento dos alçados das duas variantes na base nos módulos da Rua de Sá da Bandeira



Em 1958, no primeiro licenciamento dos lotes da Rua de Sá da Bandeira, já estava definida a imagem dos edifícios, diferindo do construído apenas no número de pisos: uma repetição de módulos idênticos nos talhões da Rua de Sá da Bandeira, com pequenas variações de dois em dois módulos na sua base para fazer o ajuste ao plano inclinado da rua. Esta base é inteiramente constituída por espaços comerciais que se distribuem pela cave, rés-do-chão e sobre-loja gerando, pontualmente, espaços de pé direito duplo.

O aditamento FIG.404 A 413, no ano seguinte, para além da volumetria, altera apenas os pisos de habitação; a base comercial e os pisos de escritórios mantiveram-se quase inalterados:

“A cave, rés do chão e entre-solo mantem-se como inicialmente destinados a instalações comerciais e as alterações projectadas não afectam grandemente as inicialmente previstas, tendo-se excluído no entanto a habitação do porteiro e o acesso ao logradouro através da caixa de escada principal.”¹ FIG.412 E 413

Para os escritórios temos várias salas com casas de banho comuns e acesso a partir de um amplo vestíbulo que permite facilmente associá-las. FIG.410 E 411

Os andares de habitação tinham duas versões no projecto inicial: para uns, pisos com solução de esquerdo/direito, a solução mais democrática visto ambos usufruírem da orientação a poente e para o jardim; para outros pisos, uma solução de esquerdo, direito e frente, significando que os dois apartamentos menores ficariam exclusivamente orientados a nascente.

¹ Citação de RICCA, Agostinho, CARMO, Benjamim do - Memória descritiva do aditamento de 17 de Setembro de 1959 ao projecto de licenciamento (Licença nº 338 de 1958).

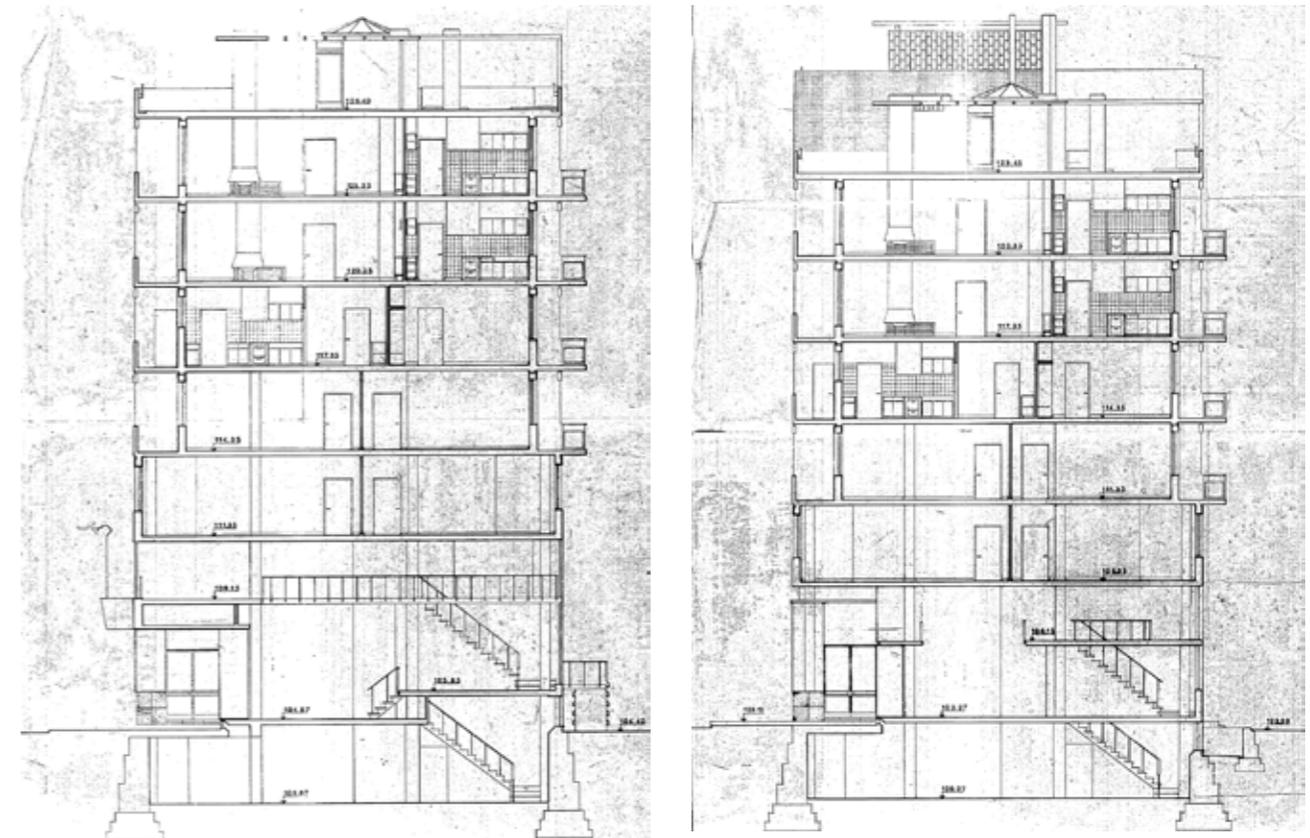


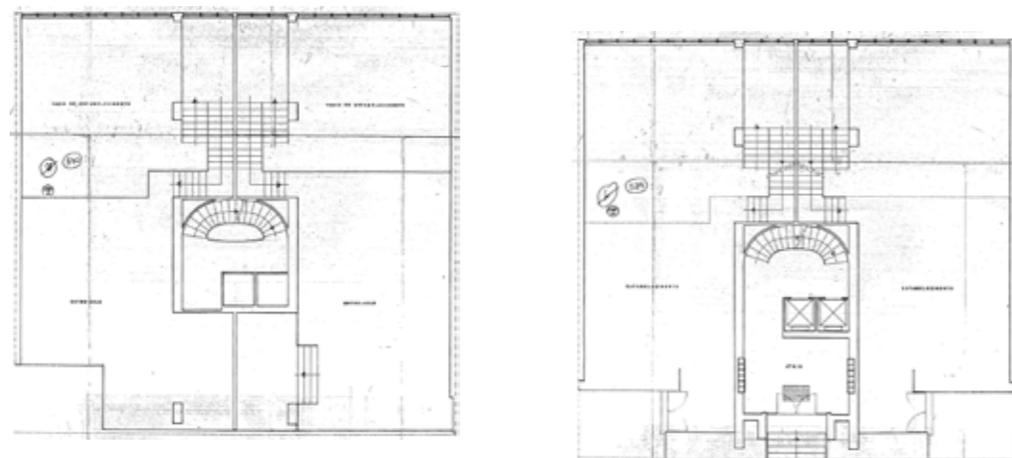
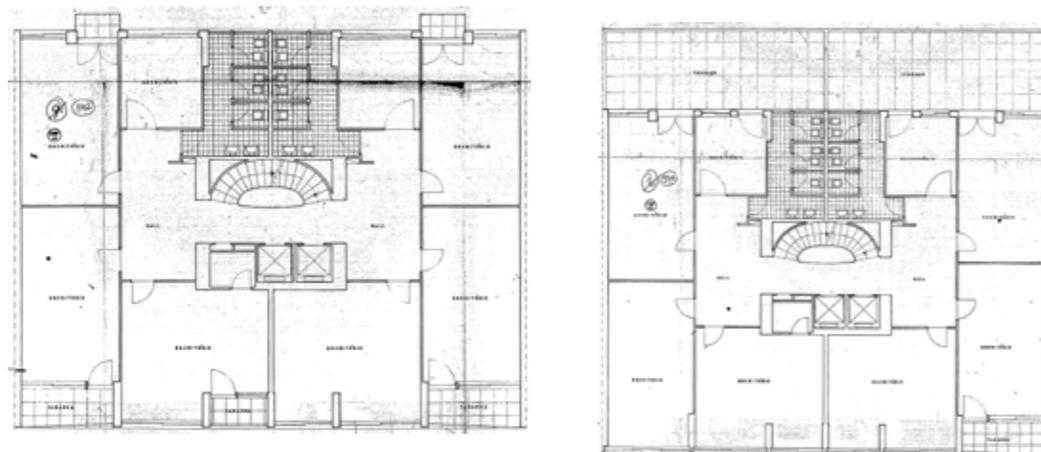
FIG. 406 - 407 Cortes transversais na versão inicial das duas variantes na base dos módulos da Rua de Sá da Bandeira

Na sua versão final temos quatro habitações por piso FIG.409, tal como no prédio do apartamento que anteriormente descrevemos neste conjunto FIG.290, ainda que aqui, para a distribuição entre eles, não tenhamos os desagradáveis corredores em “L”, mas um espaço de forma controlada, o patamar alongado até as suas entradas. São pequenos apartamentos de carácter modesto que se parecem destinar a um grupo social menos abastado, bem diferentes daqueles que vimos até agora nos outros prédios estudados. Aquando da sua visita, consideramos que poderia ser excepcional a reduzida dimensão do andar e dos compartimentos do andar visitado no lote a norte, já que podíamos ver, na sua implantação, que este lote tem menos profundidade que os restantes; no entanto podemos agora constatar que a tipologia que mais se repete neste conjunto não tem

dimensões muito superiores. São apartamentos de uma só frente e um aspecto que ressalta, desde logo, é o das suas cozinhas interiores que a legislação portuguesa, já na época, proibia. Para chegar aos quartos tem que se passar pela sua pequena sala que, tal como nos primeiros apartamentos, tem dimensões semelhantes à dos quartos. Um vestíbulo distribui para os quartos e para a única casa de banho, interior e ventilada por uma corete, situação comum nos dias de hoje mas que ocorre aqui pela primeira vez nos prédios em estudo.

**PLANTAS DE ADITAMENTO
DOS LOTES DA RUA DE SÁ DA
BANDEIRA (LIC. Nº 338 DE 1958)**

FIG. 408 Piso recuado
FIG. 409 Piso tipo de habitação
FIG. 410 Piso tipo de escritórios
FIG. 411 1º andar
FIG. 412 Sobreloja
FIG. 413 Rés-do-chão



Na primeira versão, já com cobertura plana, o terraço tinha uma utilização comum a todas as habitações, com os respectivos espaços de lavandaria, e foi só em aditamento que se criaram aí apartamentos, apenas dois e com usufruto do terraço **FIG.408**. Pela primeira vez nos prédios estudados, o único espaço da área de serviço, onde nem uma lavandaria foi prevista depois de serem anuladas as que na primeira versão estavam previstas no terraço, é a cozinha.

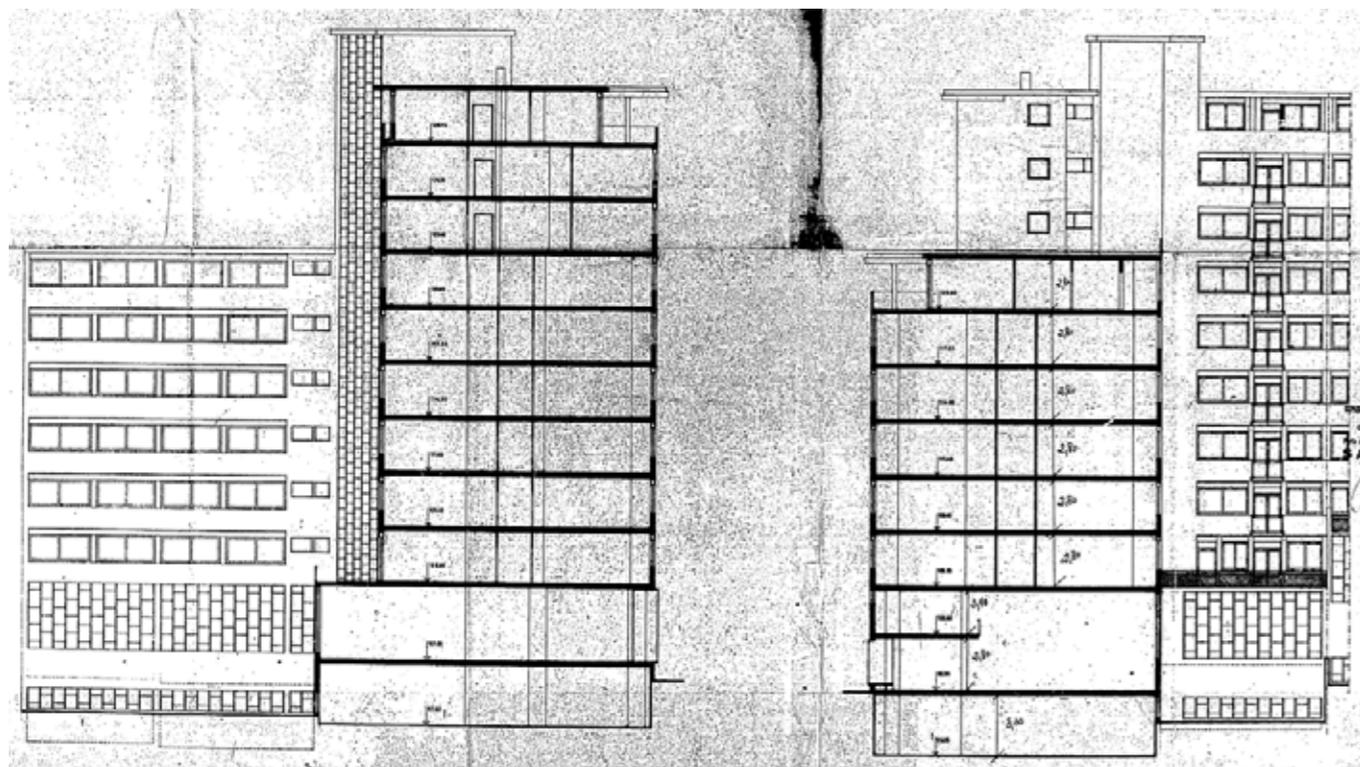
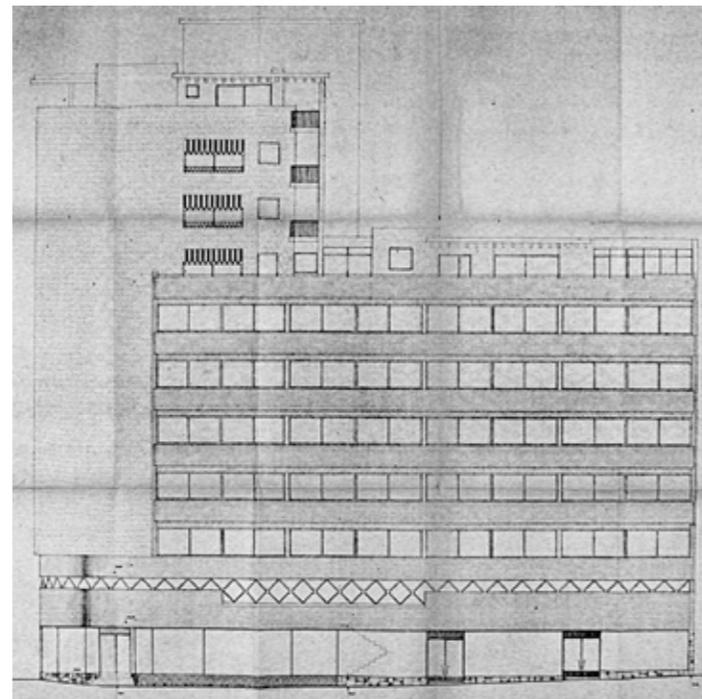
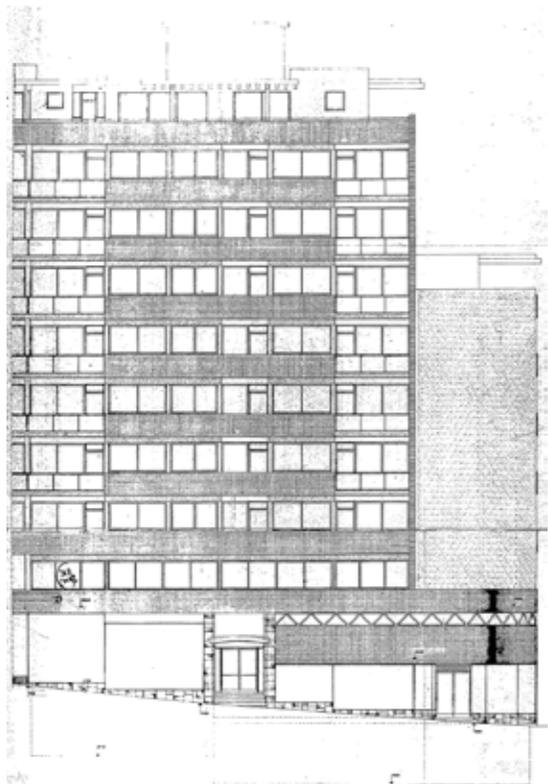
Nos apartamentos do nível do terraço, as áreas privadas têm três quartos orientados a nascente e separam-se das áreas sociais logo no hall de entrada. Nas áreas sociais, temos duas salas, a cozinha e uma casa de banho de serviço; a sala com melhor exposição de luz e melhor relação com o terraço é legendada como sendo uma sala de trabalho e é a outra, pouco maior do que um quarto que tem, na legenda, a designação de sala comum e uma ligação directa à cozinha. Não conseguimos entender esta organização, sobretudo quando não vislumbramos qualquer impedimento para encostar a cozinha à meação, no alinhamento vertical das cozinhas do piso-tipo, e fazer uma sala comum com dimensões adequadas à dimensão do apartamento. Presumimos que a sala legendada de comum será utilizada, na prática, como sala de jantar e a outra como sala de estar. O espaço destinado à sala de trabalho é, por sua vez, subdividido em dois espaços através de um plano que, como um biombo, penetra no seu espaço no alinhamento da parede que, no lado oposto, separa os dois vãos.

O licenciamento que se seguiu, em 1960, foi o do prédio que remata inferiormente o bloco de que os módulos que acabamos de analisar fazem parte. Encontra-se na sequência destes, já na esquina com a Rua de Guedes de Azevedo, onde este bloco e o da Rua de Guedes de Azevedo se interceptam. Os desenhos que aqui se apresentam são já de um aditamento **FIG.414 A 425**, também de 1960, onde se fundiram dois talhões num só, “criando assim um imóvel com tal escala que nesta cidade apenas dois edifícios possuem, os normalmente designados por **Palácio do Comércio FIG.186 A 188** e **Palácio do Atlântico FIG.18**.”²

Nas suas plantas **FIG.417 A 425**, para além de vermos os desenhos que estiveram na origem das belíssimas e interessantes escadas comuns **FIG.293 A 298**, podemos ver como eram os apartamentos que visitamos na cobertura, antes de serem transformados. Existe um acesso único desde a Rua de Sá da Bandeira e, no seu amplo hall de entrada, vislumbramos no seu enfiamento umas escadas em elipse que vencem a altura dos dois primeiros pisos comerciais. Nos pisos seguintes, num amplo vestíbulo que distribui para os escritórios, esta escada desloca-se para o troço da curva larga da elipse, encostada a uma parede que lhe acompanha o movimento já desde o piso térreo. No piso superior de escritórios, a parede e escadas duplicam-se pelo lado interior para reduzir à dimensão deste vestíbulo nos pisos de habitação, os pisos superiores do bloco da Rua de Sá da Bandeira.

As habitações da cobertura **FIG.425** são dois pequenos apartamentos, com menos quartos que os anteriores, mas que, a avaliar pelo desenho das suas áreas de serviço onde, entre outros espaços, voltam a existir instalações para uma empregada interna, presumimos destinarem-se a um grupo económico superior. Para além destes, voltamos a ter apartamentos nos dois pisos inferiores, maiores do que os do terraço, mas com concepções semelhantes: **FIG.424** o projecto prevê vários armários embutidos e, tal como em outros projectos anteriores, os desenhos representam o mobiliário que, no entanto, aqui adquire um outro carácter: esta representação não é simplesmente indicativa, nem um mero teste à planta, não se desenham apenas os móveis de maior porte mas também o mobiliário auxiliar, percebendo-se que a sua disposição influiu no dimensionamento e configuração dos espaços. O seu espaço não é estático, mas articulado e fluido: as salas comuns são constituídas por dois espaços abertos e articulados entre si, mas independentes; a distribuição não se opera por vestíbulos ou corredores, mas por amplos e sinuosos percursos; as paredes funcionam como biombos, fechando perspectivas; o seu utilizador, tal como nas escadas do prédio, é seduzido e induzido numa clara gradação desde a entrada do público até ao privado.

² Citação de RICCA, Agostinho, CARMO, Benjamim do - Memória descritiva do aditamento de 9 de Março de 1960 ao projecto de licenciamento (Licença nº 128 de 1960).



PLANTAS DA VERSÃO FINAL DE ADITAMENTO AO LICENCIAMENTO Nº 128 DE 1960 DO PRÉDIO DE ESQUINA COM A RUA DE GUEDES DE AZEVEDO

- FIG. 417 Cave
- FIG. 418 Rés-do-chão
- FIG. 419 Sobreloja
- FIG. 420 1º andar
- FIG. 421 2º, 3º, 4º e 5º andares
- FIG. 422 6º andar
- FIG. 423 7º e 8º andares
- FIG. 424 9º andar
- FIG. 425 Cobertura

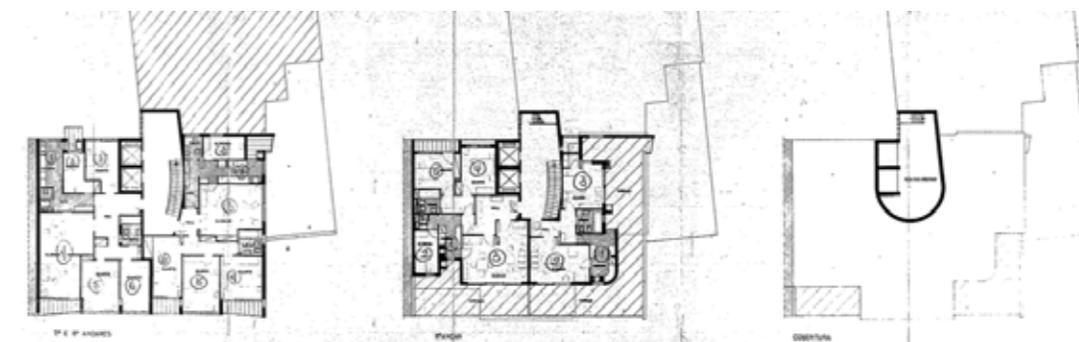
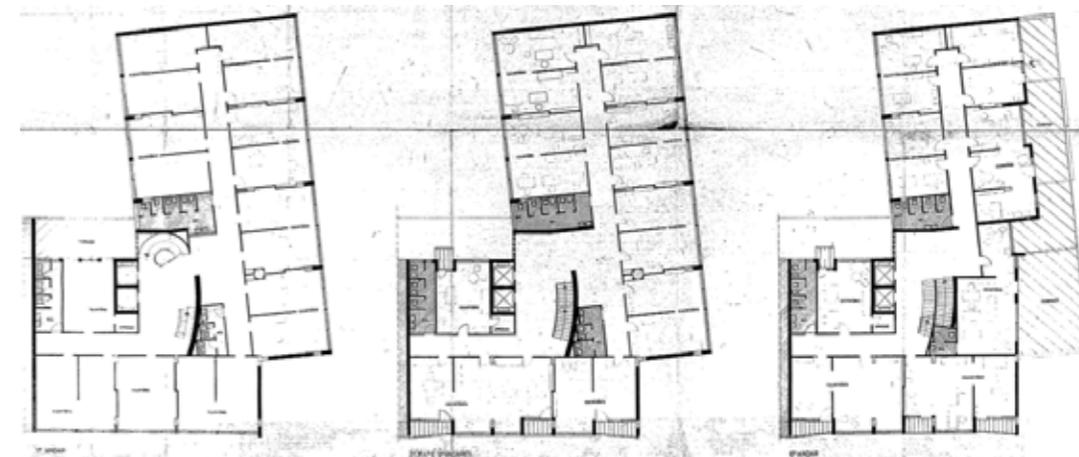
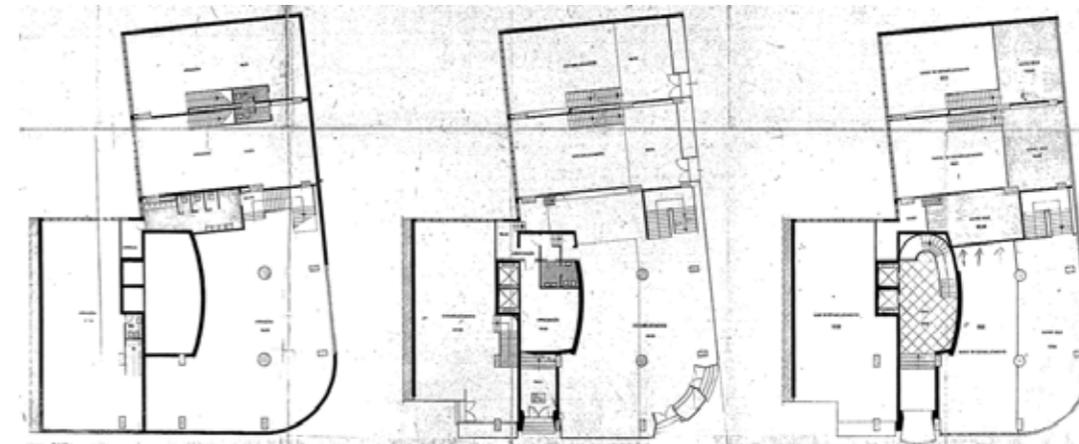
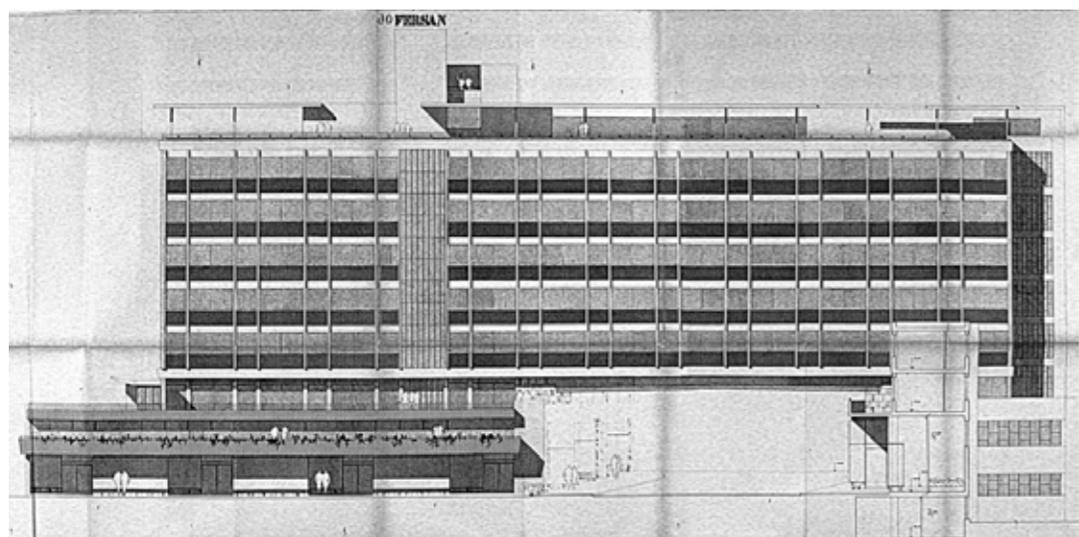
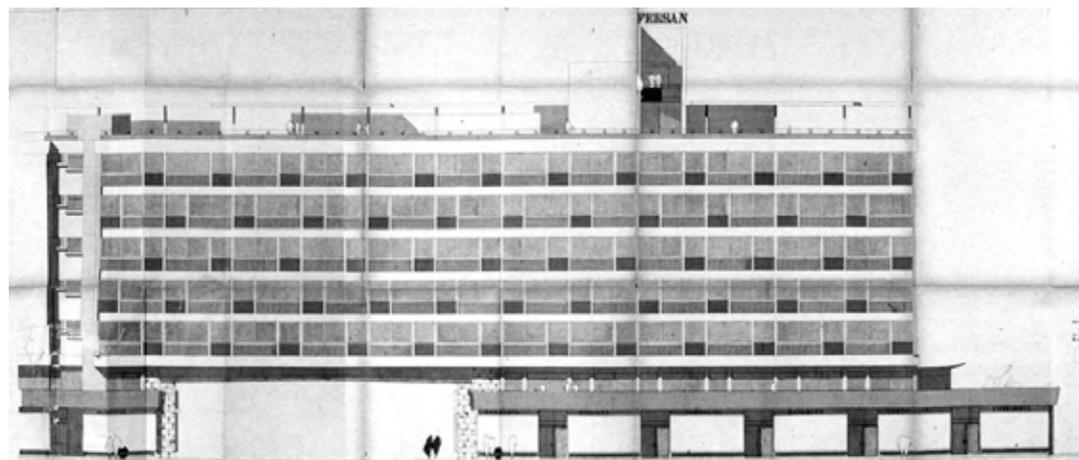


FIG. 414 - 416 Alçados e cortes de aditamento ao licenciamento nº 128 de 1960 do prédio de esquina com a Rua de Guedes de Azevedo



ALÇADOS DO LICENCIAMENTO
Nº 682 DE 1961 DO BLOCO DA
RUA DE GONÇALO CRISTÓVÃO

FIG. 426 Norte
FIG. 427 Sul

Para o bloco de Gonçalo Cristóvão, licenciado em 1961 **FIG. 426 A 438**, exclusivamente destinado a escritórios, a entrada efectua-se sob o bloco onde este se sobrepõe à rua, no qual um hall generoso nos conduz até às suas circulações verticais. Corredores centrais, com uma inflexão apenas no hall de cada piso, distribuem para vários compartimentos com uma modulação coincidente com a da estrutura de “pilotis” recuados relativamente ao plano de fachada; o alçado livre com janela corrida e os tabiques permitem com facilidade alterar a disposição e adequar a organização de cada piso às diversas solicitações de funcionamento, apenas comprometida pelos blocos de sanitários comuns e circulações verticais.

Faz parte do processo de licenciamento do Bloco de Gonçalo Cristóvão o corpo baixo de ligação entre este bloco suspenso sobre a rua e o outro ao longo da rua, inicialmente destinado a escritórios e alterado para habitação em sucessivos aditamentos, posteriores aos desenhos aqui ilustrados. A ligação apenas se conclui com a construção do prédio que remata superiormente o bloco ao longo da Rua de Sá da Bandeira, cujo licenciamento já data de 1963; apenas apresentamos aqui a planta do piso tipo de habitação **FIG. 439**, onde se vê que a diferença entre o apartamento que visitamos e os restantes, no mesmo piso, é mínima e se deve apenas a adaptações aos ritmos de alçado.

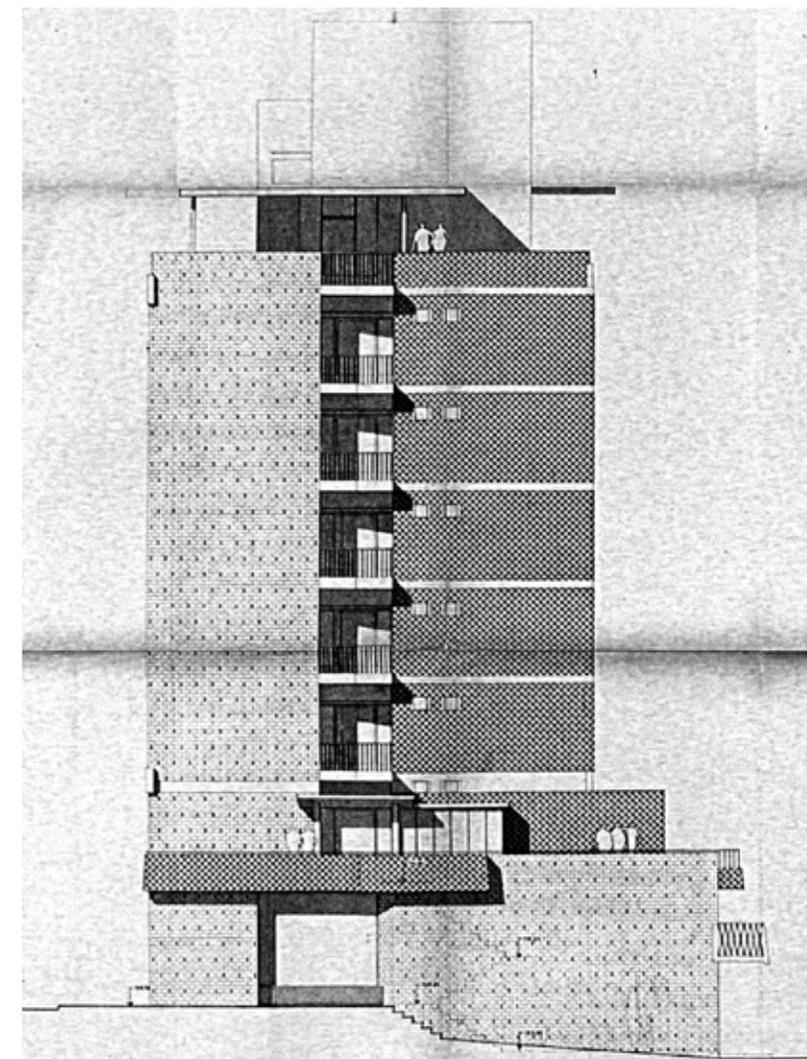
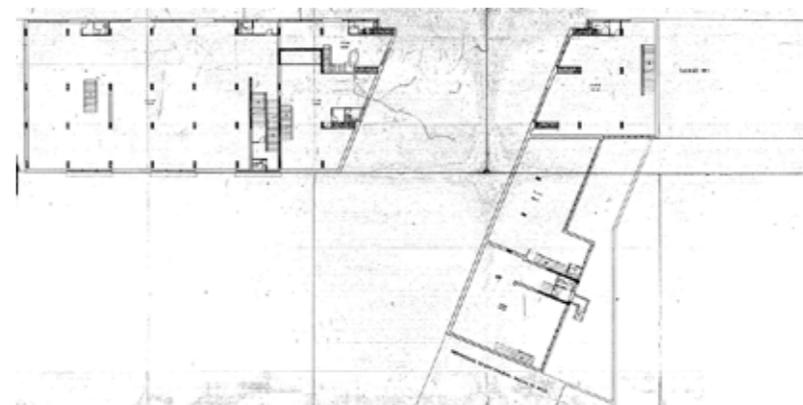
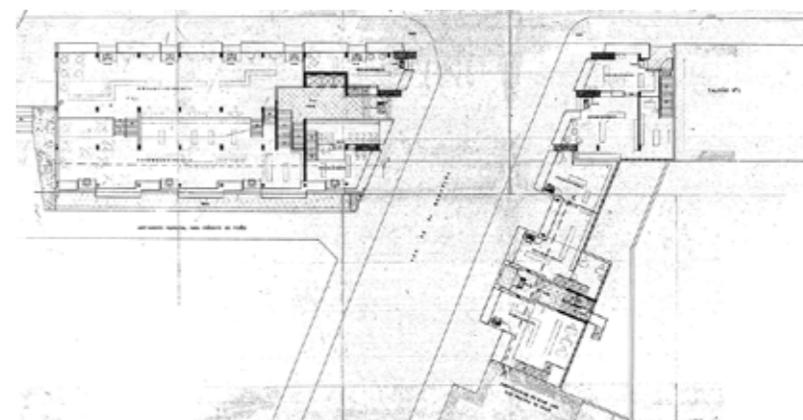
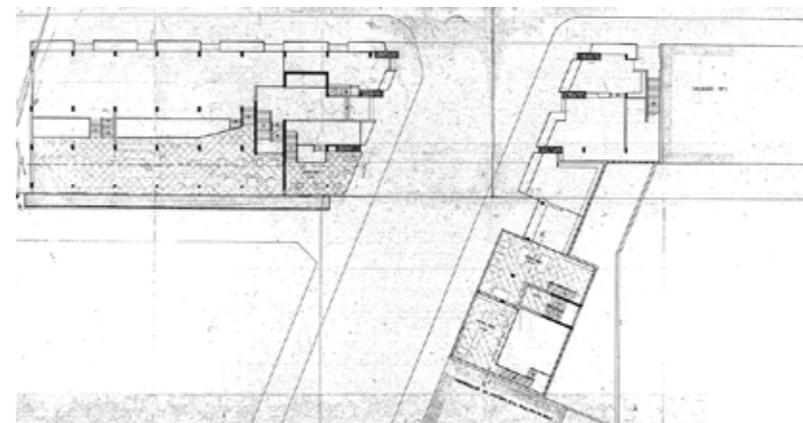
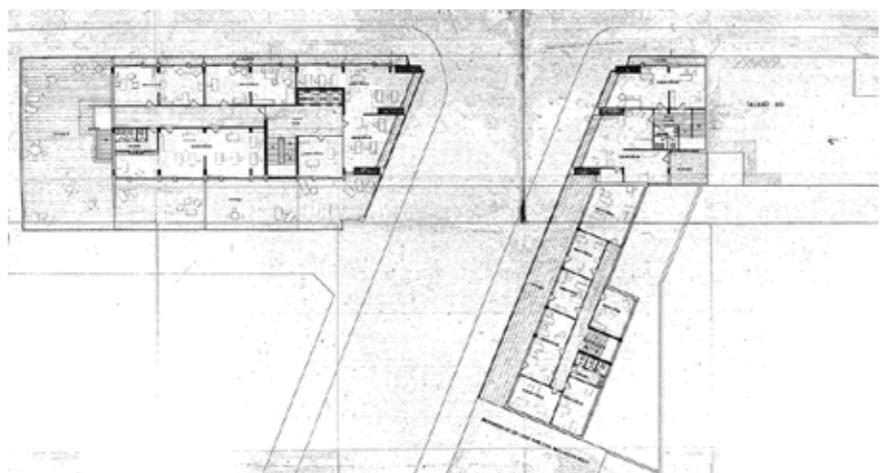
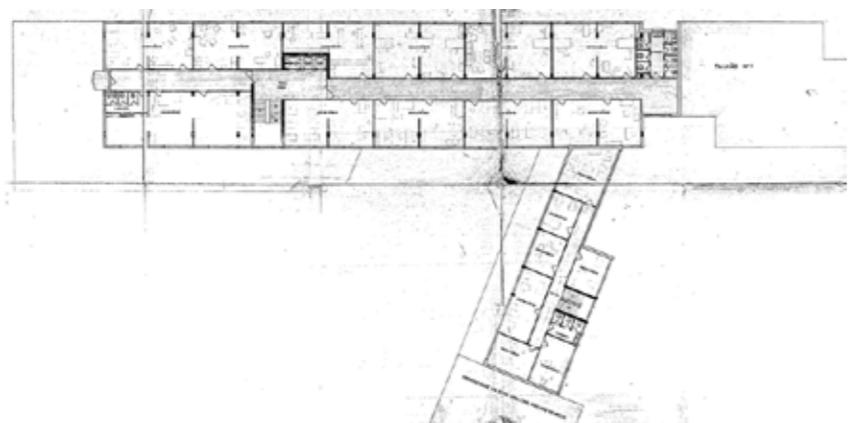
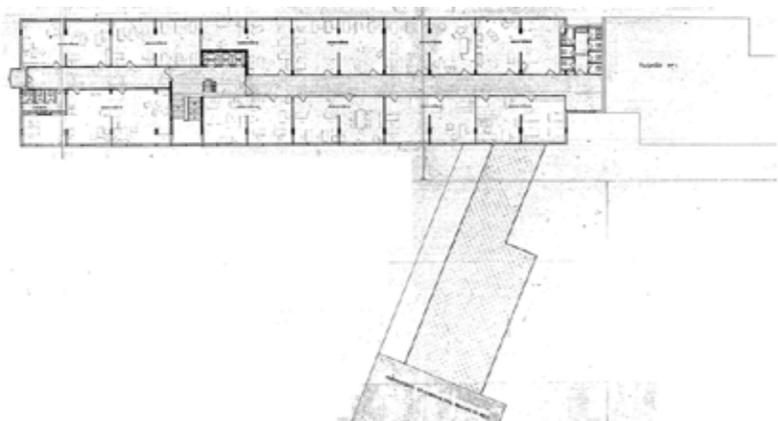


FIG. 428 Poente



PLANTAS DO LICENCIAMENTO
Nº 682 DE 1961 DO BLOCO DA RUA
DE GONÇALO CRISTÓVÃO

- FIG. 429 3º, 4º, 5º e 6º andares
- FIG. 430 2º andar
- FIG. 431 1º andar

- FIG. 432 Sobreloja
- FIG. 433 Rés-do-chão
- FIG. 434 Cave

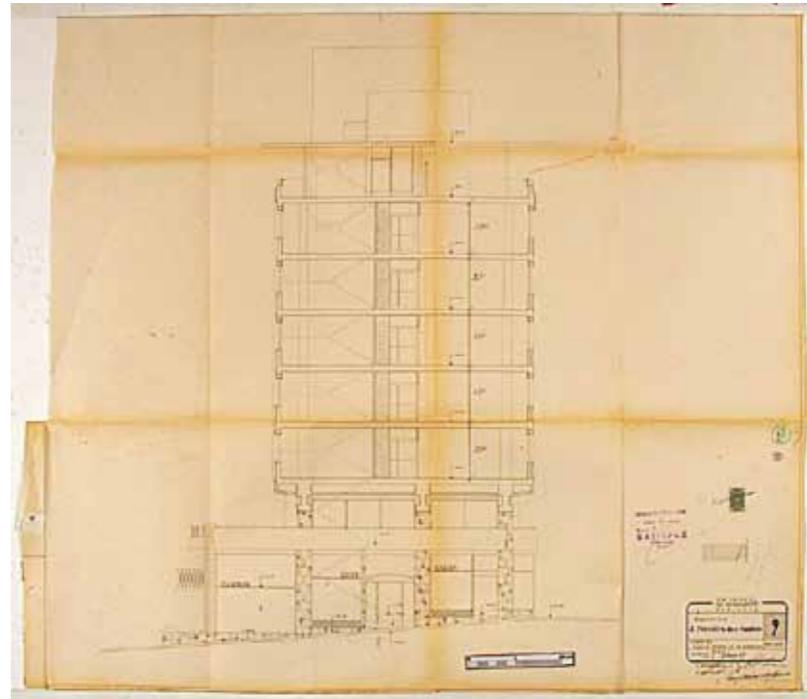


FIG. 435 - 436 Cortes transversais do licenciamento nº 682 de 1961 pelo pórtilo sobre a Rua de Sá da Bandeira do bloco da rua de Gonçalo Cristóvão

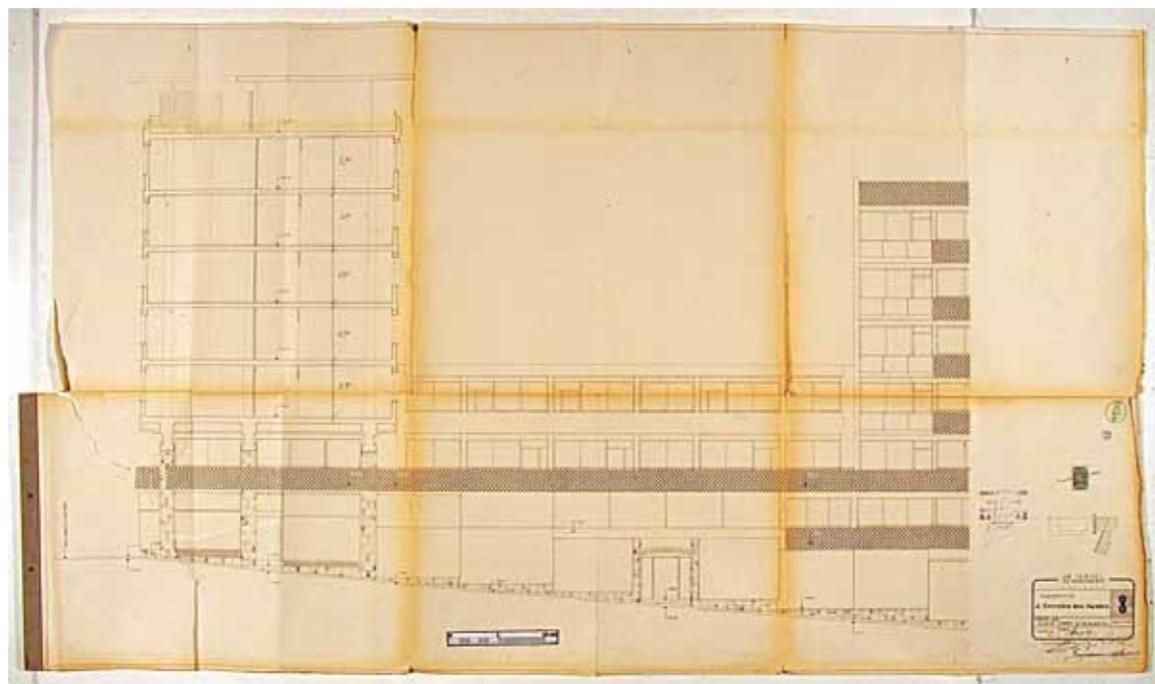


FIG. 438 Planta do rés-do-chão do 2º aditamento ao licenciamento nº 682 de 1961 ao nível do parque

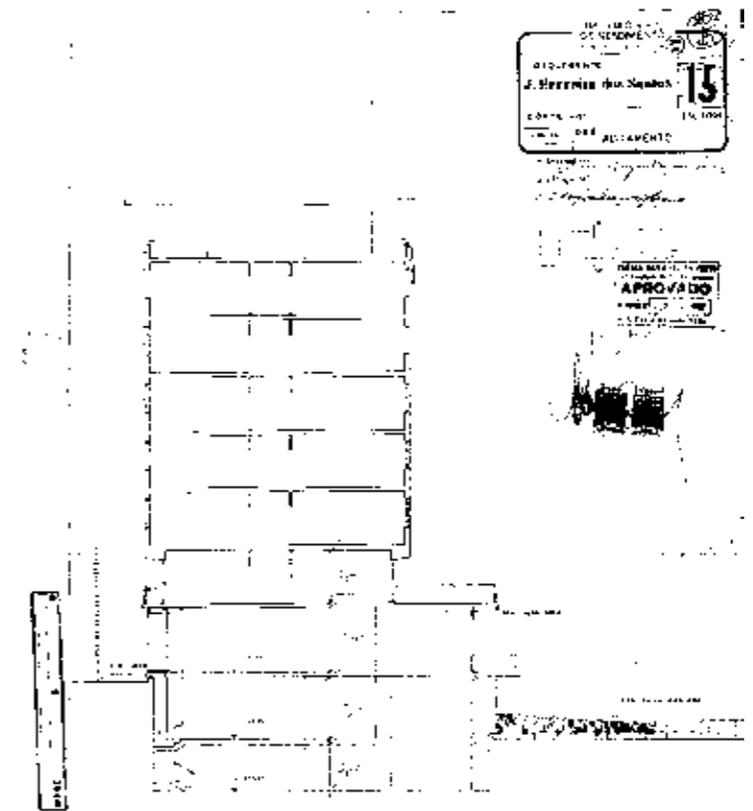


FIG. 437 Corte transversal do 2º aditamento ao licenciamento nº 682 de 1961 do bloco da Rua de Gonçalo Cristóvão



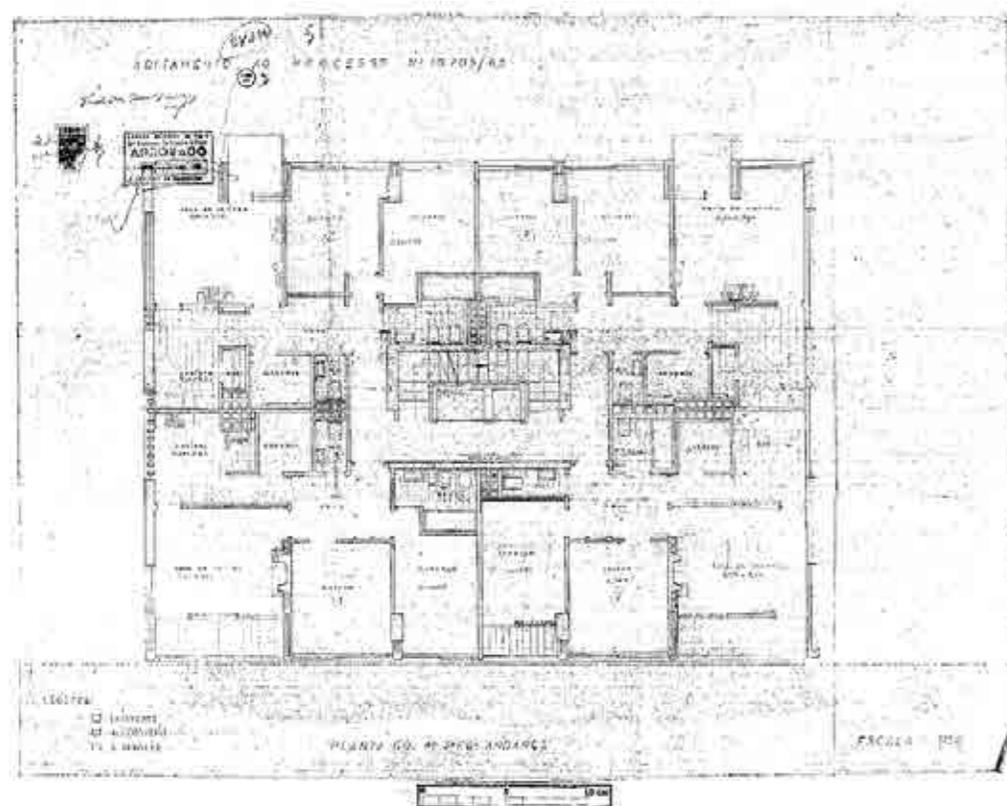
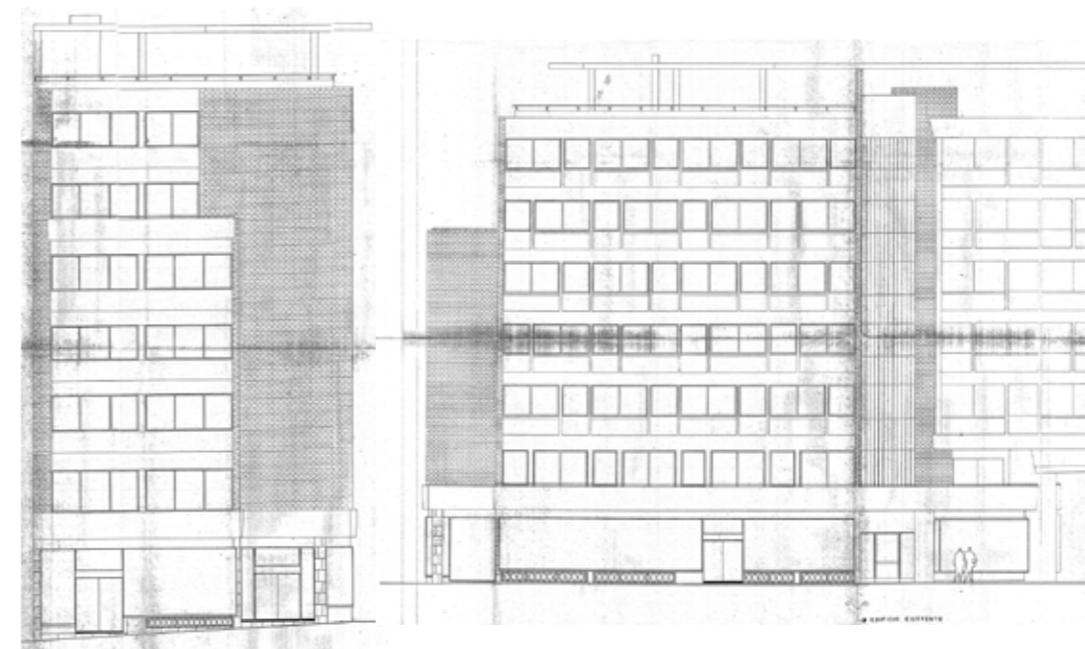


FIG. 439 Planta do 1º aditamento ao licenciamento nº 206 de 1963 do piso tipo do prédio que remata superiormente o bloco da Rua de Sá da Bandeira

O conjunto apenas se finaliza com o licenciamento, já datado de 1969, do prédio de remate do bloco de Gonçalo Cristóvão FIG.440 A 443, onde este faz o giro para a Rua de Santa Catarina; apesar do aspecto unitário do bloco, o prédio é autónomo, é um lote independente, com acessos próprios pela rua de Gonçalo Cristóvão e destina-se também exclusivamente a escritórios.

Todos os edifícios do conjunto têm uma estrutura independente de pilares e lajes de betão armado com paredes em alvenaria de tijolo, inclusive as exteriores, duplas e com caixa-de-ar, no entanto, continuam a utilizar-se alvenarias de granito nas meações.

Para concluir este capítulo, incluímos aqui alguns dos desenhos de detalhes de caixilharia que fazem parte do processo de licenciamento 128/60 FIG.444 A 449, ainda com a assinatura dos dois autores; são comuns aos dos edifícios entretanto licenciados e, eventualmente, até já farão parte do seu projecto de execução.



LICENCIAMENTO Nº 606 DE 1969 DO MÓDULO DA ESQUINA DAS RUAS DE GONÇALO CRISTÓVA E SANTA CATARINA

FIG. 440 Alçado da Rua de Santa Catarina
FIG. 441 Alçado da Rua de Gonçalo Cristóvão



FIG. 442 Plantas da cave, rés-do-chão, 1º andar, piso tipo, 5º andar e 6º andar

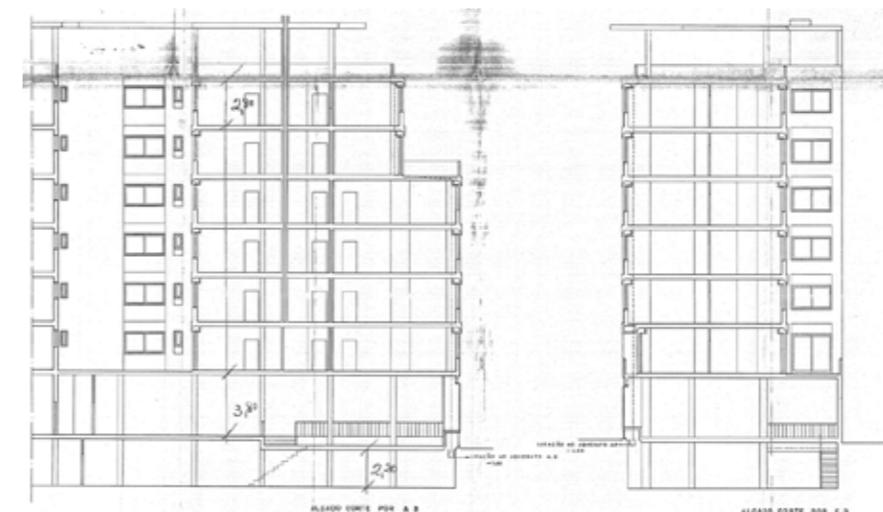


FIG. 443 Cortes

PORMENORES DOS CAIXILHOS
DE MADEIRA
(ANEXO À LIC. N.º 128 DE 1960)

FIG. 446 Alçado
FIG. 447 Corte vertical pela porta

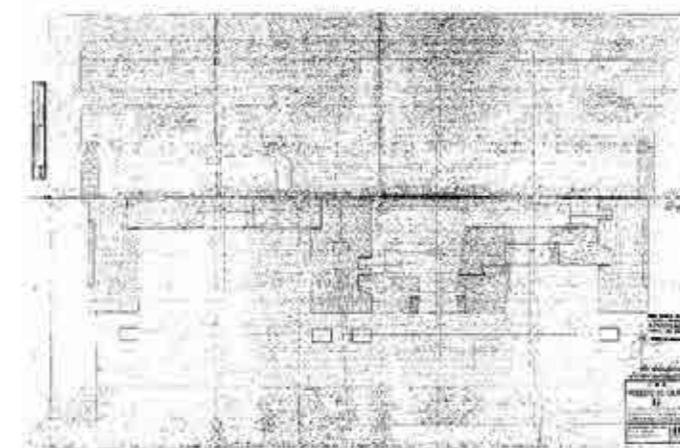
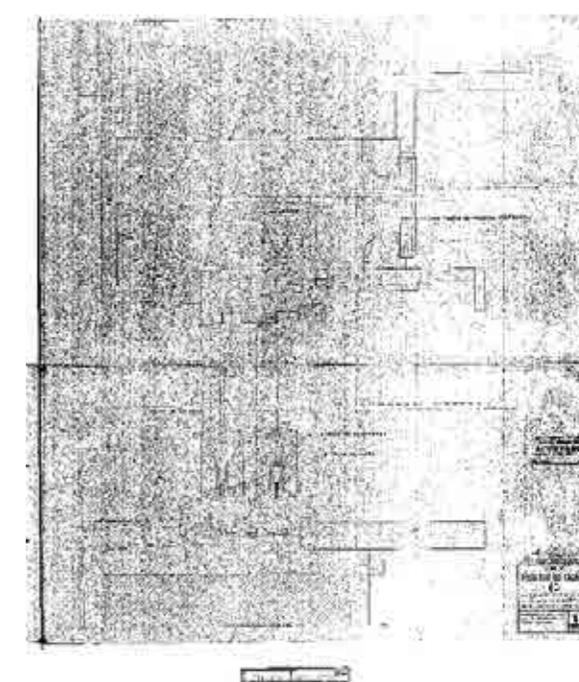
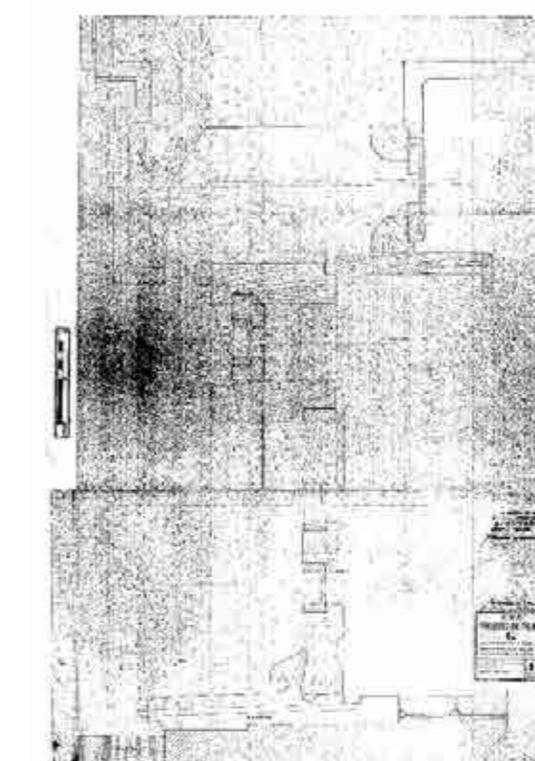
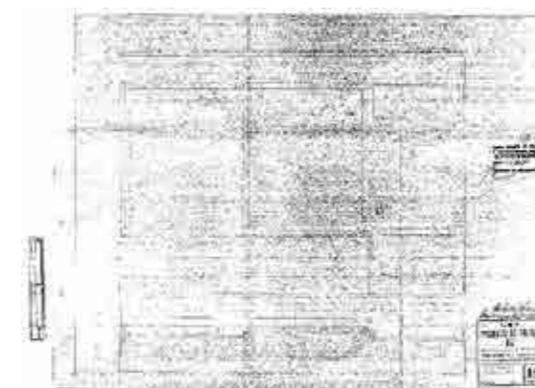
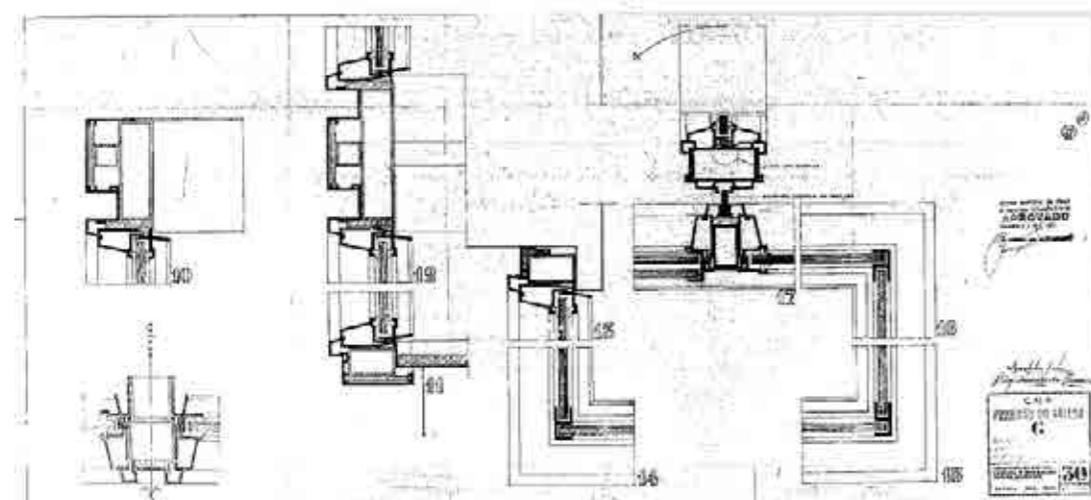
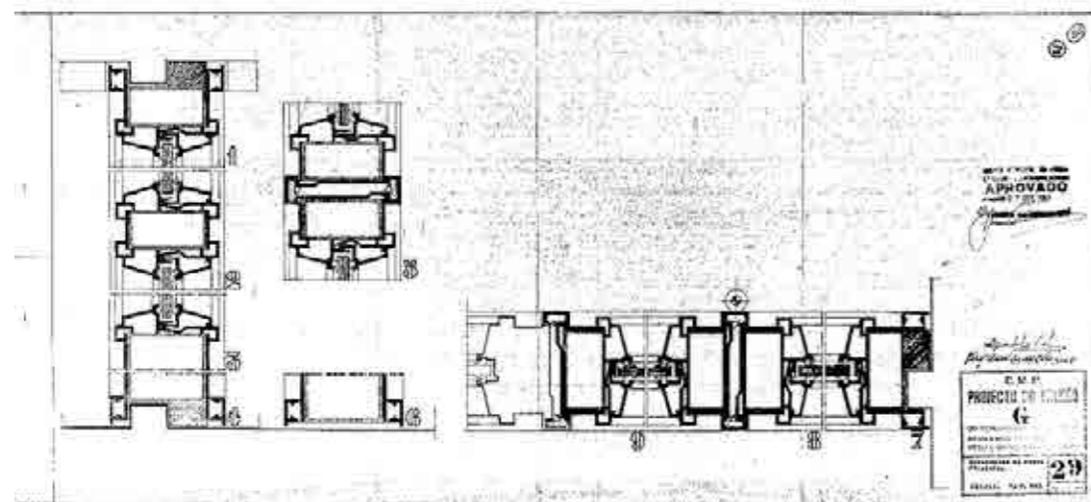


FIG. 448 Corte vertical pela janela
FIG. 449 Planta.



PORMENORES DOS CAIXILHOS
DE ALUMÍNIO
(ANEXO À LIC. N.º 128 DE 1960)

FIG. 444 Porta principal
FIG. 445 Entrada e montra dos
espaços comerciais.